

**TOTOBOLA
E TOTOLOTO:
FICAM 900 MIL
CONTOS
DE PRÉMIOS
POR LEVANTAR**

Pág. 20

Diário de Lisboa

ANO 68

N.º 22 845

Quarta-feira, 21 de Dezembro de 1988

Preço 50\$00

PSD extingue Comissão da Condição Feminina

MULHERES EM FÚRIA



Deputadas protestam. Sob o retrato de D. Maria, Lúsa Amorim, Natália Correia, Julieta Sampaio, Teresa Santa Clara Gomes

O ano parlamentar encerrou em meio a violenta contestação verbal de uma decisão assumida pelo presidente Vítor Crespo, a coberto do indementido apoio da bancada do PSD. Em questão esteve a extinção da Comissão da Condição Feminina e foram as mulheres-deputadas da Oposição que protagonizaram a contestação, defendendo as posições conquistadas e a continuação de um instrumento privilegiado de aplicação prática da igualdade de direitos. As deputadas recusam ser «meros jarões da Assembleia», disse a deputada socialista Julieta Sampaio.

Págs. 4 e 5



COMITÉ CENTRAL NÃO SE DECIDIU **Pelouros da direcção do PCP** **ainda não foram distribuídos**

O Comité Central do PCP que durante dois dias esteve reunido, em Lisboa, acabou por não decidir a distribuição de pelouros da nova direcção, saída do recente Congresso Extraordinário. Esse era o ponto que mais curiosidade despertava entre os observadores.

Pág. 2

CGTP e UGT analisam
(em reuniões separadas)
hipótese de greve geral:
mas não deve ser já

Pág. 11

MELO-Schneider

Schneider

EURO PC

A EUROPA
CONCORDA

(monitor incluído)

★ **CURSO DE FORMAÇÃO (OFERTA)** ★

MELO
INFORMÁTICA

LOJA MELO:
SCHNEIDER COMPUTER CENTER
Rua Gonçalves Crespo, 18-C — 1100 LISBOA
Telefones: 54 99 04 - 52 56 69 — Hor.: 2.ª a 6.ª das 9.30 às 19.30 — Sáb. das 9.30-13.00

Na Concelhia de Guimarães do PS

Derrota gamista
"demite" dirigentes

Quatro membros da Comissão Política Concelhia de Guimarães do PS, entre os quais o presidente, demitiram-se na sequência dos resultados altamente desfavoráveis para a candidatura de Jaime Gama, que apoiavam, segundo apurou ontem a LUSA.

António Fernandes, presidente da Concelhia vimaranense, renunciou ao cargo na passada segunda-feira, sendo secundado por Francisco Teixeira, Alberto Oliveira e Raul Rocha, membros do executivo e do secretariado da estrutura. Este último dirigente justificou a atitude com a «disputa local» que se gerou em Guimarães em torno da eleição dos delegados para o Congresso. «Havia quem

nelas quisesse ver a prova de quem tinha mais força na secção», explicitou, acrescentando que a derrota de 7-1 da lista gamista foi «de uma maneira clara, desfavorável aos actuais dirigentes». José Albino da Costa e Silva assumiu a presidência da concelhia, enquanto os restantes órgãos deverão ser brevemente refeitos.

Recorde-se que Jorge Sampaio obteve em Braga uma votação superior à média nacional, ao conquistar cerca de 69 por cento dos delegados. De nada valeu a Gama o triunfo na sede da Federação, por 9-3, que provou a influência de Mesquita Machado, presidente da Câmara, entre os socialistas da cidade.

Reunião política do PCP

O CC É NOVO MAS AS IDEIAS SÃO VELHAS

Sem grandes novidades, terminou hoje a primeira reunião política do novo Comité Central do Partido Comunista Português. Da agenda constavam análise da situação nacional e internacional e a organização do trabalho de direcção à luz das resoluções do XII Congresso. No entanto, o primeiro ponto parece ter absorvido quase por completo os dirigentes comunistas, pois do funcionamento do novo CC pouco ou nada se ficou a saber.

Na realidade, durante a conferência de imprensa dada esta manhã por quatro membros da direcção - Domingos Abrantes, Luís Sá, Carlos Carvalhas e Aurélio Santos - nada foi dito quanto à futura distribuição de pelouros nem em relação à constituição das comissões especializadas e à sua responsabilização, assunto que será certamente decidido durante a próxima reunião do CC, a realizar em Janeiro.

Por esclarecer ficaram igual-

mente as funções exactas da Comissão Executiva da Comissão Política, órgão criada durante o último congresso dos comunistas, e cujo o papel face aos outros órgãos directivos do partido não é muito clara, excepto se considerarmos que se trata do organismo de preparação para a sucessão de Álvaro Cunhal.

A actual situação política, pelo contrário, foi objecto de análise pormenorizada. No que se refere à revisão constitucional, o PCP apelou uma vez mais aos socialistas para que se desvinculem do acordo assumido com o PSD, incitando sobretudo a futura direcção do PS a «não alegar vinculações anteriormente assumidas para transferir as suas próprias responsabilidades na manutenção e aplicação do acordo com a direita».

Também a acção do Governo comunicação social foi sujeita a violentas críticas, nomeadamente no que refere à anunciada supressão do sector público

da imprensa e à redução deste sector no domínio da televisão e da rádio. Uma vez mais o PS foi chamado à atenção pois «abandonou a sua exigência de que a matéria da comunicação social seja regulada por lei votada por maioria de dois terços».

Governo prepara
«sacos azuis»

Analisando a actual situação económica, os comunistas consideraram que «em 1989 haverá um aumento da carga fiscal e da tributação sobre os rendimentos do trabalho, ao mesmo tempo que os rendimentos do capital serão beneficiados». O Governo foi ainda acusado de subavaliar as receitas, «constituindo verdadeiros sacos azuis para serem usados nos períodos de pré-campanha eleitoral».

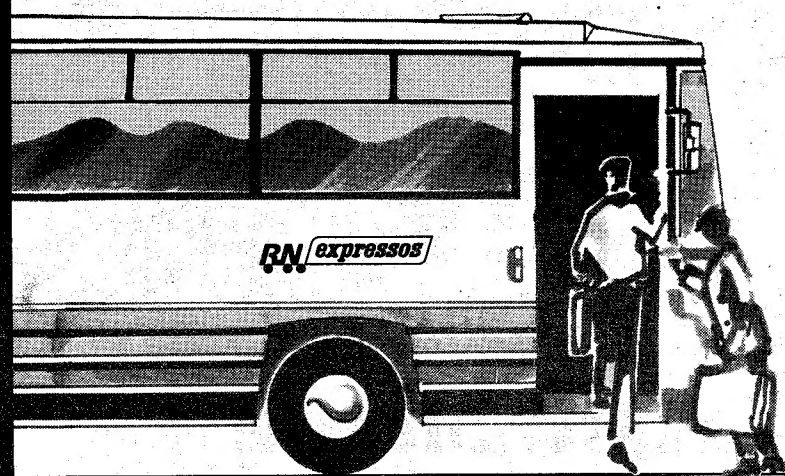
De eleições falaram ainda os comunistas, mas desta vez para anunciar a preparação dos escurtínios para o Parlamento Europeu e para as autarquias.

Também aqui o comportamento dos socialistas mereceu reprovações: «O CC chama a atenção para a gravidade de o PS admitir alianças contra a CDU com o PSD, ao mesmo tempo que até agora rejeitou alianças com o PCP para enfrentar a direita». Contudo, os comunistas escusaram-se de especificar quais as acções que levarão a cabo para combater esta política, falando apenas, e como é habitual, da necessidade de convergência democrática.

A possibilidade da realização de uma greve geral recebeu o maior apoio por parte dos comunistas.

Fianlmente, o PCP congratulou-se com as iniciativas de paz verificadas internacionalmente durante 1988, referindo-se especificamente às intenções de desarmamento unilateral declaradas por Gorbatchov na ONU, ao «Protocolo de Brazaville» e ao acolhimento de Yasser Arafat por parte da Assembleia das Nações Unidas.

Comprando antecipadamente o seu bilhete, este Natal vai ser chegar e andar!



RN expressos

Em Lisboa criámos mais horários
para si... FELIZ NATAL



UM FIM DE ANO FRIO

O ano de 1988 vai findar. Vive os seus últimos dias. Foi um ano de apaixonantes e apaixonadas polémicas, de debates políticos, de congressos partidários, de estabilidade política e de instabilidade social, de governação monopartidária. As Grandes Opções do Plano sofreram contestação. Contestado foi o Orçamento do Estado. A inflação não se conformou com as previsões apaziguadoras do ministro Cadilhe e ronda os 10 por cento. Os rendimentos do trabalho degradam-se. Mas há fortunas que crescem. Consumos que sobem. Negócios — e negociatas — que prosperam.

Como novidade de fim do ano, dizem-nos que pagaremos mais caro, a partir de 1 de Janeiro, os passes sociais e os táxis, os telefones e os correios, o gás urbano, as taxas da RDP e da RTP, a água, o pão. É uma decisão do Governo. O pão terá um aumento de 3,6 por cento. Os passes sociais custarão mais 6 por cento. O gás quer em garrafas quer da cidade terá aumentos superiores a 8 por cento.

As rendas das habitações, os preços dos andares, o custo do vestuário, sofreram agravamentos consideráveis. A saúde familiar e a educação dos filhos pesa cada vez mais nos orçamentos. Vista, do ângulo do cidadão comum, da "dona de casa de casa pobre" como costumava dizer António Sérgio, a situação mostra-se refractária ao optimismo risonho e confiante dos políticos que nos governam. Porque, como sucedeu há dias com o Primeiro-Ministro, reconhece-se, por um lado, que existem situações particulares, locais, de deprimente miséria, de penosas carências, mas, por outro lado, referindo-se à situação global do País, o discurso oficial é de um estranho optimismo.

Optimismo esse que não pode ser considerado como uma resposta às negras cores das críticas oposicionistas ou como um apelo repousante ao eleitorado, que exprime uma visão autumistificadora da situação nacional. O Governo fala para o eleitorado de 19 de Julho de 1987, como se nada tivesse acontecido, como se as condições políticas e sociais fossem as

mesmas, como se a contestação da actividade governativa não tivesse ultrapassado as fronteiras da política e não tivesse invadido diversificadas áreas sociais.

As lutas, reivindicações e protestos de agricultores, médicos, professores, funcionários públicos, pequenos empresários, advogados, magistrados, funcionários judiciais. A Justiça paralísada, como esteve e ameaça novamente vir a estar. Um poder de Estado, um braço da soberania, em greve. É uma situação crítica e reveladora de manifesta instabilidade social. As classes movimentam-se. Os sectores socioprofissionais agitam-se. O País real está em movimento. Contesta o País político. E mesmo em relação às oposições políticas a contestação de ponta, a movimentação das massas transfere-se para as organizações sindicais. Estas desempenham um importante papel de protesto, de reivindicação e de elaboração de soluções políticas, económicas e sociais.

Numa mensagem que se propõe distribuir neste final de ano, a Liga Operária Católica (equipa diocesana de Braga) comenta a contradição entre o discurso oficial e a situação social concreta. Citamos: "Tudo está montado para nos dar a sensação de que vivemos numa sociedade em abundância, fazendo esquecer as grandes manchas de pobreza, de fome, doença, trabalho infantil e toda uma degradação social bem patente na nossa sociedade." E segundo a Liga Operária Católica da diocese de Braga: "Uma reflexão mais profunda leva-nos a concluir que o sentido libertador do Natal está radicalmente manchado na sociedade em geral e no mundo do trabalho em particular. Que esta mensagem de Natal nos inquiete e que a vivamos em todos os dias do ano." E noutro passo a mensagem afirma: "Hoje a qualidade de vida dos trabalhadores e suas famílias está muito degradada, porque o direito à saúde, um bem essencial, é ainda entre nós um produto de luxo que se obtém raramente. Por incompatível para as bolsas operárias."

As centrais sindicais, tanto a CGTP como a UGT, na crítica coincidentes, na contestação solidárias, encaram a necessidade de desencadear formas duras de luta contra aquilo que consideram a "nova versão do pacote laboral". Sem negar que algumas al-

terações se verificaram, o dirigente da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, acusa a permanência de uma tendência patente para privilegiar os interesses do grande patronato, e, nas empresas, para concentrar os poderes nas mãos do empresário-patrão. A UGT mostra-se disposta a reagir e a não aceitar a situação dos trabalhadores. O Presidente da República diz-se preocupado.

De novo se fala de greve geral. O Governo parece indiferente às grandes movimentações e aos protestos. Veja-se o que sucedeu com os juizes. Atente-se na arrastada questão dos médicos. A "vontade de Poder" ignora a opinião pública, os interesses sectoriais, o progressivo afastamento das mais diversas camadas da população. A erosão eleitoral é uma perspectiva a considerar, mas não se esperem resultados espectaculares, uma viragem do eleitorado já nas próximas eleições autárquicas se as oposições se encontrarem ocupadas nos seus problemas internos ou concorrenciais. Um primeiro sintoma — de erosão política — poderão ser as eleições para o Parlamento Europeu no caso o PSD promover candidaturas desligadas dos reais interesses do País no difícil parto de uma Europa com autoridade supranacional.

Os problemas da nossa política exterior permanecem: nem avançamos com vigor na construção de formas positivas de cooperação com os países africanos (e aí algum esforço se fez); nem estabelecemos um entendimento com o Brasil para além da retórica da fraternidade; nem soubemos preencher os espaços vazios políticos, militares, económicos e culturais com a Espanha; nem vencemos a batalha de Timor. Finda o ano com saldo negativo e com o sentimento público de que um jovem secretário de Estado está desacompanhado nas Necessidades.

Mas estas notas cursivas não são, não pretendem ser, um balanço político do ano de 1988. São uma lamentação e uma advertência. Destinam-se a sublinhar que o autoritarismo governativo não resolve os problemas, pelo contrário, agrava-os. Destinam-se a sublinhar — se tal diligência é necessária — que o Governo se isola e que o optimismo oficial não tem, nos factos, no terreno, eco e confirmação.

Jovens da URSS em Portugal para debaterem a perestroika

Dar a conhecer a posição da juventude soviética relativamente à perestroika, é o objectivo de uma delegação do «Komsomol», comité das organizações juvenis comunistas da URSS, que se encontra em Portugal a convite da Juventude Socialista. A delegação vai estar esta noite presente num debate subordinado ao tema «Perestroika, que perspectivas», que se realiza na Faul.

Os jovens soviéticos encontram-se em Lisboa desde domingo, tendo sido convidados, segundo a JS, «numa perspectiva de diálogo e conhecimento de realidades diferentes». Durante o dia de hoje, a delegação visita a casa civil do Presidente da República, encontra-se com o presidente do grupo parlamentar do PS desloca-se à Lisnave. A visita terminará na sexta-feira.

Portugal e São Tomé assinam acordo de cooperação militar

Os ministros da Defesa de Portugal e de São Tomé, assinam hoje um acordo de cooperação técnica no domínio militar, ao abrigo do qual Portugal fornecerá equipamento militar àquele país africano. A assinatura representa o ponto alto da visita de uma delegação santomense chefiada pelo ministro Raul Bragança Neto, e que inclui igualmente o tenente José Espírito Santo e o encarregado de negócios, Raul Aragão.

Os representantes santomenses chegaram ontem a Lisboa, a convite de Eurico de Melo, para conversações sobre a reestruturação das suas Forças Armadas, a formação de oficiais e

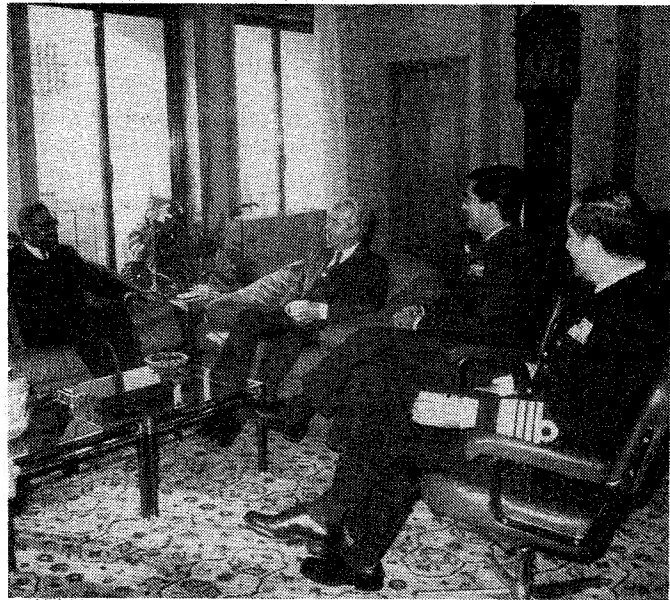
sargentos, a remodelação de infraestruturas e o fornecimento de equipamento à antiga colónia portuguesa.

Considerada de particular importância é a formação, em Portugal, de quadros militares santomenses, em conjunto com portugueses, guineenses e moçambicanos. Na realidade, as Forças Armadas de São Tomé possuem apenas meio milhar de homens, tendo a sua defesa entregue a um destacamento militar angolano, com assessoria soviética e cubana.

No presente ano lectivo, frequentam as academias portuguesas duas dezenas de militares santomenses e, a manter-se o actual nível de bolsas, todos

os quadros militares daquele país deverão ser treinados em Portugal em meia dúzia de anos.

O ministro Kaul Bragança Neto encontrou-se igualmente com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso, para uma troca de impressões sobre questões de cooperação entre os dois estados. No final do encontro, o ministro santomense declarou que 1989 vai ser o ano da cooperação entre Portugal e o seu país. Hoje, antes da assinatura do acordo, Bragança Neto será recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro.



A partir de 1 de Janeiro timorenses circularão livremente

A partir do dia 1 de Janeiro os timorenses já poderão sair do seu país sem necessidade de autorização especial e os indonésios também poderão visitar Timor-Leste livremente, declarou ontem o ministro in-

donésio para as Questões Políticas e de Segurança, após uma reunião do Conselho de Ministros.

Sudomo não esclareceu se seriam abertas todas as zonas de Timor-Leste, mas

outra fonte do governo de Jacarta disse que a abertura contemplaria todos os 13 distritos do território e não apenas os oito inicialmente previstos. De acordo com a mesma fonte, ainda não se sabe ao certo se a abertura

terá mesmo início no primeiro dia de 1989, ou se começará por altura do Natal, caso em que seria informal e exploratória.

Quanto às acções de guerrilha, o ministro Sudomo

afirmou que ainda se registam incidentes ocasionais com elementos da Fretilin, refugiados nas montanhas agrestes do território, «mas desde que se decidiu abri-la, quer dizer que a província é segura».

DEPUTADAS RECUSAM SER "JARRÕES" DA ASSEMBLEIA

Daniel Reis

Foto de Rui Vasco

O ano de trabalho na Assembleia da República terminou ontem (amanhã só haverá uma sessão solene comemorativa da Declaração Universal dos Direitos do Homem, entrando depois o Parlamento de férias até 3 de Janeiro) em meio a violenta contestação verbal de uma decisão assumida pelo Presidente Vitor Crespo. Protagonizaram essa contestação as mulheres-deputadas dos partidos da Oposição e a razão dos seus protestos é a extinção iminente da Comissão Parlamentar da Condição Feminina.

A intenção de extinguir a Comissão da Condição Feminina, pacatamente disfarçada sob um agendamento epigrafoado «Elencos das Comissões Especializadas», foi ontem discutida no plenário, em regime de trabalhos forçados até às 22 horas, sem qualquer pausa para jantar.

A nova arrumação das Comissões só será votada na primeira sessão do próximo ano, mas não restou qualquer dúvida de que o PSD avalizara a extinção da Comissão da Condição Feminina, presidida pelo seu deputado Lemos Damião, mas constituída de resto quase que exclusivamente por mulheres.

A pressa em arrumar já o debate--os votos é questão de minutos--não pode, no entanto, deixar de ser entendida como fruto da incomodidade vivida em todo o Parlamento, já por ser uma decisão a contra-vapor de outras instâncias da Comunidade Europeia--nomeadamente o Parlamento Europeu--já porque as mulheres se agarraram a esta questão como gato a bofe, defendendo intransigentemente as posições conquistadas e a continuação deste seu instrumento privilegiado de fiscaliza-

ção da aplicação prática da igualdade de direitos.

Como síntese do que defendem as mulheres, podemos socorrer-nos de uma afirmação da socialista Julieta Sampaio segundo a qual as deputadas se recusam a ser «meros jarrões da Assembleia», exigindo cumprir o mandato de defender intransigentemente a igualdade de oportunidades para as mulheres, nomeadamente no acesso ao trabalho, já consagrada na lei mas não aplicada a rigor em todos os sectores da vida política, profissional e social.

Para Natália Correia, que sobre o assunto fez a intervenção de fundo no plenário, há «uma nefasta coerência em exterminar a Comissão da Condição Feminina e em recusar à cultura o estatuto de Comissão Independente».

«Inferioriza-se ou elimina-se, assim, o que nos poderá colocar na vanguarda da Europa--disse Natália Correia--porque a feminização dos modelos é hoje um facto cultural». A deputada do PRD assumiu, ainda, a afirmação de que «se aqui, o objectivo de mudar é progredir, devo dizer que resulta bastante reaccionário e reaccionário no contexto europeu, nessa Europa em que o Governo tão rendidamente investe as suas grandes opções submissas à meta de 1992».

A Assembleia debateu, ontem também, a Lei de Bases do Sistema de Transportes Terrestres (em parte decorrente da legislação sobre as privatizações, votada na sessão do ano parlamentar passado, e que admite a exploração de linhas de caminho de ferro por entidades privadas), tendo-a aprovado na generalidade. O diploma baixou à Comissão para debate na especialidade, resultando dos debates a admissibilidade pelo Governo de algumas das propostas de alteração apresentadas pela Oposição.



Pacheco Pereira: «Como escreveu Platão, o homem e a mulher são duas metades que se completam». **Resposta de Natália Correia:** «Oh senhor deputado: por quem é, não se meta em assuntos de mulheres!».



A honra da tradição erótica nacional

Desde o início do mini-debate sobre a extinção da Comissão Parlamentar da Condição Feminina se aguardava a entrada em cena de Pacheco Pereira. Murmurava-se nos corredores que Natália Correia o ameaçava zurrir no plenário, dado o considerar como mentor da extinção.

Mas foi necessário o próprio vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD provocar Natália Correia para ela fazer alguma referência que fosse ao nome deste antigo paladino da extrema-esquerda.

«Em nome da franqueza que lhe reconheço e de que hoje deu, uma vez mais, provas--

disse o parlamentar do PSD à deputada do PRD--peço-lhe autorização para a franqueza de lhe dizer que fez um dos discursos mais discriminatórios já aqui ouvido».

«Atribuir qualidades particulares ao discurso feminino, para fundamentar decisões políticas, é extremamente discriminatório», comentou Pacheco. lembrando ainda, entre outras referências culturais sobre a igualdade, o «Banquete», de Platão, em que o homem e a mulher seriam apresentados como «duas metades que se completam».

Pacheco Pereira provocou, é bom de ver, a imediata reacção de Natália Correia.

«Oh senhor deputado: por

quem é, não se meta em assuntos de mulheres! Nem desonre a tradição erótica nacional»--respondeu ela (o plenário ria a bom rir...), depois de garantir que a questão «não se coloca em termos de igualdade, mas sim de diferença».

Natália Correia exautorou o vice-presidente do grupo social-democrata, «como ex-marxista e ex-vanguardista que foi», a ter «pelo menos, uns resquícios de boa memória» e terminou esta sua inflamada resposta, caçando nos próprios terrenos escolhidos por Pacheco Pereira e lembrando-lhe que, no mesmo «Banquete», Platão elegera uma mulher para protagonizar o discurso da sabedoria.



Cecília Catarino
Duas mulheres contra a maré

Duas deputadas da Maioria, Mary Lança e Cecília Catarino, desempenharam ontem o papel geralmente atribuído à Minoria, isto é, remar contra a maré das manifestações claramente maioritárias e favoráveis à continuação da Comissão da Condição Feminina.

Só que elas pertencem à bancada do PSD e, embora apareçam em minoria na discussão, quando se chegar à votação, gozam da certeza de verem os seus argumentos consagrados pelo suporte da multidão de homens da bancada social-democrata.

As teses de uma e outra surgiram, no entanto, bem dissonantes.

Enquanto Cecília Catarino garantia que os interesses das mulheres ficam mais eficazmente protegidos numa Subcomissão da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias--onde, provavelmente, será arrumado o remanescente da Comissão da Condição Feminina--Mary Lança disse, no seu sotaque britânico, que as mulheres de hoje «já não precisam de protecçãoismos» e que «não é na busca de estatutos discriminatórios que a mulher e a democracia saem prestigiadas».

Mary confessou que também foi feminista durante muitos anos, mas que procurou sempre «agir pelo cérebro» e não «pensar com outros órgãos».

«E com estas feministas posso eu bem, tal como podem outras mulheres, perfeitamente integradas na vida profissional e social», concluiu ela, cortando cerce mais discussões sobre uma questão que será resolvida a votos, no início do ano que vem.

Horizontalidade eis a questão

Comentário de Natália Cor-

reia, a encerrar a conferência de Imprensa que ela e as suas colegas da Comissão Parlamentar da Condição Feminina deram ontem na Assembleia da República:

«Ouvi para aí dizer que a justificação teórica para a extinção da Comissão das Mulheres é a necessidade de acabar com as comissões horizontais. Mas vejamos lá onde se metem com essa questão da horizontalidade: é bom não a levar aos extremos semânticos tão em voga no século passado...».

Exigido o cumprimento das resoluções sobre Timor-Leste

Parlamentares dos dois países ibéricos exigiram, ontem, depois de «examinarem a situação injusta e de violação de direitos humanos em Timor-Leste», o cumprimento efectivo por parte da Indonésia «das decisões dos organismos internacionais competentes» sobre a antiga colónia portuguesa.

Esta é uma das conclusões da primeira reunião de trabalho

das comissões parlamentares de Portugal e Espanha, realizada na sequência da criação na Assembleia da República de uma Comissão de Contacto com as Cortes Espanholas.

Os parlamentares ibéricos vão passar a encontrar-se semanalmente, alternadamente em Portugal e Espanha, e a delegação espanhola que durante dois dias esteve em Lisboa foi chefiada por Felix-Pons Irazábal, Presidente do Congresso dos Deputados de Espanha.

Outras conclusões, comunicadas ao fim da tarde aos jornalistas, recomendam, aos respectivos Governos, o impulso das relações culturais, educativas e de mútuo conhecimento; a intensificação da cooperação no domínio da comemoração dos Descobrimentos «com vista à compreensão universal dos nossos problemas históricos» e a criação de cursos de Verão, equiparação de diplomas académicos e livre acesso recíproco às instituições do ensino.

Foi ainda sublinhada a necessidade urgente de estudar a situação das comunidades migrantes de cada um dos Países no território do outro e manifestada a disposição de insistir na preparação de projectos comuns de desenvolvimento da Raia, para aproveitar a prioridade dada pelos fundos estrutu-

rais comunitários aos projectos subscritos por mais que um País.

A Comissão conjunta dos dois parlamentos ibéricos integra, aliás, representantes eleitos das regiões de fronteira, exactamente para poderem aprofundar os projectos comuns susceptíveis de arrancar a Raia do seu atraso.

Incapacitados pela doença dos pesinhos recebem apoio

Cerca de sete mil cidadãos afectados de paramiloidose, a chamada «doença dos pesinhos» vão passar a receber reforma antecipada «no montante máximo atribuível pela lei», em função da aprovação na especialidade do projecto de lei da autoria da Intervenção Democrática.

O projecto já recebera aprovação na generalidade, antes das férias parlamentares, e foi o último apresentado pelo agrupamento da ID (constituído pelos deputados Raúl de Castro e Corregedor da Fonseca), antes de o novo Regimento o dissolver.

Corregedor da Fonseca acen-

tuou que era sua intenção ver, também, consagrada a atribuição de um subsídio de acompanhamento, igual ao salário mínimo nacional, mas esta disposição não mereceu acolhimento por parte do PSD. Também não foi acolhida a pretensão de suspender as acções de despejo dos doentes; mas a Maioria recusou essa protecção específica, por considerar que ela já existe com carácter mais geral, no Código Civil.

A lei da Assembleia da República carece, ainda, de ser regulamentada pelo Governo e logo que publicada permite a concessão de subsídio aos doentes atacados de paramiloidose «desde que recenseados nos respectivos Centros e sofram de incapacidade funcional igual ou superior a 70 por cento, referida na Tabela Nacional das Incapacidades».

Apesar de as alterações introduzidas durante a discussão na especialidade, para reunir os votos favoráveis do PSD, terem «frustrado as expectativas dos doentes e dos seus familiares», segundo Corregedor da Fonseca, ela constitui, apesar de tudo--como consta da declaração de voto do agora deputado independente da bancada do PCP--«um passo que pode concorrer para minorar, embora ligeiramente, este gravíssimo problema social».



Helena Roseta



Ilda Figueiredo

Deputadas: as razões da ira

Antes de a extinção da Comissão da Condição Feminina ser discutida no plenário, deputadas de todos os partidos da Oposição (excepto do CDS, mas esse não tem nenhuma mulher na sua bancada) deram uma conferência de imprensa onde extravazaram a sua irada oposição a tal decisão da Maioria.

Eis alguns dos comentários então transmitidos à Opinião Pública:

Julietta Sampaio (PS): «O PSD não tem nenhum objectivo em relação à política da condição feminina, e por isso extingue a Comissão. Mas não conseguirá, com isso, limitar a autonomia das mulheres-deputadas que se recusam a ser meros jarrões decorativos da Assembleia».

Luisa Amorim (PCP): «O que eles têm é medo de a Comissão acentuar as contradições no interior do PSD, pois em circunstâncias anteriores as deputadas da Comissão de Condição Feminina conseguiram por-se de acordo e convergir na apresentação de projectos legislativos comuns, à margem dos partidos. Mas não chega uma Maioria da Assembleia da República para fazer recuar os direitos das mulheres: já não estamos no século XVIII».

Teresa Santa-Clara Gomes (Independente da bancada do PRD): «Não quero deixar de manifestar o meu desagrado pela forma como o processo foi



Edite Estrela

conduzido. O Presidente da Assembleia concedeu-nos uma audiência breve e interrompeu-a de maneira brusca, sem qualquer justificação. Foi uma falta de respeito pelo trabalho das mulheres na Assembleia e lamentamos que esse incidente não nos tenha permitido apresentar os argumentos que, eventualmente, fariam recuar o Presidente na sua decisão».

Helena Roseta (Independente da bancada do PS): «Lamento a ausência das deputadas do PSD, depois de uma delas, a vice-presidente Manuela Aguiar, nos ter acompanhado na audiência com o Presidente Vitor Crespo. Serão razões de incomodidade? É que nós acabamos muitas vezes por chegar a acordo, numa cumplicidade

que não está prevista nos esquemas partidários. Mas as mulheres são fundamentais para re-entantar os tabiques que compartimentam a vida política portuguesa».

Ilda Figueiredo (PCP): «A decisão que se prepara no Parlamento Português é tomada a contra-vapor do Parlamento Europeu que, ainda recentemente, votou uma resolução de congratulações pela existência da Comissão para os Direitos e Participação das Mulheres, nas Cortes Espanholas, e da Comissão da Condição Feminina, na Assembleia da República Portuguesa. Se a discriminação das mulheres não existe na lei, ela existe na prática, por exemplo, no acesso ao trabalho, como reconheceu também o Parlamento Europeu, nessa resolução votada pelos eurodeputados do PSD e, nomeadamente, subscrita pelo vice-presidente do Parlamento Europeu, Rui Amaral, do PSD».

Edite Estrela (PS): «É verdade que, perante a lei, nós somos iguais. Mas parece haver alguns deputados que querem ser mais iguais que os outros. Eles têm é receio que as mulheres os ultrapassem em trabalho e competência. As mulheres, para atingirem determinados degraus, têm que demonstrar mais competência que os homens: e como já aqui chegámos, talvez certos homens vejam os seus lugares em perigo».



Julietta Sampaio



Luisa Amorim



Teresa Santa-Clara Gomes

Todos de acordo no I Congresso

COOPERAÇÃO COM PALOPS: A HORA DA VERDADE

Cooperação foi o que ontem mais se ouviu falar num encontro sobre isso mesmo. Mas, falou-se de uma nova perspectiva de cooperação entre Portugal e os países de expressão oficial portuguesa. Empresários e várias entidades governamentais juntaram-se e trocaram projectos e objectivos. Chegaram à conclusão que é preciso «acabar com os complexos de culpa» relativamente às ex-colónias portuguesas e encetar uma nova forma de dialogar com elas, onde cooperação signifique efectivamente intercâmbio de interesses. Resta saber se se trata de aproveitar de uma «oportunidade histórica a não perder», como disse Mário Soares ao presidir à sessão solene do I Congresso da Cooperação, a decorrer num hotel de Lisboa.

Um discurso não muito longo, mas que sintetizou bem as sensibilidades dos governantes, empresários e homens da cultura foi o que o Presidente da República trouxe aos congressistas. Mário Soares sublinhou que a cooperação com o Brasil e os países africanos de expressão portuguesa «é um desígnio nacional, uma prioridade da política externa portuguesa, visto que tem o apoio unânime de todos os partidos políticos e da opinião pública em geral».

Destinado a abordar a cooperação nos vectores económicos, políticos e culturais, este Congresso, organizado pela ELO- Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação, contou com a presença dos Chefes de Estado da Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe, e ainda com figuras destacadas dos outros países de expressão oficial portuguesa como o ministro moçambicano da cooperação, o ministro da Indústria de Cabo Verde, o os embaixadores em Lisboa de Angola e do Brasil, respectivamente. Os trabalhos terminam hoje com a leitura das conclusões dos dois dias de debate em torno de um relacionamento de treze anos, em que Portugal e os países com quem manteve uma estreita ligação durante séculos, nem sempre muito pacífica, deram algumas «turras» para se adaptarem as novas circunstâncias de convivência em liberdade.

«Conjuntura favorável e traumas ultrapassados»

O Presidente da República pensa que «estão ultrapassados os problemas político-ideológicos e os complexos mútuos, nascidos de uma guerra colonial injusta, e os inevitáveis traumas de uma descolonização atrasada» e afirmou que «hoje chegou à altura de agirmos em comum sem ressentimentos».

Mário Soares, sublinhando que «a conjuntura mundial é-nos extremamente favorável», deixou antever o que será uma nova cooperação baseada «no respeito mútuo e na reciprocidade de vantagens». Lembrou neste sentido os recentes acordos de Washington e de Moscovo, que criaram as condições para a resolução de múltiplos conflitos regionais, sobretudo os da África Austral.

O Chefe de Estado não poupou aquilo que chamou de «retóricas» e crítica os caminhos trilhados pelos empresários e os governantes nestes 13 anos de independência mútua, dizendo: «Há domínios onde a cooperação tem sido insuficiente, outras onde estamos a dar os primeiros passos, ou em que nada fizemos, com manifesto prejuízo para todos».

Aos empresários portugueses, Mário Soares dirigiu uma palavra especial e salientou o papel extremamente importante que eles desempenham e devem desempenhar no relacionamento com África. «Os empresários portugueses, norteados por um espírito moderno, com sentido de inovação e de risco, têm plena consciência dos largos horizontes que uma cooperação económica, dinâmica e inovadora, abre aos nossos países». Seguiu-se imediatamente o toque para o Governo: «Eles estão dispostos a investir e a arriscar mas, para isso, teremos que lhes saber criar condições que incentivem os seus esforços».

A canalização de apoios internacionais, para de-

envolver áreas vitais nos países em vias de desenvolvimento, como a economia, saúde, defesa e as próprias Forças Armadas, foi apontado por Mário Soares como um factor decisivo na nova política de cooperação. Defendeu o aproveitamento das potencialidades de uma cooperação multilateral com terceiros países, tirando partido em favor dos Estados africanos e do Brasil.

«Ao contrário o que alguns recearam a integração de Portugal na CEE não pôs minimamente em causa este desígnio nacional de cooperação com África, antes lhe abriu enormes e inusitadas perspectivas para o futuro», afirmou o presidente. Pelo que a presença de Portugal na Comunidade Europeia, e concertando os esforços com organizações internacionais como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Africano para o Desenvolvimento é entendida por Mário Soares como um meio de angariar esses fundos necessários ao desenvolvimento dos PALOPS.

Economia, mas não só

Uma assembleia maioritariamente composta por empresários não foi alheia ao facto da vertente económica ser a mais privilegiada durante este encontro. Duas salas, dois temas em debate. Na primeira, falou-se das instituições de cooperação portuguesa e debateu-se a política de apoio às instituições financeiras, a sala estava cheia. Na segunda, discutiam-se os problemas da educação e mesmo a presença do ministro Roberto Carneiro não chegou para mobilizar muita gente.

Num debate que foi vivo, Costa Oliveira, presidente do Instituto para a Cooperação Económica, lançou a proposta mais aliciante para os congressistas. Tratou-se da transformação do Banco de Fomento em banco para a cooperação e para o comércio Externo. Uma das reivindicações mais ouvidas na manhã de ontem vinda da maioria dos oradores, desde empresários a membros do Executivo.

Costa Oliveira avançou ainda a proposta de envio de técnicos portugueses para junto de agências multilaterais de financiamento como o Banco Mundial e o Banco Africano de Desenvolvimento. Este conjunto de propostas, segundo aquele responsável, já está na posse do Governo e inclui ainda a reestruturação dos dois organismos coordenadores para a cooperação, o Instituto da Cooperação Económica e a Direcção Geral da Cooperação.

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros mostrou-se aberto à proposta para a criação do banco da cooperação, mas alertou imediatamente os empresários que «têm de correr riscos, porque o Governo não pode ficar responsável por tudo o que diz respeito à cooperação».

Durão Barroso mostrou-se, no entanto, optimista face à nova fase de trocas comerciais com os PALOPS e salientou que «Portugal é o país da Comunidade Europeia mais competitivo na assistência técnica e prestação de serviços do mercado africano», acrescentando que «Portugal é dos países com mais alta taxa de utilização do Fundo Monetário Internacional». O secretário de Estado defendeu ainda o investimento directo e a transferência de tecnologia para aqueles países e a canalização de investimentos estrangeiros.

Em meados dos anos 90 200 mil deverão estar no ensino superior

Um dos objectivos «primordiais» do Governo é colocar 200 mil alunos no ensino superior, em meados da década de 90, imediatamente após a entrada em vigor do Mercado Único, disse o ministro da Educação.

Roberto Carneiro falava ontem em Lisboa na cerimónia de posse da subdirectora-geral do ensino superior, Luísa Real de Faria, e dos presidentes das comissões instaladoras dos institutos politécnicos de Coimbra e Leiria, professores Quaresma Lobo e Pereira de Melo.

O ministro sublinhou que estão este ano matriculados no ensino superior 135 mil alunos, o que implica uma percentagem de escolarização de 13,9 por cento naquele escalão do ensino.

«Nos últimos 10 anos, Portugal investiu na expansão e diversificação do ensino superior muito mais do que nos 100 anos anteriores», disse Roberto Carneiro.

A expansão do sistema para uma capacidade de 200 mil alunos — prometeu — «não é uma mera declaração de intenções ou simples projecto, é antes uma meta concreta, cujo alcance se afigura obrigatório».

Isto — acrescentou — «sob pena de não ser promovida a devida rentabilização social do dinheiro dos contribuintes que, para o efeito, está a ser investido e, bem assim, daquele que as comunidades europeias, nomeadamente por intermédio do FEDER, vêm canalizando».

Fundamental o papel do ensino politécnico

Roberto Carneiro sublinhou a necessidade de «garantir que a

eficiência interna do sistema, traduzida pelo número de diplomados/ano, evolua, evitando-se tanto quanto possível as repetências excessivas, que encarecem e bloqueiam o sistema».

O ministro considerou «fundamental» o papel do Ensino Superior Politécnico, assinalando que o frequentam actualmente 17 500 alunos, número que — adiantou — deverá atingir os 50 mil em meados da década de 90.

Revelou ainda que «já se encontram muito adiantados os trabalhos de reparação dos diplomas legais que irão definir a estrutura dos estabelecimentos do Ensino Superior Politécnico e reformular a respectiva carreira docente».

Os dois diplomas — explicou — irão «consagrar de forma inequívoca o papel específico e autónomo deste tipo de ensino superior e sublinhar, de novo, a sua verdadeira dimensão: uma via paralela, alternativa e não secundarizada do ensino superior».

Roberto Carneiro elogiou o trabalho de Luísa Real de Faria e considerou «indispensável» a reestruturação da Direcção-Geral do Ensino Superior, que deverá «evoluir rapidamente para funções predominantemente técnicas».

Sublinhou também que será em breve publicada a nova Lei Orgânica da Direcção-Geral do Ensino Superior, que lhe «garantirá novos meios de actualização».

«Não há país moderno desenvolvido que não disponha de uma rede de ensino superior equilibrada, bem implantada no tecido social, respeitada e capaz de promover o desenvolvimento regional», concluiu Roberto Carneiro.

AS ESCOLAS E A NOVA AVALIAÇÃO: ME AGIU TARDE E SEM RESPEITO MAS OS ALUNOS TIVERAM NOTAS

O Ministério da Educação esclareceu que foi um erro a indicação nas fichas de avaliação dos alunos do ensino preparatório de que a disciplina de Educação Física não contava para avaliação final.

Mas segundo fonte sindical, muitos professores de Educação Física consideram que o «lapso» terá sido intencional com o objectivo de retirar, de facto, importância à disciplina que, em muitas escolas não pode ser praticada, por falta de instalações.

Entretanto, inúmeras críticas de professores, escolas, conselhos pedagógicos e directivos foram enviadas ao Ministério da Educação, pela alteração tardia, e à revelia dos principais intervenientes, dos modelos de avaliação.

A opinião dos professores é divergente: uns congratularam-se com a alteração por considerarem o conteúdo das fichas anteriores muito trabalhoso, outros entendem, pelo contrário, que o actual modelo de avaliação, ao apenas exigir atribuição de níveis e dispensar descrição de parâmetros, é exageradamente restritivo, especialmente para os alunos do primeiro ano que são novos na escola e desconhecidos dos professores. Mas todos de um modo geral são unânimes em reconhecer que o comportamento do ME é inaceitável por dar a conhecer às escolas, a menos de uma semana das reuniões de avaliação, os novos modelos de fichas.

As escolas, no entanto, não deixaram os alunos sem notas nesta semana em que decorrem as reuniões de avaliação: umas adoptando critérios de uniformização estabelecidos pelo conselho pedagógico, outras limitando as apreciações aos ni-

veis exigidos pelas fichas, mas todas contornando a situação.

Na escola preparatória António Sérgio, do Cacém, os professores atribuíram os níveis e lançaram-nos nas novas fichas, cadernetas (só para os alunos do quinto ano) e pautas.

«Foram papeis a mais» comentou um elemento do conselho directivo, frisando que foi uma «grande sobrecarga de última hora, pois já quase na véspera das reuniões para avaliação ainda não se sabia qual o novo modelo da ficha.»

Mas nesta escola a atribuição dos níveis de 1 a 5 é considerada só foram registadas observações «em casos muito especiais».

«Ao reduzir o processo burocrático, a alteração foi positiva», afirmou o professor José Carlos Alves, vice-presidente do conselho directivo desta escola que tem 800 alunos. «Mas foi mal coordenada, pois não existe qualquer directriz do Mi-

nistério da Educação».

Na opinião deste professor, o novo modelo pode ser bom para as escolas em que haja o cuidado de definir e uniformizar critérios, será mau para aquelas em que não houver essa preocupação preliminar.

«Penso que o novo modelo dá resposta às questões que se colocam aos professores no momento da avaliação, mas tem que ser aperfeiçoado», concluiu.

Na preparatória de Alverca do Ribatejo, os professores chegaram ao fim das reuniões para avaliação «menos cansados». Além dos níveis, estes docentes escrevem as observações no reverso da ficha, nos casos em que consideram isso necessário para melhor informação dos encarregados de educação.

da insuficiente, especialmente para os alunos do quinto ano (primeiro do preparatório), por isso na primeira ou segunda semana de Janeiro está previsto que os directores de turma convocarão os pais dos alunos para lhes darem informações complementares sobre o aproveitamento e adaptação dos filhos à escola.

«Curiosamente, afirmou o professor António de Andrade Correia, coordenador dos directores de turma, a linguagem que o Ministério da Educação antigamente entendia que não devíamos utilizar na descrição dos parâmetros por não ser significativa para os encarrega-

dos de educação, é agora utilizada pelo próprio Ministério».

Na escola preparatória de Santo António dos Cavaleiros, com 850 alunos, os professores fizeram reuniões de grupo para «avaliarem a ficha» e poderem atribuir níveis dentro de critérios uniformes.

Mas nesta escola «estavam toos os professores preparados para as reuniões e não se sabia a ficha que iamos preencher», disse a professora Antónia Mil Homens, secretária do conselho directivo.

«Foi tudo em cima da hora» e os docentes reagiram de forma divergente, sendo em maior número os que assumiram posição crítica sobre o novo modelo.

Na escola preparatória da Cova da Piedade reuniu-se o conselho pedagógico para também definir critérios de avaliação. Várias críticas foram tecidas por o novo modelo de avaliação implicar a preponderância da vertente cognitiva sobre a sócio-afectiva.

Além dos níveis, os docentes propõem-se fazer apreciações no espaço das fichas reservado às observações. A escola tem 750 alunos.

Na preparatória da Sobreda, os professores avaliaram os alunos também segundo critérios definidos pelo conselho pedagógico e transmitidos ao conselho directivo.

As novas fichas foram preenchidas «no mínimo necessário»

Acesso ao ensino superior: PS pedirá ratificação de decreto-lei

A semelhança do que fez o PCP, o grupo parlamentar do PS vai pedir a ratificação do Decreto-Lei 354/88, que estabelece o novo regime geral de acesso ao ensino superior.

Na conferência de imprensa realizada na sede nacional da Juventude Socialista para divulgar a posição dos jovens socialistas sobre o conteúdo daquele diploma, António Carvalho frisou que a partir de Janeiro se vai proceder a um inquérito junto de todas escolas secundárias e das associações de estudantes do ensino superior para «fundamentar a contestação geral» que se vem verificando

contra o diploma.

O decreto sobre o acesso ao ensino superior é, segundo os jovens socialistas, «o exemplo cabal da inexistência de uma correcta política de educação, colocando-se ao serviço de uma estratégia governativa de marginalização social dos alunos dos estratos sócio-económicos mais baixos candidatos à frequência de um curso superior, o que revela bem os objectivos de discriminação social da política governativa.»

Para a JS «1988 foi, afinal, o ano da desilusão, do desencanto, da frustração de todas as expectativas», pois assistimos

«simultaneamente à comercialização do ensino, à mercantilização da educação, ao agravamento e à indiferença perante as injustiças sociais já existentes, à diminuição da igualdade de oportunidades e à elitização crescente do acesso ao ensino».

A Juventude Socialista considera «lamentável e irresponsável» que o acesso ao ensino superior seja ainda mais dificultado, quando hoje é sabido que 80 por cento dos estudantes que frequentam a Universidade pertencem a 20 por cento das famílias com recursos mais elevados.

Economistas: Carneiro ao almoço

O ministro da Educação foi o orador convidado do almoço/debate que a Associação Portuguesa de Economistas promoveu hoje na sua sede.

Roberto Carneiro comunicou aos economistas presentes as principais reformas previstas no sistema educativo perante os desafios do desenvolvimento e da modernização que se colocam à sociedade portuguesa.

O debate será completado por um painel que se realiza amanhã à noite, na sede da A-PEC, com a participação de individualidades em representação das estruturas do Ministério da Educação, de entidades que se têm dedicado ao estudo deste tema e de sindicatos docentes.

ÁLVARO MANUEL ROXO
Presidente da Junta de Freguesia
de S. João da Talha

AGRADECIMENTO

O Executivo da Junta de Freguesia de S. João da Talha, na impossibilidade de o fazer individualmente, vem por este meio apresentar os seus mais sinceros agradecimentos a todos quantos, neste momento doloroso, nos manifestaram a sua solidariedade e o seu pesar, quer pessoalmente quer por qualquer outro meio.

Ag. Funerária S. João Ld.^a
Tels. 255 48 19/18 33

Comunidade de jovens denuncia

O EUCALIPTO "ATACA" NA SERRA DA LOUSÃ

Há cerca de três anos uma comunidade de jovens instalou-se num pequeno lugarejo perto de Pampilhosa da Serra, em plena Lousã. No sítio do Sela-dinho assinaram um pré-contrato de compra com o proprietário de umas terras onde desenvolveram um projecto de agricultura biológica e de reflorestação do terreno com espécies autóctones que se encontram em vias de extinção como o carvalho, o sobreiro, o salgueiro, o medronheiro e o castanheiro. Entretanto, no dia 26 de Novembro a Soporcel-empresa de celulose e pasta de pa-

pel- iniciou estudos na área para arrancar com uma plantação de eucaliptos. Os elementos do Colectivo Zahack (assim se chama a comunidade) temem agora que a ocupação da zona por eucaliptos vá alterar definitiva e tragicamente a paisagem e a vida daquele local.

Apesar dos protestos que fizeram chegar junto do proprietário das terras, os jovens não conseguiram impedir que a plantação de eucaliptos e consequente alteração e desbaste do terreno se verificasse. O caso afigura-se mais grave quan-

do se sabe que a linha de água que abastece a casa onde habitam está também ela ameaçada pela proximidade daquelas árvores.

O somatório de todas estas ameaças fez com que o conjunto de jovens que ali vive permanentemente se movimentasse com a intenção de alertar os moradores da região, sabendo que por lei não é permitido cortar sobreiros e pinheiros ou fazer quaisquer alterações em terrenos cujo declive de encosta é de 70%. Com o intuito de evitarem mais uma investida da Soporcel contactaram a Direc-

ção-Geral das Florestas, que de imediato interveio, no dia 14 deste mês, embargando os trabalhos de desbravamento. Aquele organismo do Estado decidiu por bem a paragem pura e simples dos «caterpillars» ao serviço da Soporcel, empresa que alugara por 24 anos aqueles terrenos. Para justificar a sua posição o Colectivo Zahack aponta várias razões: o eucalipto, árvore de origem australiana, consome grandes quantidades de água, conduzindo à exaustão o solo que o alimenta, e é uma árvore que em presença do fogo arde facilmente, visto

que as suas folhas possuem uma elevada percentagem de óleos etéricos e alcalóides. Com a plantação intensiva desta árvore produtora de celulose para a pasta de papel, o solo fica impregnado de nitratos que são utilizados para acelerarem o seu crescimento.

Assim, a única espécie a dominar será esta, desaparecendo irremediavelmente a fauna original. Após o desgaste provocado pela plantação de eucaliptos o solo fica esgotado e incapaz de produzir o que quer que seja. O assunto já levantou polémica suficiente. Mas o Colecti-

vo Zahack pretende apenas que sejam tomadas medidas que protejam a zona onde vivem. Eles mesmos não têm estado parados. Limpam as terras do mato que abunda e cultivam árvores de fruto.

O caso ainda não está definitivamente resolvido, e hoje mesmo a Câmara Municipal de Arganil vai discutir a questão para a solucionar da melhor forma com todos os interessados.

O Colectivo Zahack espera que acima de tudo a Natureza seja preservada.



METROPOLITANO DE LISBOA, EP

COMUNICADO

GREVE ANUNCIADA PARA O PRÓXIMO DIA 24 DE DEZEMBRO

Anunciada pelo SITRA, sindicato da UGT, vai ter lugar no próximo dia 24, véspera de Natal, uma greve de 24 horas assumida por aquela organização sindical.

Tal greve não tem qualquer justificação invocável no plano das relações laborais, dado que, por um lado, as negociações de revisão do acordo de empresa, referentes ao corrente ano, foram encerradas em meados do primeiro semestre, e, por outro, a revisão referente ao próximo ano iniciar-se-á em breve. Acresce que uma situação de discordância com a empresa, referente a uma interpretação do regime de trabalho de pessoal de tráfego, latente desde há vários anos, está relegada para sede judicial.

A greve, insiste-se, não tem qualquer justificação formal, e, nestes termos, resta à empresa assumir os seus efeitos perante a opinião pública.

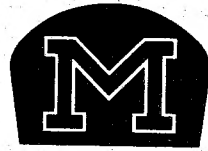
Conscio das suas obrigações perante a comunidade que serve, entendeu o Conselho de Gerência determinar, no quadro dos preceitos legais aplicáveis, a exigência de "serviços mínimos" entre as 02.00 horas do dia 24 de Dezembro e as 02.00 horas do dia 25 de Dezembro — período da greve anunciada —, de acordo com a ordem de serviço a que se dá igualmente publicidade.

Porque os "serviços mínimos" correspondem a uma oferta de transporte inferior em cerca de 50% à normal, apela-se para a compreensão dos nossos clientes e socilita-se que, na medida do possível, ajustem a utilização da rede a este quadro precário.

A empresa confia que, com apelo ao indispensável bom-senso e à luz dos interesses públicos em jogo, seja possível ultrapassar esta situação a todos os títulos inesperada e injustificável.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1988

O Conselho de Gerência



METROPOLITANO DE LISBOA, EP

ORDEM DE SERVIÇO N.º 680

ASSUNTO: "SERVIÇOS MÍNIMOS" PRINCÍPIOS GERAIS

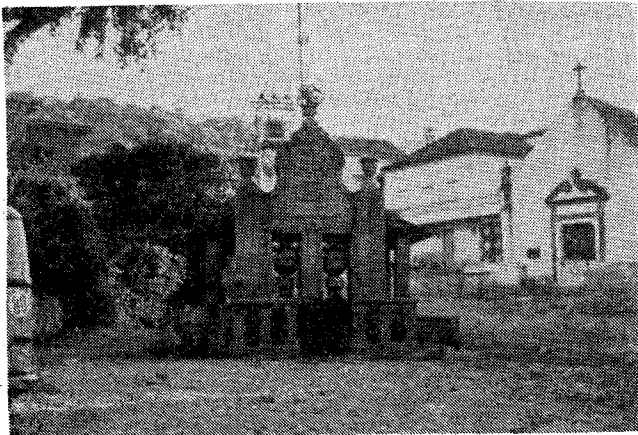
1. O Conselho de Gerência deliberou que os níveis de oferta correspondentes ao conceito de "serviços mínimos", tal como consignado na Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, deverão ser, à escala da rede actual, os seguintes:

07H30M — 09H30M — 11 COMBOIOS
09H30M — 17H30M — 8 COMBOIOS
17H30M — 20H30M — 11 COMBOIOS

2. A exigência de "serviços mínimos", e a entrada em vigor dos respectivos efeitos, será determinada caso a caso pelo Conselho de Gerência, face à tipologia das greves que venham eventualmente a verificar-se.
3. Os meios de pessoal afectados à prestação de "serviços mínimos" serão objecto de ordens de serviço específicas.
4. Para garantir a segurança e manutenção das instalações, equipamentos e material circulante, bem como a respectiva operacionalidade, a empresa reserva-se o direito de ajustar os meios de pessoal requeridos pelos "serviços mínimos" à evolução das situações de greve que venham eventualmente a verificar-se, na medida em que tal se justificar.
5. Os trabalhadores que forem afectados à prestação de "serviços mínimos" ficam obrigados, nos termos legais, a garantir os referidos serviços, com vista à salvaguarda do referido nos números 1. e 4. desta ordem de serviço.
6. A presente ordem de serviço entra imediatamente em vigor e revoga as anteriores sobre a mesma matéria.
7. O teor desta ordem de serviço é comunicado, para os devidos efeitos legais, a todos os sindicatos que abrangem trabalhadores da empresa.

16.12.88

O Conselho de Gerência



Sabugal quer ligação à fronteira

O presidente da Câmara de Sabugal, Guarda, disse defender a reabilitação e melhoria da estrada que liga aquela vila a Vilar Formoso e Castelo Branco.

Joaquim Portas considera prioritária a ligação à fronteira e disse que a estrada actual traçada na zona da raia com Espanha é a que melhor pode contribuir para o desenvolvimento das populações.

Manifestou ainda preocupação pelo facto de um estudo da Comissão de Coordenação da Região Centro preconizar a ligação à via rápida Aveiro-Vilar Formoso através de uma outra estrada que passaria por Cerdeira do Coa até ao Alto de Leomil.

Para o presidente da Câmara esta solução não é a mais aconselhável tendo em conta que «não favorece grande número de freguesias nem pólos de desenvolvimento industrial ou comercial».

As forças da GNR e PSP registaram, nas áreas da sua jurisdição, perto de dois mil mortos entre Janeiro e Setembro deste ano em acidentes de viação.

Segundo dados fornecidos pelos comandos gerais da PSP e GNR, contabilizaram-se ainda nos primeiros nove meses do corrente ano 66 664 acidentes de viação de que resultaram 44 422 feridos.

O número de mortos em consequência de desastres de viação «é certamente superior, já que os números referidos apenas dizem respeito aos óbitos ocorridos no local do acidente», disse um informador policial.

Sinistralidade em números

A Guarda Nacional Republicana e a sua Brigada de Trânsito registaram de Janeiro a Setembro um total de 1612 mortos e 29 417 feridos resultantes de 38 399 acidentes.

A Polícia de Segurança Pública, na sua área de jurisdição, cidades e principais vilas, contabilizou um total de 326 mortos, 15 005 feridos e 28 265 acidentes de viação.

Um sexagenário morreu ontem em consequência de um acidente de viação ocorrido entre dois automóveis, em Granja, Paredes, disse uma fonte da GNR.

António Joaquim Pereira de Sousa Moreira, 64 anos, solteiro, aposentado, residente em Moreira, Gandra, Paredes, chegou já sem vida ao hospital de São João, Porto.

O sexagenário conduzia um automóvel, de matrícula NP-60-67, ao quilómetro 15 da Estrada Nacional n.º 15, tendo embatido com outro veículo ligeiro, de chapa LG-12-60.

A ocorrência foi registada pelo posto da GNR de Lordelo do Douro, Paredes.

Também se nasce na via pública como aconteceu há dois dias numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que transportava uma parturiente da Rua dos Cavaleiros na Mouraria em Lisboa para a Maternidade Magalhães Coutinho.

Elisabete Bernardes dos Santos teve o filho durante o trajeto, assistida pelo chefe da viatura Manuel da Silva e pelo maqueiro Luísa Gonçalves, enquanto o motorista Joaquim Gonçalves, acelerava quanto o trânsito permitia para chegar ao Hospital, onde afinal já chegou com mais uma pessoa a bordo. EM)O bebé e a mãe encontram-se bem.

**GALP
DINAMIC
Gasóleo**

NACIONAL

MÁRIO SOARES PREPARA VISITA À PRISÃO DE ALCOENTRE

O Presidente da República visita hoje o Estabelecimento Prisional de Alcoentre, acompanhado pelo ministro da Justiça.

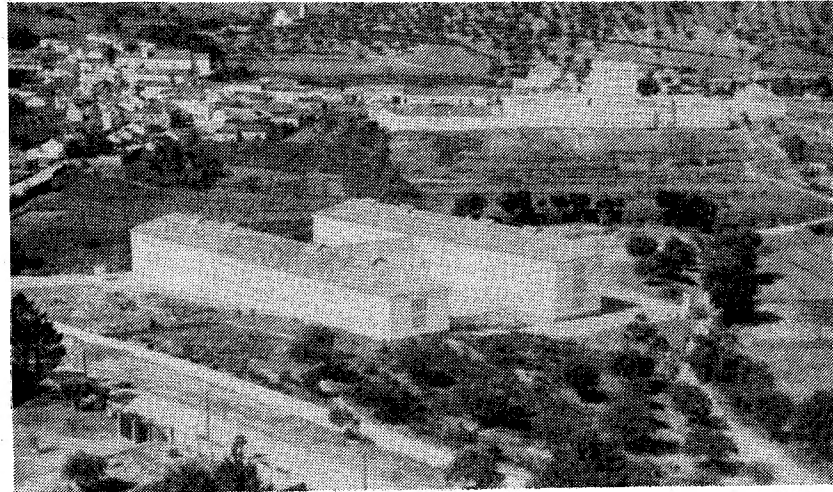
A visita, que terá a duração de duas horas, decorre na sequência de um desejo manifestado pelo Presidente da República para visitar uma prisão do País na altura do Natal.

No Estabelecimento Prisional de Alcoentre encontram-se actualmente cerca de 500 detidos, cumprindo, a sua maior parte, penas médias, nomeadamente por tráfico de estupefacientes e homicídios (sem antecedentes), disse um responsável da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Trata-se de um estabelecimento prisional onde muitos reclusos se encontram em regime aberto, enquanto outros trabalham nas oficinas e explorações pecuárias, onde o Presidente da República contactará com alguns dos presos.

Em Alcoentre existem dois estabelecimentos prisionais, um deles considerado de alta segurança, em Vale de Judeus, que tem na sua história duas fugas célebres (uma de reclusos da ex-PIDE) e que actualmente conta entre os seus presos alguns dos elementos do grupo conhecido como de «os Cavacos».

A prisão que Mário Soares visita é conhecida pelo nome de Estabelecimento Priso-



nal de Alcoentre, e situa-se no centro da vila do mesmo nome.

O chefe de Estado sai de Lisboa às 15.00, estando previsto o início da visita para as 16.00.

Esta deslocação conjunta de Mário Soares e Fernando Nogueira à prisão de Alcoentre decorre na véspera do encontro

que ambos terão no Palácio de Belém, dia 22, e que antecederá a concessão presidencial dos indultos natalícios.

Este ano, 318 reclusos pediram o indulto de Natal ao Presidente da República, e alguns desses pedidos são provenientes do estabelecimento prisional que o Chefe de Estado hoje visita.

Caçadores furtivos a contas com a GNR

Três indivíduos foram detidos na última quinta-feira por elementos da Guarda Nacional Republicana, encontrados a caçar utilizando meios ilegais: utilização de fúria, num dos casos.

Dois deles foram detectados em Torres Vedras, sendo-lhes apreendidos, uma arma de calibre 12, um coelho e outros utensílios de caça, tendo sido presentes no tribunal da comarca que os libertou até ao julgamento. O terceiro foi detectado em Benfátel, Alentejo a caçar com fúria. Ao aperceber-se da presença (inoporuna) dos militares da GNR, pôs-se em fuga, mas foi reconhecido pela patrulha, pelo que seria mais tarde notificado para comparecer em Tribunal.

Incêndio na baixa pombalina

Um incêndio deflagrou ontem no segundo andar do número 70 da Rua dos Correeiros, na Baixa lisboeta, destruindo parcialmente um compartimento — informou uma fonte dos bombeiros.

Os bombeiros registaram a chamada às 22h24 e deram o incêndio como extinto às 23h02, disse a mesma fonte.

No andar em que se registou o sinistro funciona uma repartição de Finanças.

13946 atendimentos do 115 em Novembro último

A Polícia de Segurança Pública atendeu em todo o País, durante o mês de Novembro, 13 946 pedidos de auxílio, através do seu serviço 115 — anunci-

ou o gabinete de relações públicas da PSP.

Cerca de 10 725 referiam-se a pedidos de ambulâncias, que foram satisfeitos através da própria PSP, de corporações de bombeiros e de outras organizações.

O maior número de chamadas de ambulâncias ocorreu em Lisboa, Porto e Aveiro, enquanto que as saídas por ocorrências policiais registaram níveis mais elevados em Lisboa, Funchal e Porto.

As saídas de ambulâncias foram motivadas essencialmente por doenças súbitas (4018), acidentes de trânsito (1280) e quedas (1008).

Lei da protecção civil já no próximo ano

Uma lei de bases da protecção civil deverá ser aprovada no decorrer do próximo ano, admitiu o ministro da Administração Interna.

O anteprojeto de lei, ontem apreciado em reunião do Conselho Superior de Protecção Civil, terá agora de ser levado a Conselho de Ministros e submetido depois à votação na Assembleia da República.

Silveira Godinho, que se escusou a adiantar pormenores sobre a futura lei, acentuou que «as questões da protecção civil não se fazem apenas quando as coisas acontecem».

A possibilidade de lançamento de uma campanha de informação pública sobre protecção civil e a análise de um protocolo recentemente assinado entre o serviço nacional e a universidade de Aveiro foram também discutidas na reunião, realizada no Instituto de Defesa Nacional.

O protocolo visa desenvolver «um suporte informático para acção em caso de acidente industrial» e será instalado inicialmente no complexo químico de Estarreja, Aveiro.

O ministro comunicou ainda

ao Conselho os resultados de uma reunião da Comunidade Europeia sobre Protecção Civil realizada há cerca de um mês em Bruxelas.

O orçamento do Estado para 1989 destinou 507 900 contos para a protecção civil, contra 353 500 em 1988.

O PIDAC — Plano de Investimento da Administração Central destinou também, pela primeira vez, 130 mil contos do seu orçamento do próximo ano para a protecção civil.

Essa verba será aplicada na sede e centro operacional do Serviço de Protecção Civil a instalar no Alto do Restelo, disse Silveira Godinho.

Com muitos artistas e sem Herman "Natal dos Hospitais" leva alegria a presos e doentes

É dedicado aos doentes e aos presos o Natal dos Hospitais que desde o princípio da tarde a RTP leva a casa de todos os portugueses e em particular aos estabelecimentos hospitalares e prisionais. Iniciativa do «Diário de Notícias» há muitos anos, regista hoje um recorde de participações.

Há uma falta que muitos doentes e detidos vão sentir: a de Herman José, por via de um recorde, mas já velho, litúrgico com a Radiotevisão Portuguesa. Por outras palavras: este Natal dos Hospitais corre, por esta e outras razões, o risco de perder em qualidade, apesar da quantidade.

A ausência de Herman José e a maior participação de sempre de artistas são as duas novidades da

iniciativa deste ano, que desde as 14 horas e 30 a RTP transmite. Visa — como diz aquele matutino lisboeta — «levar o calor da quadra natalícia» aos doentes e aos presos. Repete-se desde 1944 e este ano terá uma «presença recorde de artistas».

Lena d'Água, Paulo de Carvalho, Nicolau Breyner, António Calvário, Lena Coelho, Tony de Matos, Afonsinhos do Condado, Nuno Henrique, Ministars e o Coro de St.º Amaro de Oeiras, são alguns dos cerca de 300 artistas que estarão presentes no Porto, Madeira e Açores.

A apresentação vai estar, como é habitual, a cargo de alguns dos melhores animadores de espetáculos portugueses, destacando-se o caso de Júlio Isidro, que comemora as bodas de prata como apresentador da RTP, visto ter iniciado a sua carreira televisiva durante o Natal dos hospitais de 1963.

O espectáculo movimentará cerca de 500 técnicos e, segundo o «DN», serão instalados em hospitais e penitenciárias do País cerca de 800 televisores.

A iniciativa do «Diário de Notícias» teve a sua primeira edição em 1944. Este ano contará com 5 horas de transmissão através da RTP 1.

Assaltos a residências e estabelecimentos

O valor dos furtos, ocorridos na madrugada de ontem na região de Lisboa e comunicados à Polícia Judiciária, ascende a mais de 4800 contos, refere o relatório da PJ.

O assalto a uma livraria de Campolide e um outro a uma residência em Odivelas, constituíram os furtos de maior montante, respectivamente avaliados em 2000 contos e 1200 contos.

Segundo o relatório, das quinze ocorrências participadas àquela Polícia, dez foram assaltos a residências e a estabelecimentos de café, registando-se ainda assaltos a duas «barracas».

Médicos do Júlio de Matos acusam

PLANO DE REORGANIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL É IRREALISTA E OMISSO

O corpo clínico do Hospital de Júlio de Matos enviou à Ministra da Saúde um documento assinado por 33 médicos de crítica em que o Plano de Reorganização dos Serviços de Saúde Mental é fortemente criticado e classificado de «irrealista» e «omisso».

Os signatários do documento recordam a Leonor Beleza que a maioria dos 450 psiquiatras inscritos na Ordem dos Médicos se têm manifestado contrários à sua política de saúde mental e referem que o Plano de Reorganização dos Serviços de Saúde Mental, recentemente editado em opúsculo, lhes parece «tanto mais irrealista» quanto afirma «estarem por concluir as negociações com as autarquias para a cedência dos terrenos destinados à implantação dos Centros de Saúde Mental» e a «elaboração dos programas e projectos-tipo das instalações e equipamentos».

Centros ainda sem terreno nem projecto

O Plano determina a criação, na área metropolitana de Lisboa, de onze centros de saúde mental que se substituirão ao Hospital de Júlio de Matos, cujo desmantelamento está previsto, e compensarão a redução do número de camas do Hospital Miguel Bombarda. O documento agora divulgado considera que desses onze centros a-

penas quatro terão exequibilidade prática pois correspondem a estruturas psiquiátricas já montadas.

São eles os centros de saúde mental de Lisboa-Oeiras, correspondente ao antigo sanatório da Ajuda, utilizado há largos anos como serviço de psiquiatria; o centro de Barreiro-Montijo, correspondente ao serviço de psiquiatria do hospital do Barreiro, o centro de «Santa Maria», sediado no hospital de Santa Maria onde há um serviço de psiquiatria há mais de 30 anos, e o centro «Miguel Bombarda» que funcionará na mais antiga instituição psiquiátrica portuguesa, o hospital com o mesmo nome.

O Plano «é omissivo» quanto à calendarização dos centros de Loures Oriental, Amadora-Sintra Oriental, Vila Franca e Loures Ocidental-Torres Vedras», acusam os médicos.

«A nossa preocupação é tanto maior quanto se prevê o desmantelamento do Hospital Júlio de Matos até 1991, espaço de tempo dificilmente conciliável com a necessidade de construir estruturas alternativas nos concelhos de Torres Vedras, Mafra, Sintra, Amadora e Loures», sublinham.

Os velhos foram esquecidos

Para o corpo clínico do Júlio

de Matos, existem «sérias reservas quanto à perspectiva optimista sobre uma menor necessidade de camas psiquiátricas nas próximas duas décadas». E explica porque: «partimos do último lugar da Europa pois temos a mais baixa taxa de camas por habitante na área da psiquiatria», facto que se reveste da «maior importância» já que, no ano 2000, cerca de 15 por cento da população portuguesa terá mais de 65 anos, dando origem a «novas necessidades de hospitalização para doentes gerontopsiquiátricos».

«A problemática específica de uma população idosa em rápido crescimento» foi «simplesmente ignorada na Reorganização dos Serviços de Saúde Mental» que «optou por reorganizar em vez de organizar», pois «tudo está por fazer nesse campo».

Médicos preocupados com futuro profissional

Os médicos do Hospital Júlio de Matos declaram a sua «preocupação quanto ao futuro profissional», afirmando que «neste capítulo, o opúsculo editado pela Direcção dos Serviços de Saúde Mental é pouco menos que omissivo, limitando-se a afirmar, em duas linhas, que a elaboração dos mapas do pessoal (dos Centros de Saúde Mental) e a definição dos critérios de recrutamento e colocação do

mesmo deverá estar concluída até 31 de Dezembro».

Depois de recordarem que «os médicos do quadro hospitalar têm atrás de si uma carreira com provas públicas de graduação em psiquiatria, tanto hospitalares como pela Ordem dos Médicos» e que «obtiveram provimento em lugares do quadro após concurso público com provas teóricas, práticas e curriculares, no rigoroso cumprimento da lei», sublinham a necessidade de os «critérios de recrutamento dos médicos» serem «claros, transparentes e fundamentarem-se na legislação em vigor».

Discordância quanto à desactivação do Júlio de Matos

Os signatários da exposição manifestam «viva discordância quanto à intenção de desactivar o Hospital Júlio de Matos, considerando que «dificilmente se compreende a opção» de conservar o «mais antigo hospital, muito mais degradado», que é o Miguel Bombarda, e escolher «para abater o Hospital mais moderno», com «possibilidades para uma adequada e polivalente reconversão dentro da Saúde Mental e Medicina Geral».

Os médicos propõem à Ministra da Saúde «uma visita aos hospitais psiquiátricos de Lisboa para apreciação in loco das suas características, defeitos e potencialidades».

Diz o procurador-geral da República

Novos magistrados são prenda no "sapatinho"

Os 61 novos magistrados que ontem tomaram posse no Palácio de Palmela, em Lisboa, «são uma prenda do Pai Natal para o Ministério Público», afirmou o procurador-geral da República, conselheiro Cunha Rodrigues.

«Nas muitas chaminés do palácio deve estar uma prenda para o Ministério Público que tão desfalcado se encontrava de magistrados. O Pai Natal trouxe no saco 61» — disse Cunha Rodrigues.

O procurador-geral falava no decorrer da cerimónia de apresentação dos novos magistrados que integraram o IV Curso de Formação do Centro de Estudos Judiciários e foram agora nomeados para o exercício efectivo de funções em vários tribunais.

A cerimónia, que decorreu no Palácio da Procuradoria-Geral da República, foi presidida pelo ministro da Justiça, Fernando Nogueira, e contou também com a presença dos mais altos magistrados do Ministério Público de Portugal, e do presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

No seu discurso, Cunha Rodrigues, o único presente a usar da palavra, destacou ainda o «importante papel» do Ministério Público, que considerou ser «a mão juridicamente armada da lei, o defensor da legalidade e a

voz dos que a não têm».

O procurador-geral afirmou que o Ministério Público, apesar da entrada dos 61 novos magistrados, ainda fica com mais de 50 lugares vagos, facto que significa «existirem tribunais sem titular», o que «obriga a efectuar um regime de acumulação».

Segundo Cunha Rodrigues, que regressou há pouco de uma viagem à Grécia e a Espanha, o sistema jurídico português é «o mais avançado da Europa».

No entanto, na opinião do conselheiro, existem problemas «de há muitos anos» que necessitam de resolução, como sendo a carença de instalações, de equipamento, formação e pessoal de apoio.

Quanto à aplicação do novo Código de Processo Penal, o procurador-geral da República considerou haver «um saldo positivo».

No que respeita à recente greve dos magistrados, Cunha Rodrigues preferiu não se pronunciar, dizendo apenas que esta «é uma iniciativa que compete às estruturas sindicais e que não tem a ver com estruturas hierárquicas».

«Trata-se de um problema que só pode ser resolvido pelo Governo e pela Assembleia da República» — concluiu.

Governo investe em novos tribunais

O Ministério da Justiça prevê investir este ano 3,3 milhões de contos na construção de novos tribunais e na realização de «um elevado número» de obras de conservação e beneficiação.

Um documento da Secretaria-Geral do Ministério da Justiça refere que para 1989 se encontra previsto, para além do prosseguimento da construção de 17 tribunais, em execução no final deste ano, será feita a contratação para a construção de mais 11.

A conclusão da elaboração de 19 projectos técnicos para tribunais judiciais, iniciados em 1988 e a contratação de 20 novos projectos para a realização de outros tantos tribunais — são ainda outras metas previstas.

A Secretaria-Geral do Ministério da Justiça refere que para 1989 se encontra previsto, para além do prosseguimento da construção de 17 tribunais, em execução no final deste ano, será feita a contratação para a construção de mais 11.

A conclusão da elaboração de

19 projectos técnicos para tribunais judiciais, iniciados em 1988 e a contratação de 20 novos projectos para a realização de outros tantos tribunais — são ainda outras metas previstas.

A Secretaria-Geral do Ministério da Justiça aponta também no documento para a realização de «um elevado número de obras de conservação e beneficiação em tribunais, conservatórias, cartórios e casas de magistrados».

É igualmente focada a «aquisição de novas instalações para serviços dos registos e notariado actualmente instalados em tribunais, no sentido de permitir a entrada em funcionamento dos tribunais de círculo».

O documento considera que o ano de 1988 «constitui um marco no sentido de modificar o actual panorama do parque imobiliário do Ministério da Justiça, no tocante às instalações afectas à administração da justiça e aos serviços de registos e notariais».

Coordenador do PS defende

audição de autarca de Palmela

O deputado José Reis, coordenador distrital da Federação de Setúbal do PS, disse à Lusa que «ainda é desconhecida qualquer sanção contra o vereador da Câmara Municipal de Palmela, a quem a Comissão Política concelha do PS de Palmela retirou a confiança política».

Segundo José Reis «o autarca será ainda ouvido tal como a Comissão Política do PS em Palmela e somente depois o processo terá ou não evolução pois

nada se fará sem que o visado tenha defesas».

José Reis referia-se ao vereador do PS, Mário Nery, da Câmara Municipal de Palmela, a quem a Comissão Política concelha do PS de Palmela retirou a confiança política.

O coordenador distrital do PS disse ainda que «a Federação tem conhecimento oficial e vai iniciar as audições, pelo que não se sabe se o caso vai à Comissão de Conflitos».

É perigoso estar doente nos hospitais portugueses

Há três semanas ocorreu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, um episódio ilustrativo dos problemas derivados das deficiências dos sistemas eléctricos, quando uma médica anestesista sofreu um choque no decurso de uma operação no bloco operatório de pediatria, montado há 34 anos, e que entretanto encerrou para obras.

Fontes médicas indicaram que no bloco operatório tinha deste há muito problemas de iluminação, tendo o ano passado faltado a luz durante uma operação o que colocou em perigo o doente e a equipa médica.

Costa Freire, secretário de estado da saúde, disse, a propósito, que «a administração do hospital tomou medidas logo que detectou as anomalias».

A preocupação dos organizadores do seminário, que foi patrocinado pela Direcção-geral das Instalações e Equipamentos de Saúde, é precisamente a segurança dos estabelecimentos, uma responsabilidade que, se-

gundo Eduardo Caetano, diz respeito a todos os que intervêm no projecto, construção e equipamento e ainda na manutenção e gestão dos edifícios.

Todos são responsáveis

O professor da Escola Nacional de Saúde Pública defendeu a criação de um serviço de segurança nos hospitais onde «todos são responsáveis».

José Nogueira da Rocha, director-geral das Instalações e Equipamentos de Saúde, disse que embora não seja possível evitar todos os acidentes possíveis num hospital, «não são aceitáveis a imprevidência, a negligência e a ignorância».

Este responsável recordou a que a nova lei de gestão hospitalar confere aos cidadãos «o direito de esperar dos hospitais um tratamento que se situe ao nível de qualidade que o respeito que merecem e os meios humanos e materiais envolvidos tornam razoável esperar».

Hospitais com pavimentos escorregadios, macas e camas

sem protecções laterais e sistemas eléctricos defeituosos constituem perigos susceptíveis de provocar nos doentes traumatismos adicionais graves, afirmou um dos participantes no seminário sobre segurança hospitalar a decorrer na Fundação Gulbenkian, o professor Eduardo Caetano, da Escola Nacional de Saúde Pública.

No caso das crianças, os riscos são ainda maiores e podem chegar ao estrangulamento em grades de camas ou à queda pelas caixas das escadas, sem protecção, afirmou o especialista em cuja opinião, nos hospitais, «tudo e todos constituem fontes de perigo, pelo menos em potencialidade».

O seminário, que hoje termina, conta com a participação de 200 especialistas ligados à gestão hospitalar, tendo a ministra da Saúde, Leonor Beleza, presidido à sessão de abertura, segunda-feira.

O professor da Escola Nacional de Saúde Pública, Eduardo

Caetano, sublinhou que, além das fontes de perigo referidas e que se prendem com os tipos de acabamentos dos edifícios e com os equipamentos, outras há ligadas às próprias pessoas.

É o caso dos doentes, portadores de micro-organismos patogénicos, que podem ser transmitidos a outros quer directamente, quer pelas roupas, pela circulação do ar ou pelo próprio pessoal que uma fonte potencial de perigo na medida em que pode actuar como veículo transmissor de doenças.

Pessoal e visitantes são fontes de infecção

O especialista disse que 80 por cento das infecções cruzadas registadas nos hospitais são atribuídas às mãos do pessoal que também se pode enganar em questões importantes como, por exemplo, a medicação dos doentes, ou desleixar-se com os produtos esterilizados ou com a limpeza das unidades de internamento.

CAVACO OU OS SINDICATOS: QUEM VAI GANHAR?

Jose Brandao

Faltam poucos dias para o início da primeira grande vaga de negociações contratuais nos sectores e nas empresas públicas com a maior dimensão de emprego do País. O movimento sindical por um lado e os representantes patronais por outro, preparam-se uma vez mais para ocupar os seus lugares nas mesas de negociações e dar o tom àquele que é provavelmente o mais espectacular ritual social que agita a normalidade dos nossos dias. Na Função Pública, na Carris, nos Seguros, na EDP, na TAP, na Petroquímica, na Siderurgia, e logo de seguida, na CP, no Metro e na Transtejo, sindicatos e «patrões» têm tudo pronto para este aparatoso teste de forças que desde o 25 de Abril de 1974 coloca em estado de alerta a generalidade dos trabalhadores portugueses e a opinião pública interessada.

Tradicionalmente muito difíceis e de consequências bastante gravosas para grande parte da população, estas negociações de modo algum podem passar despercebidas ao cidadão comum. Os efeitos dramáticos das greves nos serviços públicos, as dificuldades causadas ao normal funcionamento da vida quotidiana, são visíveis de mais para quem alguém «fique de fora» e ouse escapar a esta gigantesca teia político-sindical que todos os anos por esta altura envolve a vida dos portugueses.

Na última década, raro tem sido o ano em que os primeiros dias não tragam à liza uma greve de transportes públicos ou outra qualquer manifestação de instabilidade laboral de pesadas consequências. A cena repete-se com uma vulgaridade tão frustrante que chega a ser duvidoso se algum dia estes sindicalistas e estes patrões serão capazes de proceder de outra maneira.

Pensar deste modo é cada vez mais vulgar entre os próprios trabalhadores, que, no entanto, não desistem de apostar com todas as suas forças nesta primeira leva de negociações contratuais. Aliás, outra coisa não era de esperar: é que os resultados obtidos têm servido sempre para influenciar e submeter todos os processos que estão a seguir. Praticamente toda a contratação seguinte será melhor ou pior consoante o que esta primeira quota traduzir.

Tudo isto significa que nem os sindicatos nem o Governo estão dispostos a abdicar de concentrar todo o seu «potencial de fogo» na batalha dos próximos dias. A «última arma do trabalhador», a greve, salta para a rua com a maior sem-cerimónia, enquanto o Governo se aplica num empenhamento em que não lhe repugna a utilização a esmo da requisição civil ou outros recursos menos ortodoxos face ao conceito moderno de livre negociação.

Três ou quatro meses decisivos

Afinal, é nestes próximos três ou quatro meses que tudo se decide e fica mais claro quem vai ganhar ou perder neste desafio anual que opõe os sindicatos ao Governo, e que se traduz, no fim de contas, naquilo que em 1989 cada trabalhador português vai ter de aumento no seu salário.

Neste momento tudo aponta para que as posições venham a atingir uma radicalização extrema. Só por milagre parece possível evitar que vá por diante a vaga de greves que está aí bem à vista no horizonte mais chegado.

Cavaco Silva já demonstrou que a sua «generosidade social» se enquadra melhor no âmbito do que é «concertado» no Conselho Permanente de Concertação Social, do que no atribulado mundo da reivindicação de base expresso nas propostas sindicais apresentadas nas empresas.

Nesta posição, o Primeiro-Ministro ficará irremediavelmente amarrado a um jogo em que o que ganha não chega para sair verdadeiramente vencedor. Por esta ou por aquela razão, este CPCS não tem conseguido representatividade

de que lhe permita agarrar parceiros de reconhecida importância, impossibilitando uma credibilidade e uma extensão fundamentais para acordos desta natureza.

É certo, que numa perspectiva que não se queira larga, o Primeiro-Ministro, não tem razão para deixar de estar satisfeito com este CPCS. Através dele consegue fazer aquilo que até agora ninguém conseguia. Compromete parceiros de vulto; reduz o poder negocial dos sindicatos e dos cerca de 400 contratos que estes têm em mãos; dificulta a concretização de uma política sólida e coerente ao maior partido de oposição, causando-lhe embaraços a que certamente não deixa de estar ligada a recente atitude de Vítor Constâncio.

Esta é a face boa da questão. A face má encontra-a Cavaco Silva no completo fracasso do seu atraente projecto de estabilidade social para os Portugueses. Nunca como hoje se viu tantos sectores inclinados para a greve e dispostos a sair do comodismo das suas situações; nem por isso das mais aflitivas da nossa realidade.

Terceira central? Instrumento de «bluf»

Pode vir mil vezes à baila que os sindicalistas do PSD zangados com Torres Couto vão avançar para a constituição de uma terceira central sindical. No entanto, manda o juízo que esta ideia de fundar uma central, só para chatear a cabeça a alguém, não passe de um frugal apetite de quem tem mais olhos do que barriga. Enquanto os resultados forem os que estão à vista e o PM não encontrar razão para os considerar maus, não é de estranhar que Cavaco Silva e o PSD se apressem a vir declarar o chumbo da terceira central sempre que Arménio Santos acorde a pensar nessa ideia. Para já ela funciona melhor como instrumento de «bluf» sobre as possíveis volubilidades de Torres Couto do que propriamente como estrutura capaz de ter uma correspondência objectiva que interesse neste momento a Cavaco Silva e aos seus pares.

O mesmo, porém, não se passa com os sindicatos. Aqui os homens de tendência social-democrática parecem não estar dispostos a dar mais o benefício da dúvida e estão a desenvolver todos os esforços para conseguir pôr de pé alguns projectos de sindicatos paralelos aos já existentes no seio da UGT. Principalmente em sectores como os dos transportes, professores, quadros, entre outros, é já perceptível o «trabalho» dos TSD de Arménio Santos. Algumas incompatibilidades entre as posições da UGT e as dos sindicatos da central têm vindo a facilitar este desabrochar de um sindicalismo laranja.

A grande maioria dos sindicatos da UGT não esconde as suas dificuldades na contratação colectiva e naturalmente na sindicalização, face àquilo que a central entendeu subcrever no âmbito do Acordo de Política de Rendimentos e Preços. Era mais do que óbvio que a generalização dos actos de gestão como forma de incapacitar as negociações dos sindicatos: o logro de uma cláusula de compensação salarial que não se consegue levar a produzir efeitos, e a própria forma encontrada para «compensar» os trabalhadores da Função Pública, nunca poderiam deixar os sindicatos a morrer de amores por esta concertação social. O próprio Torres Couto não tem dúvidas em reconhecer que as três variáveis que estiveram na base do acordo que a UGT firmou no CPCS, como sejam a inflação prevista, a evolução dos ganhos de produtividade e as compensações ou correcções, falharam em toda a linha.

Claro que perante isto não era surpresa que dos sindicatos viesse outra coisa que não fosse a rejeição total à assinatura de um novo Acordo de Política de Rendimentos e Preços. Bem vistas as coisas ninguém se pode admirar que nem um só sindicato da UGT tenha dado até agora qual-

quer aval à Central para que isso seja possível. Neste momento Torres Couto não pode voltar a repetir o «erro de ingenuidade» que ele próprio assumiu em recente entrevista ao «Diário de Notícias». Pode continuar a fazer de Miguel Cadilhe o seu alvo predilecto, mas ninguém ignora que Cavaco Silva existe e que Cadilhe é «apenas» o ministro das Finanças de um Governo que tem Chefe.

UGT e CGTP favorecem imagem de Cadilhe

Mas se nesta «preferência» pelo responsável da pasta das Finanças, Torres Couto acaba por estar a favorecer, pelo menos involuntariamente, a promoção e a imagem política do Primeiro-Ministro, o mesmo sucede com o secretário coordenador da CGTP quando vem afirmar que «até agora a média dos contratos celebrados cifra-se em nove por cento» e «nas empresas privadas os aumentos médios conseguidos são na ordem dos onze por cento». O principal responsável da CGTP faz as contas com pouco rigor e clareza. Tomar a soma das percentagens alcançadas em cada contrato e dividi-la pelo número dos contratos em causa ou pegar em exemplos pouco representativos, não é a mesma coisa do que saber quantos trabalhadores conseguiram os 11 por cento, ou mesmo os 9 por cento que Carvalho da Silva afirma nas suas declarações públicas. Tal como não se percebe que Torres Couto e a UGT apenas falem da Função Pública quando referem situações difíceis no seio dos trabalhadores. O mesmo sucede quando Carvalho da Silva e a CGTP vêm apresentar uma imagem de aumentos salariais portugueses nestas últimas negociações. Por vezes chega a parecer que a realidade vivida dentro das centrais não é a mesma que os sindicatos sentem e vivem no seu dia-a-dia.

É talvez por isso que estão a surgir um pouco por todo o lado tantos fenómenos de rebeldia sindical em relação às superestruturas convencionais. Fundamentalmente são as grandes centrais que são postas em causa com o aparecimento de novas expressões de ansiedade sindical. Entre as razões dos COBAS italianos, das enfermeiras parisienses, dos electricistas britânicos e dos trabalhadores dos estaleiros navais polacos, podem existir grandes diferenças, contudo, todos eles são uma forma de contestação ao sindicalismo normalizado e reflectem uma disponibilidade dos trabalhadores para o que, em muitas opiniões, não passa de mero aventureirismo obreirista, mas que os conquista melhor do que o «sindicalismo oficial».

Seja como for o aviso não pode deixar de ser escutado pelas Centrais de Torres Couto e de Carvalho da Silva.

Cavaco Silva não querará perder, e não perde de certeza, se entre as Centrais e os sindicatos houver disponibilidades diferentes face aos objectivos em causa. Para o Primeiro-Ministro ainda é cedo para proceder de modo mais «generoso» na sua política social. 1989 não é o ano eleitoralmente decisivo e seria prematuro começar dar a provar frutos que na altura terão outro sabor.

Pode parecer que Cavaco Silva está a jogar bem quando pensa fazer esquecer três anos piores com um ano menos mau. Esta lógica é capaz de funcionar se até lá os sindicatos e as Centrais deixarem de ter uma palavra a dizer junto dos trabalhadores e da população em geral, se eles continuarem a «mexer» e conseguirem resgatar alguma parte do prestígio perdido nas negociações anteriores, então, talvez haja surpresas.

Cavaco Silva não quer perder. Os sindicatos não podem perder. A ver vamos.

* Sindicalista SITRA/UGT

NOTA: Subtítulos da responsabilidade do «DL».

"A gestão dos recursos humanos e os direitos dos trabalhadores": uma reflexão com conselhos práticos

A Editorial Caminho editou recentemente o 2º e 3º volume da obra «A gestão dos recursos humanos e os direitos dos trabalhadores», da autoria de Anselmo Aníbal e Vítor Costa.

Os três volumes abordam, em 800 páginas, temas clássicos da gestão de pessoal nas empresas e organizações, como a estrutura organizacional, qualificação de funções, avaliação e desenvolvimento, selecção e processos designatórios, forma-

ção, comunicação, balanço social.

A obra acentua ainda a prática em empresas e organizações, exemplificando com «notas técnicas», modelos de impressos e situações vividas.

O primeiro volume, dividido em quatro partes, traça uma panorâmica das relações sociais e de trabalho até finais do século XIX, a evolução daquelas relações no nosso século especificando, na terceira parte, as rela-

ções de trabalho na actualidade (anos 70 e 80) e, na quarta, em Portugal.

Relativamente ao nosso país, os autores focam a situação até 1974, o período que medeia entre a Revolução e a aprovação da Constituição, a situação sindical e a participação dos trabalhadores. Destaca ainda para os capítulos referentes ao regime legal das relações colectivas de trabalho, a política de emprego e de educação e forma-

ção profissional, a situação e condições de trabalho e leis laborais em vigor.

O segundo volume aborda temas como a natureza da empresa, a política de gestão e os recursos humanos, bem como o envolvimento sistémico dos problemas de gestão de recursos humanos. O terceiro volume continua a tratar do mesmo tema, dando especial destaque à questão dos departamentos/direcções de recursos humanos

como órgãos técnicos responsáveis.

São de salientar os capítulos que fazem uma reflexão global sobre as políticas da empresa/organização e consequências fundamentais no domínio da política dos recursos humanos e a gestão dos recursos humanos como «gestão partilhada» (2º volume) ou, ainda, os que se debruçam sobre a criação e manutenção de um sistema que permita, em permanência, o a-

perfeiçoamento e a formação do conjunto dos recursos humanos, acções formativas para quadros e técnicos, horários de trabalho, suspensão da prestação de trabalho, higiene e segurança no trabalho e acidentes de trabalho e doenças profissionais.

Os autores da obra são pessoas com formação específica na matéria. Anselmo Aníbal é licenciado em Filosofia.

Vítor Costa é licenciado em Direito.

MERCADO INTERNO: SUCESSO DEPENDE DE UMA DIMENSÃO SOCIAL DE PROGRESSO

— defendeu o eurodeputado comunista Barros Moura

Uma «dimensão social de progresso» traduzida na melhoria das condições de vida e de trabalho é condição para o sucesso do Mercado Interno de 1992, defendeu ontem, em Lisboa, o deputado comunista ao Parlamento Europeu, Barros Moura.

O eurodeputado, que falava no seminário «1992 Mercado Interno - que dimensão social» promovido pela CGTP, acrescentou que a dimensão de progresso passa também pela garantia dos direitos dos trabalhadores e pelo reforço da sua influência nas decisões comunitárias.

Caso a dimensão social de progresso não seja conseguida, a derrota não será da CEE, mas dos próprios trabalhadores no conjunto da Comunidade, frisou.

Para Barros Moura, o que existe no actual projecto de Mer-

cado Interno é «uma dimensão social de retrocesso, baseada nas teses neo-liberais de desregulamentação».

O eurodeputado manifestou também a sua oposição à estratégia de «uma contenção salarial preconizada pela Comissão das Comunidades Europeias de acordo com Cavaco Silva para Portugal», recordando, a propósito, que o último relatório da Comissão prevê uma maior redução da taxa de aumento salarial, situando a média comunitária em 4,6 por cento.

Para Barros Moura, é necessário reforçar a influência dos trabalhadores nas decisões comunitárias, através, nomeadamente, do aumento do poder do Comité Económico e Social (CES) da CEE, cuja composição deveria ser alterada de modo a transformar-se numa verdadeira instituição tripartida de negociações - sindicatos/patro-

nato, sob mediação das instituições europeias.

O deputado comunista no Parlamento Europeu considerou ainda indispensável a afirmação e exercício da soberania nacional e alertou para as responsabilidades determinantes do Governo.

«É um erro grave responsabilizar a CEE por decisões e omissões do Governo, que utiliza obrigações inexistentes na CEE como pretexto contra os direitos dos trabalhadores, como é o caso do pacote laboral», explicou.

Barros Moura manifestou-se ainda contra o apoio do Governo português à adesão da Turquia à CEE, considerando que este país, além de «ter um regime anti-democrático, concorre igualmente com Portugal no Mercado Comunitário, como é o caso dos fósforos e têxteis».

Federação Sindical mantém críticas

Governo publica decreto sobre compensação salarial da Função Pública

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FNSFP) criticou já o decreto-lei governamental referente à revisão salarial intercalar de 15 por cento, publicado segunda-feira na folha oficial. No documento estabelece-se que só os funcionários públicos dos escalões mais baixos (entre as letras 'J' e 'U') receberão a compensação em numerário, enquanto os restantes, compreendidos nas primeiras nove letras ('A' até 'I'), serão pagos em certificados de aforro.

Em comunicado, aquela federação, afecta à CGTP, considerou «ridículo e demagógico» o argumento expresso no preâmbulo do diploma, de acordo com o qual «a redução do horário de trabalho é uma forma de compensar a redução do poder de compra dos trabalhadores».

«Por nós, não sabemos em que mercado se aceitam horas de trabalho para pagar bens de consumo», acrescenta a FNSFP no comunicado.

A federação critica ainda o facto de o Governo não ter discutido a revisão salarial intercalar com os sindicatos e de os aumentos estabelecidos não incidirem sobre as diuturnidades.

Para a estrutura sindical «não faz qualquer sentido o pagamento em certificados de aforro aos trabalhadores que vençam pela letra 'T' ou superior».

Segundo a FNSFP, a revisão intercalar cobre metade da diferença entre o aumento salarial de 6,5 por cento imposto pelo Governo na Função Pública e a inflação verificada.

Certificados de aforro só mobilizados daqui a 6 meses

Segundo estabelece o diploma do Governo, a remuneração extraordinária que foi concedida este ano aos funcionários públicos a título de reajustamento salarial consequente do desvio da inflação será apenas liquidada em numerário aos trabalhadores dos escalões mais baixos, colocados entre as letras 'J' e 'U'.

Isto porque, conforme estabelece o diploma, os reajustamentos que impliquem recebimentos acima dos 12 mil escudos serão liquidados em certificados de aforro, com data de 1 de Dezembro, mas que não poderão ser mobilizados durante seis meses.

Os funcionários das letras 'U', 'T' e 'S' recebem sete mil escudos, os das letras 'R', 'Q', 'P' e 'O' receberão a remuneração extraordinária de oito mil e quatrocentos escudos, os trabalhadores das letras 'N', 'M' e 'L' terão à disposição nove mil e oitocentos escudos e, por último, aos das letras 'J' e 'K' será liquidada a importância de onze mil

e duzentos escudos.

Por seu turno, a atribuição de certificados de aforro proceder-se-á do seguinte modo: funcionários da letra 'T', 12.600\$00; 'H', 14 contos; 'G' e 'F', 15.400\$00, 'E', 16.800\$00; 'D', 19.600\$00; 'C', 21 contos; 'B', 23.800\$00 e da letra 'A', 25.200\$00.

O ajustamento salarial decretado pelo Executivo incide apenas sobre o vencimento base durante 12 meses, não incluindo diuturnidades ou outros abonos.

Madeira: Governo e sindicatos reunem periodicamente

Entretanto, na Madeira, o secretário regional da Administração Pública e o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública acordaram na realização periódica de reuniões «para apreciação de questões relacionadas com o funcionalismo», informou uma fonte oficial.

Segundo o Executivo madeirense, o secretário regional Bazenaga Marques, responsável pelo sector do funcionalismo público, reuniu-se com o sindicato para debater questões relacionadas com legislação pendente, como carreiras técnicas e a aplicação de um adicional aos salários dos trabalhadores.

Em reuniões separadas

sem grandes hipóteses para já

UGT E CGTP DEBATEM QUESTÃO DA GREVE GERAL

Até ao fim da manhã, segundo o «DL» apurou, nenhuma das centrais sindicais, reunidas separadamente, tinha decidido convocar mais uma greve geral contra a última versão do pacote laboral. Manuel Lopes, da CGTP, afirmou ao «DL» que da reunião de dois dias do Conselho Nacional, que hoje começou, «não deverá sair a decisão da greve geral. Pode é ficar essa hipótese em aberto». Também no encontro do Secretariado Nacional da UGT, que termina esta tarde, não havia ainda qualquer indício de que da reunião saísse a aprovação daquela forma de luta. Mas, caso isso venha a acontecer, os sindicalistas social democratas, «em princípio serão contra», adiantou Rui Santos Alves, daquela tendência.

Depois do ministro Silva Penedas ter posto à discussão pública por 30 dias a nova versão da revisão da legislação laboral do Governo, sem previamente a apresentar aos parceiros sociais, CGTP e UGT reuniram os seus órgãos máximos entre Congressos para tomarem uma posição sobre a questão.

Várias foram já as declarações sobre a matéria, mas só das reuniões que hoje decorrem sairá uma posição «oficial» de cada central, que certamente amanhã as transmitirão ao Governo, na reunião do Conselho Permanente de Concertação Social.

A UGT, que termina esta tarde a reunião de dois dias do seu Secretariado Nacional deixou para hoje a discussão das «questões quentes», segundo o «DL» apurou.

Ontem ficou-se pelo debate de matérias relacionadas com a CEE e Segurança Social. As grandes decisões sobre política de rendimentos para 1989 e pacote laboral serão tomadas hoje. No entanto, segundo afirmou Rui Santos Alves, «antes de terem sido desencadeadas todas as formas de pressão junto do Governo para que altere a sua posição, não se deverá avançar para a marcação da greve geral».

Social democratas contra greve geral

Mas caso essa decisão seja hoje tomada, a tendência sindical social

democrata da UGT reunirá de urgência para discutir a questão.

«Em princípio seremos contra uma nova greve geral por causa do pacote laboral», afirmou ao «DL» Rui Santos Alves, acrescentando:

«Não quer dizer que se juntem outros argumentos, como a falta de vontade política do Governo se acordar uma política de rendimentos para o próximo ano, não acabemos por apoiar nova greve geral. Agora só pelas leis laborais, não».

Segundo disse aquele sindicalista social democrata, «nós, pela nossa parte, vamos fazer todas as diligências junto do Governo para que altere tudo aquilo com que não concordamos. Das conclusões dessas diligências depende um pouco o nosso comportamento seguinte».

Grande conflitualidade no próximo ano

Por sua vez, Torres Couto, durante um intervalo da reunião do Secretariado, afirmou aos jornalistas que será «pouco provável» um acordo sobre política de rendimentos e preços para 1989, ano que prevê «marcado por grande conflitualidade».

Sobre o pacote laboral, o secretário-geral da central considerou que «ainda contém matérias graves e inconstitucionais», não especificando todavia uma posição da

central sindical acerca do projecto de decreto-lei sobre a legislação laboral, posição que reservou para a conferência de imprensa de amanhã.

Torres Couto classificou também de «indiscutível e desrespeitoso» o comportamento do Governo, «ao sonegar a apresentação do novo pacote laboral em sede de Concertação Social».

«O Governo deve pedir desculpas públicas pela sua atitude arrogante para com os parceiros sociais», acrescentou.

O líder da UGT não rejeitou a hipótese de uma nova greve geral no caso de aplicação do projecto-lei e da política de rendimentos, embora frisasse: «não defendo a greve pela greve».

«O ministério das Finanças quer impor um tecto salarial no sector público e privado, com referências abaixo da inflação prevista», adiantou Torres Couto.

CGTP: greve geral não deverá sair do Conselho

«O Conselho Nacional deverá avançar com algumas acções de luta e deixar em aberto a possibilidade da sua intensificação e até de convergência», afirmou ao «DL» Manuel Lopes, a propósito da reunião daquele órgão da CGTP, que hoje se iniciou.

Três pontos importantes estão agendados: a proposta estatutária do Conselho Nacional a apresentar ao VI Congresso da central, a política de rendimentos para 1989 e o pacote laboral.

Quanto à política de rendimentos, a CGTP analisa-la-á sob duas perspectivas: a inflação, que ultrapassou as próprias previsões da central e que pelas suas contas situar-se-á em 10,1 por cento em Abril próximo, e a distribuição do rendimento nacional.

Quanto ao pacote laboral, aquele sindicalista avançou que «a hipótese de greve geral ficará em aberto, mas não deverá decidida nesta reunião».

Greve geral nos transportes é hipótese — admite dirigente do SITRA

«Não será surpresa nenhuma se os sindicatos dos transportes decretarem uma paralisação do sector, antecipando-se à greve geral que as centrais vão discutindo», afirmou esta manhã ao «DL» José Brandão, dirigente do SITRA, salientando o conflito que se verifica nas empresas de transportes.

«Ao fim de quatro reuniões de negociação na Carris, sindicatos e administração ainda não saíram da discussão do protocolo», disse o

dirigente.

Este ano, pela primeira vez, todos os sindicatos da empresa estão sentados à mesma mesa com a administração e «apesar das diferentes posições, nenhum consegue desbloquear a situação. Nem numa só matéria se avançou», acrescentou.

Segundo o sindicalista, o próprio negociador representante da administração da Carris afirmou que «obviamente, a proposta da empresa não é boa». «Perante este

pano de fundo, não se pode esperar que as negociações decorram sem conflitos», frisou José Brandão.

Por seu turno, no Metropolitano de Lisboa o conflito com o Conselho de Gerência não teve até agora qualquer evolução, pelo que o sindicato mantém a convocação da greve de 24 horas para a véspera de Natal, recusando-se a cumprir os «serviços mínimos» decretados pela empresa.

Turismo na zona da Grande Lisboa

MARINA DE CASCAIS TEM JÁ CONCURSO APROVADO

Está já aprovado o concurso para a Marina de Cascais e foi já lançada idêntica iniciativa relativamente à construção do Centro de Congressos, no Estoril - afirmou o secretário de Estado do Turismo no encerramento do simpósio sobre turismo que a Associação de Empresas Turísticas da Costa do Estoril, Mafra, Oeiras e Sintra ontem promoveu no Hotel Estoril-Sol, em Cascais.

Licínio Cunha adiantou ainda, ao reportar-se concretamente à estrutura promotora do seminário, que a Escola Superior de Hotelaria estará em funcionamento no próximo ano lectivo, que está pronto o projecto para a Clínica de Ténis, que também está preparado o projecto para o porto de recreio da Ericeira e que se está a proceder à recuperação do centro histórico de Sintra. Em suma: uma visão geral das grandes questões da região, explanada pelo secretário de Estado do Turismo no que a este departamento respeita.

«É, porém, necessário aproveitar melhor as suas potencialidades», sublinhou ainda Licínio Cunha depois de frisar que «está garantido» o saneamento básico, problema que há cerca de dois anos levantou enorme celeuma, não apenas na Costa do Estoril, mas outrossim nos meios nacionais ligados ao sector. O secretário de Estado do Turismo, que conhece como

poucos a zona, afirmou que a questão está controlada, pelo que a actividade muito beneficiará da nova situação nesta faixa do litoral com tentáculos até ao interior, se bem que seja «indispensável» como também salientou aquele governante - garantir o desenvolvimento equilibrado e a defesa da qualidade, do ambiente e dos recursos naturais».

Note-se que no âmbito da execução do Plano Nacional de Turismo foi criado um PDT (Pólo de Desenvolvimento Turístico) que abrange os concelhos de Sintra e Cascais, que permite às respectivas Câmaras Municipais definir a sua «intenção turística».

De 92 apenas 5 foram financiados

O SIFIT (Sistema de Incentivos Financeiros ao Investimento no Turismo) dominou boa parte dos trabalhos da tarde, proporcionando o esclarecimento de algumas dúvidas aos participantes. Aliás, tratava-se de um dos pontos da ordem de trabalhos, sendo os outros dois a concessão de interesse e utilidade turística e financiamentos directos do Fundo de Turismo.

O presidente do FT (Fundo de Turismo) respondeu a todas as questões que lhe tinham sido postas, por escrito, revelando que dos 92 projectos que foram apresentados, apenas cinco foram, até agora, despachados, no

valor de um milhão e 200 mil contos. A ter em conta, a propósito, o facto do SIFIT (uma emanação do FEDER) prever a distribuição de 2 milhões de contos em cada fase - uma em Abril, já vencida; outra em Agosto, agora na sua ponta final, razão pela qual, e face aos montantes já avançados, não se compreender lá muito bem como contemplar os restantes projectos.

De qualquer modo, qualquer projecto para ser financiado tem de ser acompanhado de vários documentos, depois de aprovado pelo Fundo de Turismo e da Direcção-Geral (de Turismo) dizer que «tem utilidade turística».

Tim-tim-por-tim-tim, preto no branco, o presidente do FT lá explicou como a questão se processa, acrescentando -ainda em resposta a outra dúvida formulada por um dos participantes - que a taxa de crédito, para os casos da animação turística (que nada tem a ver com o SIFIT) é de 10 por cento de uma forma geral, podendo baixar para 8 nas zonas que constituam PDTs.

Aos menos avisados, num mundo -o turístico- em que abundam siglas disto e daquilo, num complexo e emulativo emaranhado (alguns exemplos: CNT, REAT, PDT, SIFIT, SIPE, DGT, FT, INFT, IPT, UT, PNICIA, EDT, PDT, IT, etc), fica esta informação:

criado pelo decreto-lei 420/87, o Sistema de Incentivos Financeiros ao Investimento (SIFIT) visa «incantar as actividades ligadas ao turismo como factores de desenvolvimento regional, contribuindo para o reforço da base económica das regiões, sobretudo daquelas que apresentam uma estrutura produtiva mais débil, mas que oferecem grandes potencialidades de desenvolvimento turístico».

Por essa razão, e se bem que articulado com a SET (Secretaria de Estado de Turismo), depende organicamente do Ministério do Planeamento e da Administração do Território.

Formação deve ser revista

Uma das mais significativas intervenções ontem feitas neste simpósio promovido pela Associação das Empresas Turísticas da Costa do Estoril, Mafra, Oeiras e Sintra, encabeçada por João Pimenta, foi a do presidente do INFT (Instituto Nacional de Formação Turística).

Borges de Oliveira afirmou que a maioria das acções de formação promovidas nas empresas é do tipo pontual, com objectivos a curto prazo, contando-se pelos dedos as que incidem sobre uma visão global da matéria. São também raras as empresas que têm uma política de formação bem definida ou um plano de formação. Borges de Oliveira acrescentou que as

modalidades mais praticadas são o aperfeiçoamento e a reciclagem. «A rápida evolução tecnológica a que se assiste, impossibilita a escola de responder em tempo útil a todas as necessidades de formação. Mesmo que isso fosse possível, a preparação mais específica terá de ser levada a cabo pelas empresas», disse o presidente do INFT.

Torna-se assim indispensável, na sua óptica, «desenvolver nas empresas a função formação, ajudando-as a implementar estruturas adequadas que lhes permitam diagnosticar as suas necessidades de formação, identificar os objectivos, estabelecer planos integrados que contemplem todos os sectores e níveis hierárquicos e pôr em execução esses planos».

O INFT propõe-se -para atingir esse objectivo- assegurar uma assessoria técnica nas áreas de levantamento das necessidades na preparação dos planos de formação e implantação de estruturas de formação.

1989: 3 milhões para promoção

Este simpósio promovido pela AET (Associação das Empresas Turísticas) foi a todos os títulos importante.

Para além do que fica dito, permitiu-nos saber, pela voz do presidente do Instituto de Promoção Turística, que o «maior

esforço promocional, em 1989, vai incidir sobre o mercado externo, que absorverá cerca de três milhões de contos». Serão suas fontes de financiamento o PIDDAC, FEDER e Regiões. Note-se que uma das nossas grandes esperanças nesse domínio é Londres, capital do recrutamento e encaminhamento turístico, não sendo em vão que Portugal para aí enviou o anterior director-geral de Turismo, Serras Pereira - como ontem frisou ao «DL» o presidente de uma dessas regiões num dos intervalos dos trabalhos.

O esforço promocional a desenvolver no período 1988/89 pretende aumentar o peso relativo das dormidas de nacionais em todos os meios de alojamento, a atenuação das dependências dos mercados externos e a redução da sazonalidade.

«Temos de admitir que o IPT dispõe dos meios financeiros suficientes para atingir os objectivos propostos e que estes meios estão, de certo modo, assegurados até 1991, visto que o FEDER vai contribuir com mais 893 mil contos em 1990 e 625 mil contos em 1991», revelou José do Vale.

Os mercados não comunitários em que esse esforço incidirá são, entre outros: África do Sul, Áustria, Brasil, Canadá, EUA, Japão, Suíça e Venezuela, além da Escandinávia -sem a Dinamarca.

ORGATECNICA



SHARP

IBM

CASIO

AV: JOÃO XXI, 12-R/C-E
☎ 88 57 79 • 89 32 99 - 80 08 08
1000 LISBOA

A caminho das 10 mil camas turísticas

Costa Azul inaugura o seu edifício-sede

A Região de Turismo da Costa Azul inaugura amanhã a sua nova sede administrativa. Responsável pelo terceiro destino turístico do País, a Costa Azul inclui, como se sabe, o Núcleo de Setúbal da Escola de Hotelaria de Lisboa.

«A nova sede é a resposta ao crescimento e à importância do turismo na região, já com perto de 8 mil camas turísticas, sendo previsível atingir as 10 mil camas dentro de dois anos, tendo em conta os projectos de investimento em curso», disse Edgar Costa, presidente da Região de Turismo (RT) da Costa Azul.

Constituída por 13 Municípios da Região de Setúbal, a RT da Costa Azul compreende na sua oferta turística as potencialidades de locais como a Costa da Caparica, Sesimbra, Portinho da Arrábida, Tróia, Santo André, Porto Covo e Melides.

«Ainda assim, e embora sejam já o terceiro destino turístico do País, temos muitas potencialidades por aproveitar», considerou Edgar Costa, acrescentando que, com a inauguração

da nova sede administrativa, «a região está, em tempo útil, a acautelar a resposta ao seu previsível crescimento».

Ao mesmo tempo, e face ao que o presidente da RT de Setúbal considerou como «uma das maiores carências da oferta turística, não só da nossa região, mas do País», o edifício da sede «materializa uma outra aspiração antiga».

Protocolo também amanhã

O protocolo que amanhã será inaugurado entre a Região de Turismo da Costa Azul e o Instituto Nacional da Formação Turística (INFT), um núcleo da Escola de Hotelaria de Lisboa, começará a funcionar em Setúbal, a partir de Fevereiro do próximo ano.

Este núcleo, que terá orientação pedagógica da Escola de Lisboa, permitirá a formação, em permanência, de 30 a 40 novos profissionais de hotelaria, em que a Região de Setúbal é «extraordinariamente carenciada».

«Nós temos apoiado as acções de formação pontuais que se desenvolvem na região, mas a existência de ensino em permanência vai ser um passo importante» - considerou o presidente da RT.

A Costa Azul investiu no seu novo edifício 60 mil contos, no imóvel e respectivo equipamento, situado no centro da cidade. O prédio fica ao lado do edifício da Caixa Geral de Depósitos. Na sua base será instalado um núcleo do Museu Arqueológico, apoiado nas ruínas de uma central de salgadeiras romanas que as obras do edifício puseram a descoberto.

Edgar Costa explicou ainda à Lusa que a nova sede procura responder também às expectativas criadas no sentido da delegação de poderes nas RT's, embora o presidente da Costa Azul defenda uma descentralização mais do que uma delegação, «até para que não se registem recuos no processo».

A lei já prevê que as RT's sejam entregues poderes nos domínios da aprovação e classificação de alguns estabelecimen-

tos turísticos e também na sua fiscalização, admitindo Edgar Costa que, no caso de Setúbal, possa também verificar-se alguma delegação de competências por parte dos municípios, «dentro de uma discussão que há que ser feita».

1988: «Ano de viragem»

Considerada como segundo fôlego da região que enfrentou - segundo afirmou Edgar Costa - em 1988, «um ano de viragem», a nova sede «é praticamente um símbolo definidor de um outro tipo de acção e de um outro tipo de responsabilidade».

Nos objectivos da Costa Azul está, por exemplo, a formação, pelo Fundo de Turismo, de alguns dos seus técnicos no sentido de proporcionar, na própria região, apoio aos eventuais investidores na fase processual dos seus projectos.

Analisando depois o ano turístico, Edgar Costa considerou que «eram fundadas as perspectivas optimistas iniciais». Em-

bora sem dispor, segundo disse, de dados definitivos, «os indicadores que possuímos apontam para um crescimento da ordem dos 11 por cento».

«O elemento que gerava as expectativas era, como não podia deixar de ser, Tróia, onde se concentra 70 por cento da nossa oferta. Até Setembro, já se contabilizavam mais 36 mil dormidas do que no ano passado» - disse.

Edgar Costa referiu também a existência de alguns aspectos «menos bons», entre os quais o facto da Casino-Hotel de Tróia (CHT), empresa concessionária do jogo, «ter o seu projecto atrasado». O presidente da Costa Azul afirmou, no entanto, «continuar a acreditar no contributo que a CHT virá dar à região».

Outra preocupação denunciada pelo presidente da RT refere-se à Operação Integrada da península de Setúbal, sobre o qual (afirmou) «há já um certo desânimo entre os empresários e trabalhadores, porque até hoje ainda não vimos nada, não se pôs em prática o plano e já lá vão dois anos».

NOVO IMPULSO DA CEE À ELIMINAÇÃO DAS FRONTEIRAS

Na reunião de hoje, em Bruxelas, do Conselho do Mercado Interno, da CEE, vão, entre outros, ser discutidos quatro pontos de especial interesse, conforme informação dada pela nossa Secretaria de Estado da Integração Europeia.

O primeiro a mencionar integra-se no Pacote Social da CEE e vem no seguimento das grandes orientações apontadas na recente reunião do Conselho Europeu, em Rodes. Trata-se da segurança nos locais de trabalho e, em concreto, do que diz respeito às máquinas industriais perigosas.

A chamada "Directiva Máquinas" permitirá, quando aplicada, salvaguardar a importação e comercialização de máquinas de segurança duvidosa mas de preços competitivos conseguidos à custa de concessões no domínio da segurança.

A directiva constituirá ainda um importante instrumento de apoio às empresas exportadoras, já que as imposições, até agora diversificadas, dos vários clientes, têm impedido a redução dos custos inerente à dimensão do mercado comunitário. E, a propósito desta dimensão, diga-se que o valor de produção do conjunto dos sectores envolvidos na fabricação de máquinas industriais na CEE atinge, pelo menos, os 17.200 milhões de contos.

A importância do sector e a delicadeza do pormenor técnico necessário mostra como é difícil elaborar normas europeias finais. Por isso e até à entrada em vigor da directiva, previu-se a aplicação de um regime transitório, durante o qual as normas nacionais serão válidas face às exigências essenciais do problema.

Controlo dos géneros alimentares

Um outro ponto da reunião de hoje em Bruxelas (Portugal estará representado por Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia) é o do controlo sobre as operações de concentração de empresas. A proposta em discussão tem por objectivo complementar as regras comunitárias de concor-

rência, constituindo um instrumento que permitirá à Comissão da CEE fiscalizar os processos de concentração de empresas que sejam prejudiciais para a Comunidade. Um outro tipo de controlo, o dos géneros alimentícios, estará também na agenda da reunião. A necessidade de proteger os consumidores levou à existência nos vários Estados membros de legis-

lação que visa esse controlo. Mas a aplicação das legislações nacionais aos produtos provenientes dos outros Estados membros dificultou a circulação desses produtos. A proposta hoje em discussão pretende estabelecer regras comuns neste campo.

Refira-se, por fim, a adopção formal da directiva relativa a um sistema geral de reconheci-

mento de diplomas do Ensino Superior e o impulso político que, como se espera, será agora dado à eliminação das fronteiras da Europa comunitária em 1993, o que não deverá, por um lado, pôr em causa a segurança interna dos Estados membros, nem, pelo outro, sofrer qualquer atraso visto ser elemento fundamental do Mercado Único.

Infra-estruturas educativas recebem apoios

Duas recentes decisões da Comissão da CEE interessam directamente a Portugal. A informação divulgada em Lisboa pela representação da Comunidade alude a concessão ao nosso país, no âmbito do FEDER, de mais 4,9 milhões de contos para o financiamento de oito projectos de investimento, devendo ser salientado que 77 por cento desta verba se destina ao desenvolvimento de infra-estruturas educativas.

Essa parte maioritária do auxílio vai beneficiar a Universidade do Minho (783 mil contos) para a construção e o equipamento das novas instalações do Polo de Braga. A região de Lisboa e Vale do Tejo receberá cerca de 2 milhões de contos, destinados à construção e equipamento da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, do bloco central da Faculdade de Ciências de Lisboa e do Pavilhão de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico. Desses dois milhões de contos será ainda atribuída uma verba para a modernização da Escola Agrária de Santarém.

A parte restante das verbas concedidas destina-se à aquisição de um navio de passageiros para as ligações entre a Madeira e Porto Santo (645 mil contos) e à concretização de um projecto de abastecimento de água à população e às indústrias da zona de Castelo Branco.

Benefício das regiões mais pobres

A outra decisão é a da alteração ao programa nacional de interesse comunitário, relativo à

contribuição do FEDER.

Assim, o regime de incentivos à indústria abrangerá, a partir de agora, apenas a Península de Setúbal e as regiões mais pobres do país, ficando as restantes zonas territoriais cobertas pelo sistema de incentivos do PEDIP. Anteriormente, o regime de incentivos à indústria aplicava-se a todo o território nacional.

Mantem-se o bonus para os ovinos

Entretanto, o ministro da Agricultura, Alvaro Barreto, afirmou hoje em Bruxelas que a CEE decidiu manter o bônus à produção de ovinos em Portugal, enquanto não se procede à revisão da organização comum do mercado do sector.

O ministro português falava no final do Conselho dos Ministros da Agricultura dos Doze que, depois de quase 17 horas de negociações, não foi capaz de obter um acordo sobre um conjunto de medidas para a reforma da política agrícola comum.

Alvaro Barreto considerou a reunião «altamente positiva» para Portugal pois, segundo ele, obtivemos verbas da ordem dos dez milhões de contos por ano.

Mais em pormenor e de acordo ainda com o ministro, foram beneficiados os seguintes sectores: luta contra a peste suína africana (um milhão de contos/ano), programa de leite escolar (3 milhões de contos/ano) e indemnizações dos prejuízos decorrentes das cheias de Maio e Junho ultimos (cerca de quatro milhões de contos).

Num mundo de cartões escolhi o primeiro



o cartão de crédito

Escolhi o Cartão de Crédito SOTTOMAYOR porque foi o primeiro em Portugal - lançado em 1970 - e é o de mais fácil e rápida atribuição.

Até para mim, que ainda não era cliente do Banco, foi fácil obtê-lo. E, porque é VISA, é realmente internacional.

BANCO PINTO & SOTTOMAYOR

Exportado para países da CEE e da EFTA

TOMATE PORTUGUÊS BENEFICIARÁ COM MERCADO ÚNICO EUROPEU

A criação do Mercado Único Europeu beneficiará o tomate português — afirmam especialistas na matéria, os quais acrescentam que a indústria e os produtores não sofrerão qualquer impacto negativo com a entrada de Portugal na CEE.

Com efeito, a indústria de tomate passa a receber um subsídio da CEE que antes era outorgado pelo Estado. Daqui a três anos — com a institucionalização do Mercado Único Europeu — os produtores passarão a receber da Comunidade Económica o mesmo subsídio dos tradicionais produtores e nossos concorrentes, designadamente Itália, França e Grécia.

Note-se que o subsídio da CEE à indústria, que é progressivo, atingiu este ano 37 mil escudos por tonelada, mais quatro contos (por tonelada) que em 1987.

«A produção, este ano, situou-se abaixo dos 50 por cento do previsto, estando os 'stocks', a

nível internacional, zero. Por isso, o preço por que estamos a vender o produto é compensador para a indústria», salientou o presidente da Cooperativa Agrícola do Sorraia (COPSOR).

A produção portuguesa de tomate lucrara significativamente com a nova situação que se perspectivava no quadro da CEE, face à criação do Mercado Único. É essa, pelo menos, a convicção do sector. «Antes de sermos membros de pleno direito da Comunidade tínhamos de pagar montantes compensatórios para exportar o produto para os países da CEE, montantes esses que neste momento estão suspensos», esclareceu Leão Araújo, presidente da COPSOR.

Oferta inferior à procura

O preço do tomate ultrapassou com a produção deste ano, abaixo 50 por cento do previsto — já a barreira dos mil e cem dólares

(cerca de 165 contos) por tonelada exportada de produto acabado.

«Daqui resulta que a oferta é inferior à procura e não podemos satisfazer os pedidos dos importadores», salientou.

Os tradicionais compradores do tomate português são a generalidade dos países da CEE e da EFTA, o Japão (principal cliente), os Estados Unidos, a União Soviética e nações africanas.

A quota dada a Portugal pela CEE foi de 120 mil toneladas de tomate em produto acabado.

Mas a produção deste ano situou-se apenas nas 70 mil toneladas, devendo-se a crise à diminuição da área de cultivo. Porque cultivar tomate exige uma grande componente de mão-de-obra. Por isso, os agricultores optam por outras culturas e as condições atmosféricas, anómalas, também não ajudam.

Leão Araújo referiu que nos vales do Tejo e Sorraia os prejuízos causados nas culturas de

tomate, pelas chuvas do último Verão, ascendem a dois milhões de contos.

Pese embora o tomate em fresco, ou seja o que é produzido em estufas e vendido nas lojas para salada, ter chegado a ultrapassar a barreira dos 100 escudos por quilograma, o preço pago pelas indústrias transformadoras aos seareiros situou-se este ano nos 13 escudos por quilograma.

EUA já não são mercado importador

Para o presidente da COPSOR, a indústria do tomate atravessa ainda dificuldades resultantes de duas décadas de crise, iniciada em 1973 e originada por transformações profundas sofridas no mercado internacional.

Entre tais modificações figura a nova situação surgida nos Estados Unidos, país que deixou de ser, devido aos resultados

alcançados na sua produção interna, um dos principais mercados importadores mundiais.

Mas o facto mais gravoso para a indústria nacional de concentrado de tomate prende-se com a entrada da Grã-Bretanha na CEE. De facto, desde então que o Reino Unido, que era o principal importador de tomate português, modificou, como é óbvio, a sua posição tradicional, alterando-se o nosso quadro de vendas relativamente ao seu forte mercado.

Também as alterações da política de subsídios da CEE vieram beneficiar fortemente as produções italiana e grega, que passaram a dominar o mercado internacional devido à prática de preços sem concorrência.

Desta situação resultou que a maior parte das empresas nacionais produtoras de concentrado de tomate acumularam grandes prejuízos e que Portugal não mais conseguiu conquistar o primeiro lugar como exportador do produto que detinha no início da

década de 70.

na opinião de Leão Araújo abrem-se, contudo, perspectivas de melhoramento na indústria transformadora do tomate, nos próximos anos. E isto deve-se — explicou — a uma baixa na produção por parte da Itália e de todos os países europeus produtores, devido ao mau tempo registado nos últimos dois anos.

Deste facto resultou que a procura é, agora, superior à produção, o que leva à prática de preços compensadores para a indústria.

O tomate é, pois, uma cultura com boas perspectivas em termos de futuro, porque somos um País do Sul da Europa com boas condições climatéricas. E, para inveja de muitos países «submersos» no nevoeiro e no frio, temos o maior período dos países europeus, esse sol tão propício à cultura do tomate, porque lhe dá aquela cor avermelhada que o torna «mais rico» para a indústria emais agradável ao olhar.



RECENSEAMENTO ELEITORAL

Período de Exposição dos Cadernos para Efeito de Reclamação

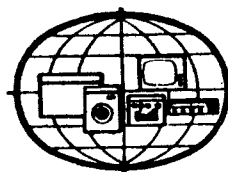
de 11 a 26 de Dezembro

SE O SEU NOME NÃO FIGURAR NOS CADERNOS ELEITORAIS, POR OMISSÃO OU POR ELIMINAÇÃO, NÃO PODE VOTAR!

VERIFIQUE SE O SEU NOME CONSTA DOS CADERNOS ELEITORAIS, APROVEITANDO O PERÍODO AO SEU DISPOR, PARA CONSULTA, NA JUNTA DE FREGUESIA DA ÁREA ONDE RESIDE,

de 11 a 26 de Dezembro

COMISSÃO NACIONAL DE ELEIÇÕES



ELECTRO SACAVÉM

DE ANTÓNIO A. MAIO

Electrodomésticos e Móveis Hi-Fi e Vídeo

E

AKAI — NEC

Deseja Boas Festas a todos os estimados amigos e clientes



SEDE: Travessa do Chafariz, 10-C e D
Telef.: 251 16 33 — 2685 SACAVÉM
FILIAL: CARVOEIRO — MACÃO

Israel

Likud aceita unidade proposta por Shamir

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, deu hoje um passo em frente para a chefia do próximo governo ao obter um voto de confiança do seu partido, Likud, para a formação de uma coligação de unidade nacional com os trabalhistas. Fontes partidárias afirmam que Shamir obteve a aprovação do seu projecto por 796 votos a favor e 642 contra. Após nove horas de agitado debate do comité central do Likud, o líder conservador, de 73 anos, acabou por ver aprovado o seu projecto de coligação governamental com o Partido Trabalhista do ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres. «Devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para provarmos à América, à União Soviética, à Europa e aos árabes que neste momento difícil o povo de Israel se une para a formação de um governo unitário» afirmou Shamir antes da votação. Há um perigo partilhado por todos nós: o perigo da criação de um Estado palestino, que tanto o Likud como o Partido Trabalhista vêem como um perigo, pelo que o governo terá de lidar com esta questão mercê de um esforço conjunto», afirmou Shamir aos jornalistas antes do início da reunião.

Entretanto, o Departamento norte-americano de Estado afirmou que o estabelecimento de mais colonatos israelitas na margem ocidental não ajudaria o processo de paz, indicando que poderá tornar-se numa grave divergência com Israel nos próximos meses. Numa conferência de Imprensa, a porta-voz do Departamento, Phyllis Oakley, comentou, abordada pelos jornalistas acerca do problema do estabelecimento de novos colonatos israelitas no território árabes ocupados: «a nossa posição (...) é que os novos colonatos não serão úteis e vão contra todas as acções para estabelecer uma paz abrangente, que todos nós desejamos». Oakley acrescentou: «Teremos toda a satisfação em trabalhar com qualquer governo que surja deste bloco.»

Ministro de Estado britânico visitará sede da OLP na Tunísia

RADICAIS QUEREM BOICOTAR PLANO DE PAZ DE ARAFAT

Extremistas palestinos afirmaram em Damasco que vão continuar a luta armada contra Israel por forma a boicotar a iniciativa de paz do líder da OLP, Yasser Arafat. As mesmas fontes afirmaram que as facções radicais palestinas se vão encontrar em Damasco para debater o que qualificaram de «medidas práticas e acções a tomar para contrariar as atitudes de rendição por parte de Arafat.»

Ao falar na condição de anônimo, as fontes palestinas afirmaram que a reunião contará com a presença do comandante da Frente Popular para a Libertação da Palestina, liderada pelo antigo capitão do exército sírio Ahmed Jibril.

A reunião contará ainda com a presença do coronel Saeed Mousa, do movimento Fatah, e a presença do grupo Saiq, acrescentaram.

Segundo os mesmos informadores, os radicais palestinos formaram já um comité que irá analisar formas de afastar Arafat e de eleger uma nova liderança «que defenda a luta armada contra Israel como única for-

ma de libertar os territórios ocupados».

Embora Arafat prometa observar a condição norte-americana da suspensão das suas actividades armadas, os esforços de paz da OLP para a paz na região poderiam ser gravemente afectados por ataques de facções palestinas.

Esta posição das fontes radicais palestinas surge na sequência de declarações do Departamento norte-americano de Estado de que a Líbia poderá estar a fornecer armas químicas aos extremistas palestinos visando acções terroristas contra Israel.

Por outro lado, Yasser Arafat,

acusou Israel de tentar «torpedear» os esforços de paz no Médio Oriente «com massacres nos territórios ocupados».

«Mesmo o Partido Trabalhista deu um passo à retaguarda no tocante às suas promessas eleitorais, ao aceitar o estabelecimento de novos colonatos nos territórios ocupados», acrescentou Arafat, numa conferência de Imprensa concedida no final da sua visita de dois dias a Viena.

O líder palestino não se mostrou preocupado com as críticas que lhe foram dirigidas por um membro do Conselho Executivo da OLP, Abu Ali Mustafa, que qualificou o seu discurso em Genebra como sendo apenas a expressão de uma opinião pessoal e preconizou a demissão da direcção do movimento.

Relações com a Grã-Bretanha

O ministro de Estado britânico, William Waldegrave, visitará o quartel-general da Organi-

zação de Libertação da Palestina, OLP, na Tunísia, em meados de Janeiro, informou uma fonte governamental.

A mesma fonte informou ainda que Waldegrave «irá encontrar-se com alguns dos principais membros da OLP e talvez mesmo com o seu líder, Yasser Arafat».

A Grã-Bretanha melhorou os seus contactos com a OLP, desde que Waldegrave se encontrou, este mês, com o conselheiro político de Arafat, Bassam Abu Sharif, no primeiro contacto ministerial entre o Governo britânico e a OLP, em cinco anos.

A fonte governamental frisou que a visita de Waldegrave à sede da OLP na Tunísia «não tinha intenções de preparar o caminho» para qualquer encontro entre o líder desta organização e a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, nem mesmo com o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, sir Geoffrey Howe.

Informação

CP - CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Greves declaradas pelo Sindicato dos Ferrovieiros do Sul e pelo Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Fluviais e Costeiros

LIGAÇÃO LISBOA/BARREIRO

Períodos entre as 5.00 e as 9.00 horas dos dias 20 e 22 de Dezembro de 1988.

1. Para obviar aos inconvenientes causados aos senhores passageiros durante os períodos de greve acima referidos, a CP informa que estabelecerá carreiras rodoviárias alternativas entre LISBOA (Praça de Espanha-Passagem superior à Av. Gulbenkian, junto ao NOVOTEL) e BARREIRO (Palácio de Coimbra) e vice-versa. Todos os autocarros no sentido LISBOA/BARREIRO e vice-versa terão paragem em Barreiro A. O serviço inicia-se no Barreiro às 5 horas.
2. Dadas as circunstâncias emergentes da greve não há compromisso de enlace aos comboios inter-regionais, suburbanos e regionais que cheguem ou partam do Barreiro durante o período da greve. Devem, assim, os senhores passageiros apresentar-se na estação do Barreiro A com a devida antecedência.
3. Embora as estações envolvidas na venda de bilhetes para os comboios inter-regionais, suburbanos e regionais da Região Sul tenham instruções para avisar que não são asseguradas ligações para esses comboios entre Lisboa-Terreiro do Paço-Barreiro e vice-versa, a CP solicita e agradece aos senhores passageiros cujas viagens se iniciem ou terminem na Região Sul durante o período de greve que obtenham informações mais actualizadas antes do início das suas viagens.
4. Terão acesso ao serviço rodoviário alternativo os senhores passageiros com o título de transporte válido para a CP.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1988

Informações prestada pela Divisão de Relações Públicas da CP

Caminhos de Ferro Portugueses



Fome mata 27 crianças em cada minuto no mundo

Mario Sampaio
Correspondente «DL»

Catorze milhões de crianças do Terceiro Mundo morreram em 1988 de falta de alimentação ou vítimas de doenças correntes. Segundo a UNICEF, o princípio dos vasos comunicantes também se aplica aqui, pois quanto mais ricos ficam os países desenvolvidos mais pobres se tornam os países subdesenvolvidos, e consequentemente maior é a mortalidade infantil.

Quando a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) faz todos os anos as suas contas, começa sempre pelo lado encorajador, que realmente tem existido nestes últimos dez anos. Por exemplo, as campanhas de vacinação por toda a parte no mundo (50 por cento das crianças estão actualmente vacinadas contra 10 por cento há dez anos) permitem salvar 2,5 milhões de crianças por ano?

Mas mesmo assim ninguém ousa gritar vitória, e muito menos a UNICEF, pois 38 mil crianças continuam a morrer todos os dias de fome e das chamadas «doenças correntes» provocadas por um estado físico debilitado. Ou seja 14 milhões em 1988! falta de quem e porquê? A UNICEF é bem clara: os factores económicos entravam o progresso sanitário e social.

«E como prová-lo?» E prossegue a UNICEF no seu relatório para 1988: «Hoje em dia para um sexto da Humanidade — 900 milhões de pessoas — o progresso estagnou. Em África e na América Latina, por exemplo, o rendimento médio baixou de 10 a 25 por cento desde o início dos anos 80». E quando a economia vai mal, as despesas com a saúde são as primeiras a sofrer: «Nos 37 países mais pobres do mundo, as despesas de saúde diminuíram de metade e as de educação foram reduzidas de um quarto...»

Quem são os responsáveis afinal desse estado de coisas? A dívida do Terceiro Mundo, a baixa dos preços dos produtos de base (30 por cento desde 1978) e a estagnação do auxílio ao desenvolvimento.

Acabar com a dívida

A partir dessa constatação, a UNICEF faz algumas propostas. Será preciso aliviar a dívida, mesmo suprimi-la. Mas isso não chegará. Será preciso apoiar os preços das matérias-primas, principal produto de exportação dos países menos desenvolvidos. Será preciso principalmente reorientar o auxílio prestado aos países mais pobres.

Quais são os países onde as crianças morrem de fome? Como «medir» o seu grau de desenvolvimento? A UNICEF propõe uma mudança radical nos hábitos. Acabou a mania de calcular o produto, ou pior, o rendimento por habitante. Será preciso calcular o grau de desenvolvimento de um país com base na sua taxa de mortalidade das crianças de menos de cinco anos. Eis o verdadeiro critério!

Uma cimeira para as crianças

É preciso trabalhar em conjunto. É preciso pensar em conjunto. A UNICEF propõe assim a realização já para o ano que vem duma cimeira para as crianças. Este congresso à escala mundial poderia consistir numa sessão extraordinária das Nações Unidas, para a qual seriam convidados os maiores chefes de Estado, tanto mais que 1989 coincide com a adopção pelas Nações Unidas da Convenção dos Direitos do Homem. Esta cimeira teria por tema: «As crianças de hoje, o Mundo de amanhã».

«Essa cooperação internacional para poder satisfazer as necessidades essenciais de todas as crianças do Mundo, explica o relatório, é o investimento mais judicioso que a humanidade pode fazer a favor da sua própria prosperidade económica, da sua estabilidade política e da salvaguarda do seu ambiente.»

A urgência é grande. Cada minuto conta. A UNICEF afirma finalmente que bastariam 50 biliões de dólares para eliminar os piores aspectos da pobreza no Mundo, ou sejam apenas cinco por cento das despesas militares!

Quadripartidas: delegação sul-africana partiu para Nova Iorque

ONU CONTINUA A NEGAR LI ENTRE CUBANOS E NAMÍBIA

Embora seja amanhã assinado em Nova Iorque o acordo para a retirada das tropas cubanas de Angola e independência da Namíbia, as Nações Unidas continuam a recusar o reconhecimento de qualquer ligação entre as duas questões. «A Nações Unidas não reconhecem ligações entre a independência da Namíbia e a presença de tropas cubanas em Angola», afirmou um porta-voz da organização mundial.

A questão namibiana tem sido longamente debatida naquele organismo depois da aprovação, há 10 anos, de uma resolução que reitera a independência do território do Sudoeste Africano face à administração sul-africana implantada após o termo da primeira Guerra Mundial.

Os cubanos tornaram-se outro factor de austeridade ao auxiliar o Governo de Luanda na luta contra os rebeldes da Unita, por dificultarem as acções das forças de Pretória contra as posições que os rebeldes sul-africanos do ANC mantêm no sul de Angola.

Os acordos atingidos após oito meses de conversações entre Pretória, Havana e Luanda respondem aos receios sul-africanos sobre a presença cubana em Angola, uma vez que a Namíbia

deixe de funcionar como travão geográfico às acções do ANC.

As três partes assinaram um protocolo preliminar em Brazzaville, no passado dia 13, visando preparar o acordo que será ratificado em Nova Iorque pelos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros.

Ao acto que decorrerá na sede das Nações Unidas, a União Soviética estará representada na qualidade de observador pelo seu vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Anatoly Adamishin.

Embora o texto dos acordos não tenha sido ainda publicado, a retirada cubana deverá decorrer durante os 27 meses seguintes ao início do processo de independência da Namíbia, previsto para 1 de Abril.

A verificação da retirada cubana estará a cargo de uma força das Nações Unidas (Unavem) encabeçada por 70 observadores militares e 20 civis.

O contingente da operação de paz entre Angola e a África do Sul não deverá todavia atingir os números propostos em 1978 de 7.500 soldados e 2.000 civis, com um custo orçado na altura em 300 milhões de dólares.

Conscientes de que esta verba seria agora duplicada, e perante as dificuldades financeiras das Nações Unidas, os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU sugeriram já, a nível privado, uma sensível redução daqueles números.

Ontem, o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof "Pik" Botha, e da Defesa,



Aspecto da reunião do Conselho de Segurança da ONU para a aprovação de um grupo de observadores.

Magnus Malan, partidar de Joanesburgo para Nova Iorque, onde vão assinar o acordo.

O regresso de angolanos

A Liga Angolana de Amizade e Solidariedade (LAASP) apelou ontem em Lisboa, ao regresso dos angolanos ao país, no âmbito da actual política gover-

Na sequência da rebelião militar do princípio do mês

Três chefes do Exército argentino pediram passagem à reforma

Os três chefes do Exército argentino solicitaram a sua passagem à reforma, após o presidente Raul Alfonsín ter convocado uma assembleia legislativa, a primeira em cinco anos de democracia.

O chefe do exército, general Jose Dante Caridi, o vice-chefe da mesma arma, general Miguel Abbate e o inspector-geral do Exército, general Enrique Bianchi, solicitaram a passagem à reforma, informou o estado-maior num comunicado que não explicou os motivos da decisão.

O pedido de passagem à reforma de Caridi, foi confirmado após a reunião que o militar manteve ontem no palácio presi-

dencial com Raul Alfonsín.

A passagem à reforma do chefe do Exército era considerada iminente nos meios políticos de Buenos Aires.

A assembleia legislativa foi solicitada pelo chefe de Estado ao presidente do Senado e vice-presidente argentino, Victor Martinez, de acordo com o artigo 86 da Constituição do país.

Alfonsín ratificará perante os deputados, ministros do poder executivo e o Supremo Tribunal de Justiça, não haver nenhum pacto nem acordo entre o governo civil e os militares que no princípio do mês se sublevaram sob o comando do coronel Sei-

neldin.

Entretanto o vice-presidente da União Industrial Argentina (UIA), Gilberto Montagna, afirmou que o ministro da Economia, Juan Sourrouille, lhe expressou ser delicada a situação militar.

Montagna disse que o denominado Grupo dos Oito — integrado pelas principais instituições de empresários — deve reunir-se hoje para analisar a situação militar.

O porta-voz presidencial, Jose Ignacio Lopez, anunciou que o presidente Raul Alfonsín receberá o general Dante Caridi, às 11h30 locais (13h30 em Lis-

boa), na companhia do director do Instituto Militar, general Francisco Gassino, que segundo fontes governamentais será o futuro chefe do Exército.

A mesma fonte revelou que Raul Alfonsín tentará na sessão extraordinária do Parlamento explicar a opinião do presidente sobre a situação militar, a convivência dos argentinos, a liberdade e o processo de consolidação da democracia.

Ignacio Lopez negou que o presidente argentino pense estar em perigo a transição democrática iniciada no país em Dezembro de 1983, depois de sete anos de regime militar.

O Sabor de um Bom Natal O Aroma de um Bom Café



A VERDADE DO CAFÉ

LIGAÇÕES IA



do Conselho de Segurança da ONU, em Nova Iorque, para de observação da retirada cubana de Angola.

Joan- namental de reconciliação e re- on- construção nacional, viabilizada pela perspectiva de um acordo de paz com Pretória.

Em conferência de Imprensa realizada num hotel da capital, o presidente da LAASP, Coelho da Cruz, sublinhou que nenhum dos mais de 500 mil angolanos residentes em Portugal será per-

seguido ou marginalizado se quiser regressar à sua terra.

Coelho da Cruz declarou:

"Todos os que o queiram fazer têm as portas abertas para regressar ao seu país sem ser hostilizados e sem sequer lhes perguntarem quando se foram embora, por que é que voltou e onde é que esteve".

Viúva de Palme reconhece suspeito

A viúva do primeiro-ministro sueco Olof Palme, a única testemunha que viu claramente o indivíduo que disparou mortalmente sobre o marido em Fevereiro de 1986, identificou o presumível assassino através de um «video tape» — disse o jornal «Aftonbladet». O depoimento de Lisbet Palme foi a principal prova que levou um tribunal de Estocolmo a manter sob prisão preventiva Christer Pettersson, o suspeito do assassinio.

As eleições no Sri Lanka

A principal candidata da oposição às presidenciais do Sri Lanka, Sirima Bandaranaike, afirmou que não aceita os resultados eleitorais que dão a vitória ao actual primeiro-ministro, Ranasinghe Premadasa. Um porta-voz da candidata do Partido Liberal disse que ela protestou por escrito junto do comissário eleitoral, pedindo para não divulgar os resultados das eleições dando a vitória a Premadasa. O mesmo porta-voz disse que o pedido se baseava no facto de Premadasa ter ganho por escassa maioria enquanto 65 assembleias de voto não puderam abrir devido a violência desencadeada por extremistas.

Cosmonautas regressam à Terra

Dois cosmonautas soviéticos que passaram 366 dias no espaço regressaram hoje à terra, após um atraso de três horas provocado por uma falha no computador da nave em que viajavam — disse a Rádio de Moscovo. Vladimir Titov e Musa Manarov e o cosmonauta francês Jean-Loup Chrétien fizeram aterrar a nave espacial Soyuz TM-6 às 10 horas de Lisboa — acrescentou a mesma fonte.

Bhutto e as relações com a Índia

A primeira-ministra paquistanesa, Benazir Bhutto, afirmou que o seu país não possui qualquer arma nuclear nem tenciona fabricar alguma. «Não existe qualquer engenho nuclear», afirmou Bhutto numa entrevista à agência norte-americana Associated Press, em que afirmou como prioridades para o seu país o crescimento económico e a melhoria de relações com a Índia. As relações entre os dois países têm sido prejudicadas pelas intenções nucleares paquistanesas e o conhecido poderio indiano neste domínio.

Antes de partir para as Filipinas

Shevardnadze disse que Moscovo e Tóquio vão 'remover obstáculos' no relacionamento

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, anunciou hoje a criação de uma comissão soviética japonesa para tratar das questões que têm impossibilitado desde há 43 anos a assinatura de um tratado de paz.

Em conferência de Imprensa, pouco antes da sua partida para as Filipinas, Shevardnadze disse que a visita de três dias que fez ao Japão foi «uma vitória da razão», mas não fez qualquer referência ao problema das ilhas Curilas, que têm impedido a melhoria das relações entre os dois países.

«Decidimos estabelecer um grupo de trabalho permanente a

nível de vice-ministros que deverá promover negociações sobre o tratado de paz» — disse Shevardnadze, acrescentando: «estamos a começar uma tarefa muito complicada, muito difícil, mas também muito crucial e necessária».

O ministro soviético adiantou que ambas as partes compreenderam que as relações entre os dois países tinham de evoluir, uma referência clara à natureza estática do relacionamento entre os dois países por causa do problema das ilhas Curilas, ocupadas pela URSS no final da Segunda Grande Guerra.

Shevardnadze referiu-se também ao comunicado conjunto

que será distribuído mais tarde, no qual se afirma, citou, que «Tóquio e Moscovo concordaram em remover obstáculos entre os dois países», uma expressão que anteriormente nunca foi incluída numa declaração conjunta.

«Ambas as partes reconheceram que o tratado de paz não é uma simples folha de papel, mas um misto de questões políticas, económicas, geográficas e outras» — declarou.

O ministro soviético disse ainda que os dois países esperam implementar a sua cooperação comercial e económica, sem, no entanto, referir a assi-

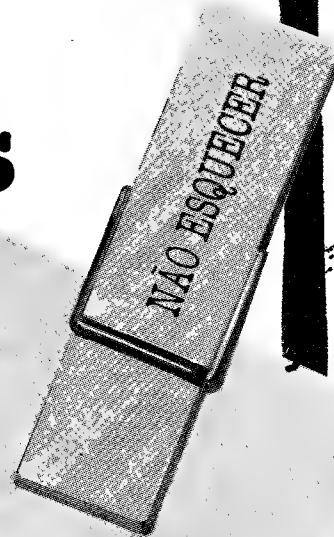
natura de quaisquer acordos.

Segundo Shevardnadze, a ordem de trabalhos para uma futura cimeira japonesa-soviética deverá incluir acordos de protecção ao investimento, princípios de cooperação económica e o estabelecimento de dependências bancárias.

Shevardnadze disse ainda que se encontrará durante o mês de Janeiro, em Paris, com o primeiro-ministro japonês, o qual deverá deslocar-se a Moscovo na Primavera.

De Tóquio, Shevardnadze seguiu para as Filipinas, devendo seguidamente visitar a Coreia do Norte.

Informação importante aos investidores



Já sabia que, entrando em vigor a nova legislação fiscal:

- ➡ As mais valias realizadas com **acções** que tenha em carteira até 31 de Dezembro de 1988 não contarão para efeito do IRS (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares).
- ➡ As mais valias realizadas com **acções** compradas depois de 31 de Dezembro de 1988 não serão consideradas para efeito de IRS desde que sejam detidas pelo titular durante mais de 24 meses. Se conservadas por prazo menor, as mais valias serão tributadas à taxa reduzida de 10% ou podem ser englobadas no rendimento sujeito a IRS.
- ➡ Não serão sujeitas a IRS as mais valias realizadas respeitantes a **unidades de participação em fundos de investimento**, nem a **obrigações**.
- ➡ Se a partir de 1 de Janeiro de 1989, investir em **unidades de participação em fundos de investimento mobiliário**, abaterá (até ao limite de 500 contos) 20% daquele valor na matéria colectável do Imposto Complementar, Secção A, respeitante a 1988. A única condição é manter as unidades de participação na sua posse durante, pelo menos, 2 anos.

Esta é uma informação das:



Montanhistas barreirenses vencidos pela neve

A segunda expedição aos Pirenéus do Grupo de Montanha do Clube de Campismo do Barreiro não conseguiu escalar o Pico Aneto (3404 metros), o mais alto da cordilheira, devido a fortes tempestades de neve.

Paulo Roxo que, conjuntamente com António Fernando, pretendeu alcançar esse objectivo disse que «devido a fortes tempestades de neve que duraram três noites e dois dias, não foi possível ultrapassar o Pico Maldito (2930 metros).

«A fúria do vento ameaçava rasgar o pano da tenda e a tempestade congelou todo o material que ficou no exterior. Desvaneceram-se todas as esperanças de pisarmos o cume do Pico Aneto», acrescentou o montanhista.

Apesar de não terem atingido o principal objectivo, a segunda escalada aos Pirenéus tornou-se «uma experiência inesquecível de ver e sentir a alta montanha mesmo quando estávamos aprisionados por quilómetros de gelo e rocha, sob violenta tormenta que ameaçava destruir o nosso abrigo. Mas tudo acabou em bem. Havemos de voltar, salientou.

COP e federações "versus" Governo

O Comité Olímpico Português e as federações desportivas manifestaram a sua preocupação e desacordo com recentes diplomas governamentais sobre matéria fiscal e utilização de recintos desportivos.

Em sessão plenária realizada segunda-feira na sede do COP, foi decidido pedir audiências urgentes ao Primeiro-Ministro, presidente da Assembleia da República e dos grupos parlamentares para serem apresentadas «medidas adequadas à salvaguarda do desenvolvimento do desporto português».

Comité Olímpico e federações consideram ainda que não foram tidas em conta as suas contribuições, nem as do próprio grupo de trabalho, instituído por iniciativa governamental, para o estudo desta problemática.

As organizações máximas no desporto nacional põem em causa «diversos diplomas e medidas incidentes sobre a actividade do sistema desportivo, designadamente em matéria fiscal e sobre a utilização dos recintos desportivos», segundo refere um comunicado divulgado pelo COP.

Futebol suíço: mais um estrangeiro

Os clubes da 1.ª Divisão do campeonato de futebol da Suíça poderão ter três jogadores estrangeiros a partir da próxima temporada, anunciou a Federação Helvética de Futebol.

Além dos três estrangeiros, os clubes suíços poderão fazer alinhar outros dois jogadores não helvéticos, desde que tenham vivido na Suíça desde criança ou sejam residentes há mais de cinco anos no país.

No campeonato da 2.ª divisão poderão alinhar três estrangeiros e três residentes.

A legislação anterior permitia apenas dois jogadores estrangeiros por cada equipa.

RÂGUEBI: AMBICIOSO PLANO DE ATAQUE

Em conferência de Imprensa que se processou no Hotel Altis (Lisboa) a Federação Portuguesa de Râguebi apresentou o seu plano de trabalho para os tempos mais próximos: A realização do torneio júnior da FIRA em Portugal (Tróia) e a participação da selecção sénior do grupo B2 daquele torneio constituem os pontos altos do calendário nacional da modalidade para o ano de 1989. Na reunião com os jornalistas esteve presente o presidente da Federação Portuguesa de Râguebi, o eng.º Raul Martins.

Olegário Borges e Manuel Costa (responsáveis pela selecção sénior) apresentaram o seu plano de trabalho tendo em vista a preparação da equipa nacional para a participação no grupo B2 do Torneio da FIRA e, a longo prazo, na Taça do Mundo, cuja fase final decorrerá em 1991. Neste momento (disseram) todo o trabalho visa a vitória no grupo B2 e a disputa da «finalíssima» com o vencedor do grupo B1 (provavelmente a Polónia), da qual sairá a equipa que ascenderá ao grupo A.

Para a preparação da equipa foi estabelecido um calendário das concentrações, jogos de trei-

no e jogos oficiais, até 6 de Maio, dia em que se disputará a final. Assim, estão já agendados jogos de preparação da formação portuguesa com uma equipa inglesa e um jogo frente à Espanha em selecções «B».

A lista de jogadores que representarão a selecção será dada a conhecer assim que estes tomem conhecimento da convocatória, o que deverá ocorrer ainda esta semana.

No caso de ganhar o Grupo B2 da FIRA, Portugal qualifica-se automaticamente para a Taça do Mundo (que se realiza em 1991, com jogos em Inglaterra, França, País de Gales e, eventualmente, na Escócia e na Irlanda) estando já definidos os «cabecinhos de série» dos quatro grupos que disputarão os quartos de final. Os oito «cabecinhos de série», escolhidos por sorteio (excepto a França e a Nova Zelândia, designados automaticamente por terem disputado a última final) são, ainda, a Inglaterra, Escócia, Irlanda, País de Gales, Austrália e as ilhas Fiji. As restantes oito equipas (ainda não nomeadas) deverão ser apuradas até Outubro de 1990, em representação da Europa (duas formações), Á-

frica (1), América (3) e Oceânia (2).

O torneio júnior da FIRA (Grupo A), marcado para Tróia (entre 19 e 26 de Março) contará com a participação da França, Roménia, Itália, União Soviética, Espanha, China, Bélgica e Portugal (país anfitrião).

A melhor classificação de Portugal neste torneio foi um 3.º lugar, obtido em Hilversum (Holanda), em 1976.

Entretanto, a Federação aguarda uma resposta da Direcção-Geral dos Desportos (DGD) sobre o pedido de aprovação do orçamento daquela Federação, que (segundo o próprio presidente, Raul Martins) ronda os 45 mil contos.

Durante a sessão foi divulgada a lista dos jogadores escolhidos para integrar a selecção de juniores e que é a seguinte:

CDUL: Miguel Sousa, Luís Barreiros, Tomás Salgado e Lourenço Tomás; Colomiers: Miguel Baptista; Cascais: João Correia, José Diogo, Pedro Rogério, José Gomes, Tomás Moraes e Vasco Câmara; Técnico: Pedro Diogo; Belenenses: Simão Cunha, Diogo Cunha, Marco Pereira e Pedro Jácome; Lou-sã: João Catulo; Santarém:

Hélder Vieira e Pedro Pereira; Benfca: Hugo Araújo e Fernando Mendes; Universidade (Livre): Luís Pires; Académica: Pedro Renato e Aníbal Baptista.

No decorrer da conferência de Imprensa, Olegário Borges e Manuel Costa salientaram a ajuda dada ao seu trabalho por Tó Duque e pelo «capitão» de equipa, que já está escolhido mas pediu uma semana para ponderar, só depois se tornando público o seu nome. E soube-se mais:

— Há dois anos, Portugal subiu ao grupo A mas logo iria descer por carências várias: falta de campos, ausência de competitividade nos nossos campeonatos, poucas condições para treino de atletas, infra-estruturas praticamente inexistentes. Mas, somos sempre candidatos à subida de escalão...

Para a selecção de juniores foram indicados os responsáveis José Nicolau e João Melo: na 2.ª feira (em França) começa a primeira digressão da turma, fará quatro jogos em dez dias. A segunda viagem está programada para a época camavalesca, mas encontra-se ainda dependente da possibilidade de verbas a desbloquear na DGD.

Crosse de Aljustrel: 400 participantes

No passado domingo, teve lugar na vila alentejana de Aljustrel mais uma edição do crosse local que teve a participação de 400 atletas em representação de 22 colectividades dos distritos de Faro, Beja, Évora, Setúbal e Lisboa.

Um reparo: os juizes da Comissão Regional de Beja resolveram marcar ausência o que se lamenta tanto mais que este

crosse é uma das mais importantes provas de atletismo que se realizam no Alentejo. Convirá que a Federação Portuguesa de Atletismo mande averiguar quais as razões que terão determinado a falta daqueles elementos. Refira-se ter sido a Comissão Distrital de Juizes de Atletismo de Faro que assumiu a execução técnica da prova e fê-lo com total acerto e competência como é norma na equipa lidera-

da pelo experiente Mário Encarnação.

O Atlético de Aljustrel merece uma palavra de aplauso por insistir na realização desta prova e o seu presidente (Eduardo Lomim) bem justifica apreço total pela dedicação e dinamismo.

Atletas em destaque: Mónica Colaço (Fontainhas), Ana Isabel (Póvoa), Ana Garcia (Barcarena), Mário Gamito (Barcarena) e Peter Knigh (Odemira).

Outros nomes: Vera Raposo, Bruno Pessoa, Tiago Matos, José Reis e Mário Santana.

Classificação geral por equipas: 1.º Póvoa - Móveis de St.ª Iria, 12 pontos; 2.º Desportivo Fontainhas e Selecção Barcarena, (9); 4.º Desp. Odemira, (7); 5.º Desp. Diana, 6.º Desp. Ferraz, (5); 7.º Ginásio Sines, União Cercalense, Zona Azul e Montijense, (4).

MOVEIS

TUDO O QUE O SEU LAR PRECISA, E SEU BOM GOSTO EXIGE

500m²

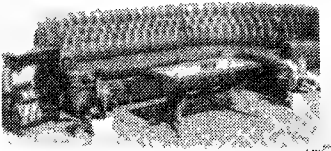
DE EXPOSIÇÃO CI GRANDE VARIEDADE DE:

MÓVEIS • ESTOFOS • CORTINADOS

LOJA 1 - RUA FILIPE DA MATA 164-A e B - LISBOA

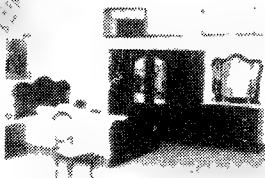
CAMPANHA 14.º ANIVERSÁRIO

VENHA ATÉ NÓS!

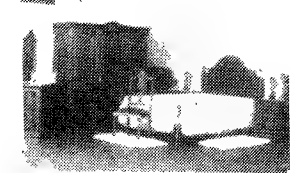


CONCEDEMOS
FACILIDADES
DE PAGAMENTO

FACILITAMOS
TROCAS



O NOSSO TÉCNICO
EM DECORAÇÃO
AJUDÁ-LO-Á
NA ESCOLHA



ABERTO AOS SÁBADOS ATÉ ÀS 19H30



CABANA LAR

EXPOSIÇÃO LOJA 1 - RUA FILIPE DA MATA, 164-A e B (Sete Rios) - T. 7263315 - LISBOA
LOJA 2 - RUA DR. PEREIRA BERNARDES, 2-A (Benfica) - T. 7150414 - LISBOA
FÁBRICA - RUA BARÃO SABROSA, 140-A - T. 833231 - LISBOA

FABRICANTE
DE
ESTOFOS

TRIBUNAL JUDICIAL
DA
COMARCA DE SETÚBAL

ANÚNCIO

Carta Precatória n.º 150/88

1.º Juízo
1.ª Secção

No dia 13 de Janeiro, pelas 10 horas e nos autos de carta precatória vindos da 2.ª secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa, extraídos dos autos de Execução de Sentença em que é exequente ORMIS-EMBALAGENS DE PORTUGAL, SARL e executado SADOLHÃO-COOPERATIVA INDUSTRIAL DE PRODUTOS ALIMENTARES, SARL, com sede na travessa da Fábrica Aurora, 1, Setúbal, há-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, dois depeladores com depósitos neutralizadores, em aço inoxidável, ambos da marca Caeplim-SA, com motores Rabor-Oyar, de três fases.

Setúbal, 12 de Dezembro de 1988

O Juiz de Direito
Fernando Vaz Ventura

O Escrivão Adjunto
Ana Bela Ramalho Ramos Fernandes

"DL" - 21/12/88 - 2.ª Pub.

ELO

COOPERATIVA DE CONSUMO ALIMENTAR, CRL
Rua Nova da Trindade, 1 - 1.º 1200 Lisboa - Telef.
32 34 16

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no Art.º 23.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Cooperativa Elo (ELO-COOPERATIVA DE CONSUMO ALIMENTAR, CRL), a reunir em Sessão Ordinária, na Rua Nova da Trindade, m.n.º 1 - 1.º Dt.º, em Lisboa, no dia 30 do mês de Dezembro, pelas 18 horas com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciar e votar o Orçamento e o Plano de Actividades para o exercício de 1989

Lisboa, 19 de Dezembro de 1988

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral

(Ilegível)



Marinho Peres e Mortimore: rendição após rendição

Confusão no Restelo

Mortimore à porta, Marinho à porta

Mortimore poderá ser neste momento o 54.º treinador despedido, na presente temporada, pelos clubes que participam nos campeonatos nacionais das três divisões, uma vez que, no programa «Remate» da RTP, foi ontem revelado haverem já negociações entre os dirigentes do Belenenses e Marinho Peres no sentido deste regressar ao seu antigo posto, transitoriamente ocupado pelo técnico britânico.

Durante esta manhã fizemos diversas tentativas para contactar o responsável pelo Departamento de Futebol do clube do Restelo, mas a informação vinda de Belém foi (sempre) a de que «vou ver se o sr. Barcinio já chegou» (10 horas) que se prolongaria com esta: «o sr. Barcinio ainda não veio» (11 horas) e ainda mais esta «o sr. Barcinio foi almoçar com a equipa», (11.30 horas), mas a menina que nos foi dando estas informações também não sabia o nome do restaurante da reunião.

Viva o secretismo! Assim, nada mais podendo adiantar às notícias que nos chegam do Brasil, aí vão: a partir de 6.ª feira, Marinho Peres será o novo responsável pelo «onze» do Restelo, caso ainda hoje possa romper o compromisso verbal que tem com o Santos, onde ainda hoje dirigiu o treino matinal. Em caso de concordância com os dirigentes do clube de Vila Belmiro, Marinho Peres tomará conta do Belenenses na próxima semana e John Mortimore fará as malas ainda antes do Natal, regressando ao pálio lar britânico.

Ou será que, durante o almoço de hoje, vai ser reiterada a confiança «azul» no treinador inglês, continuando Marinho Peres, em «stand by», como primeira «reserva da república» da Cruz de Cristo?

Atletas olímpicos criticam incumprimento da legislação

Críticas à falta de cumprimento da legislação sobre alta competição marcaram as intervenções dos atletas olímpicos José Pinto, Pedro Cristóvão e Patrícia Jorge na quarta e última sessão de debate sobre os Jogos Olímpicos, efectuada na Casa de Imprensa, em Lisboa.

Aqueles atletas, presentes na última Olimpíada em Seul, foram muito severos nas suas críticas, tendo Pinto da marcha-atlética, afirmado que as promessas feitas pelas autoridades desportivas voltaram a não ser cumpridas à semelhança do que aconteceu no final dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984.

O passado a nível de alta competição em Portugal nunca existiu, apesar de desde Montreal para cá termos ganhado algumas medalhas. Em Los Angeles assistiu-se ao «boom» dos atletas portugueses, o que não foi aproveitado pelas autoridades para catapultar o desporto nacional para voos mais altos — referiu o atleta do Belenenses, oitavo

classificado na Olimpíada de 1984.

A mesma opinião foi expressa por Pedro Cristóvão (judo) que se queixou da falta de apoio e de condições para os atletas de alta competição, revelando que no seu caso pessoal luta diariamente com dificuldades para compatibilizar o estudo com os treinos.

Aquele judoca sente ainda problemas em treinar, devido ao facto do pavilhão de Algés se encontrar quase sempre ocupado com outras modalidades, permitindo-lhe pouco espaço de manobra na escolha dos horários.

Por seu turno, a ginasta Patrícia Jorge, estudante do Instituto Superior de Educação Física (ISEF), insurgiu-se também contra a falta de condições para treinar, revelando só ter duas horas diárias de treino por dificuldades de cedência das instalações.

Patrícia Jorge focou ainda o problema da sobrecarga de trabalho das treinadoras de ginástica em Portugal e do atraso verificado no pagamento dos subsídios à alta competição por parte das federações.

DESPORTO

A partir de Janeiro

TOTOBOLA: MAIS CARO, PRÉMIOS MAIORES

A partir do 1.º concurso do próximo ano, os prémios do Totobola vão sofrer um aumento derivado de também subir (mais 2\$50) o preço de cada aposta. Em contacto com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o nosso jornal escutou da parte de um alto responsável pelo Totoloto/Totobola (dr. António Courela) que esse leve acréscimo de custo irá proporcionar, segundo os cálculos mais baixos, cerca de 3000 contos para cada um dos três prémios habituais.

— Todavia, em relação ao Totoloto tudo se mantém inalterável. Apenas estamos (tal como acontece em relação ao Totobola) fazendo uns pequenos reajustamentos na regulamentação dos dois concursos, especialmente visando facilitar os pagamentos aos premiados. Um caso: até agora, prémios superiores a 20 contos esperavam pela liquidação até ao termo da data marcada para qualquer reclamação: de Janeiro em diante, o apostador premiado com qualquer importância até 100 contos recebe o seu prémio na semana imediatamente a seguir ao concurso em que teve sorte para um bom palpite.

E o dr. António Courela ainda nos confidenciou:

— Estamos aqui a fazer contas. Sabem quanto dinheiro de prémios não foi levantado este ano? Entre 800 a 900 mil contos!

Das duas, uma: ou está toda a gente rica ou há ainda em Portugal mais distraídos que o professor Pardal...

Porto contrata gémeo de Silas

Chama-se Paulo António Prado Pereira, tem 23 anos, mede 1,83 metros, joga a defesa central, actuava no Monterrey do México e é irmão gémeo do sportinguista Silas. É esta, a última aquisição do FC Porto com vista ao reforço do seu plantel futebolístico. Paulo Pereira (assim gosta que o tratem) assinou contrato com o clube das Antas até 1991, depois de submetido aos imperativos testes técnicos e físicos.

Esta (apressada) decisão do elenco liderado por Pinto da Costa, em contratar mais um estrangeiro para as suas fileiras, onde figuram os brasileiros Branco, Geraldão, e Everton além de Mlynarczyk, N'Kongolo e Madjer, tem a ver com a nova regulamentação federativa que estabelece a data limite da inscrição de futebolistas que não possam representar a selecção portuguesa, para dia 30 do corrente.

Hoje há Taça Alder Dante no jogo do Bonfim

O encontro Vitória de Setúbal-Benfica, a disputar esta noite no Bonfim, será dirigido por Alder Dante de Santarém, cabendo ao eborense Bento Marques arbitrar o encontro Estrela da Amadora-Leixões.

Nos restantes jogos da 3.ª eliminatória da Taça de Portugal, estarão em acção os seguintes árbitros:

CHAVES — Lusitano de Vila Real de Santo António, Adão Mendes (Braga); S. Romão—Moura, Domingos Costa (Vila Real); FC PORTO — Barreirense, Fortunato Azevedo (Braga); U. Montemor-Benfica e Castelo Branco, José Rufino (Faro); «O Elvas» — Valenciano, Fernando Costa (Lisboa); Alba-Lixa, António Rodrigues (Viseu); Argus — BOAVISTA, Raul Ribeiro (Aveiro); Alcobaça-Beira Mar (Monte Gordo), Fernando Rodolfo (Lisboa); BRAGA — Olivais e Moscavide, Xavier Oliveira (Porto); Feirense-vasco da Gama, Domingos Barbosa (Porto); Joane-U. Lamas, Aníbal Pereira (Porto); Vizela — FA-RENSE, Fernando Alberto Porto, Olhanense-Rio Ave, Rosa

Santos (Beja); Esperança de Lagos — NACIONAL, João Rosa (Évora); Leverense-Covilhã, José Guimaro (Coimbra); Académico-Freamunde, José Silvano (Vila Real); Palmelense — GUIMARÃES, Pinto Correia (Lisboa); Felgueiras-Ermesinde, Manuel Pinho (Aveiro); Marco-Marinhense, Amílcar Moreira (Coimbra); Varzim-Atlético, Evaristo Faustino (Leiria); BELENENSES — ortalegrense, José Pratas (Évora); MARÍTIMO — Oliveira do Bairro, Mário leal (Leiria); BEIRA MAR — Oliveirinha, Manuel Nogueira (Porto); Luso-Ovarense, Ramiro Santiago (Coimbra); «Os Mari-alvas»-Académica, Miranda de Sousa (Porto); Riachense-Leça Pires Alves (Lisboa) e Sporting-Alhandra, Francisco Carozo (Portalegre).

Jogo de desempate da 3.ª eliminatória: Portimonense — Gil Vicente, Juvenal Silvestre (Setúbal). III Divisão (antecipado): Farnalhão-Valpaços, Vítor Miranda (Porto).

Recorde-se que no encontro (antecipado) realizado ontem em Câmara de Lobos, o Espinho eliminou a turma local vencendo por 4-1 e anteriormente, já os Pescadores da Costa da Caparica haviam afastado o Oriental.

«Chicotada» n.º 53

Somando 13 pontos nos 14 encontros realizados a contar para o campeonato nacional da 2.ª divisão (Zona Norte), o Lourosa resolveu rescindir (amigavelmente) o contrato com o seu treinador Jorge Cabral.

Para ocupar o lugar deixado vago, os dirigentes do Lourosa estudam propostas já recolhidas.

Portimonense-Viseu no dia 12 de Fevereiro

O Portimonense acedeu ao pedido do Académico de Viseu para adiar o encontro correspondente à próxima jornada do Nacional (marcada para o dia 31 do corrente) para o dia 12 de Fevereiro.

Futebol de cinco: Portugal fora do «Mundial»

Portugal, (4.º classificado do «Mundial» de Futebol de Salão) estará ausente no primeiro Cam-



Alder Dante: professor de Almeirim no «exame» do Bonfim

peonato do Mundo de Futebol de Cinco organizado pela FIFA, entre 5 e 15 de Janeiro, na Holanda.

A Federação Internacional de Futebol, que não reconhece nesta especialidade futebolística a Federação Internacional de Futebol de Salão (Fifusa), ocupou-se directamente dos convites para o torneio da Holanda, excluindo a Federação Portuguesa.

As selecções que vão participar no «Mundial» de Futebol de Cinco da FIFA, na Holanda são, segundo informou a FPF: Grupo A — Holanda, Dinamarca, Paraguai e Argélia; Grupo B — Hungria, Brasil, Arábia Saudita e Espanha; Grupo C — Japão, Bélgica, Canadá e Argentina; Grupo D — Itália, Zimbábue, Estados Unidos e Austrália.

MICROSCÓPIO

Rali de Monte Carlo: 199 inscritos

O Automóvel Clube do Mónaco recebeu 199 inscrições para o 57.º Rali de Monte Carlo, a disputar entre 20 e 27 de Janeiro, embora apenas 180 carros possam iniciar a prova.

Entre os inscritos contam-se Massimo Biasion, Bruno Saby e Didier Auriol, pilotos da equipa Lancia-Martini e Ari Vatanen, da Mitsubishi.

Basquetebol:

Seleccção lusa soma e segue

O trio formado por Carlos Lisboa, Steve Rocha e João Seica teve uma acção decisiva na vitória (73-66) da selecção portuguesa frente a Angola na 2.ª jornada do torneio internacional RTP, a decorrer em Braga.

A turma das «quinas», orientada por Adriano Baganha (técnico principal) e Nelson Serra (adjunto), chegou ao intervalo a vencer por 35-29, depois de conseguir anular nos últimos minutos da primeira parte uma desvantagem no marcador.

A selecção angolana, vencedora do último torneio da juventude de Luanda, no qual Portugal participou, voltou a exibir um basquetebol de bom nível técnico, mercê do valor de jogadores como Aníbal Moreira, Manuel Sousa, Jean Jacques e José Guimarães.

O conjunto nacional começou o encontro da pior forma, demonstrando dificuldades na transposição da bola para o ataque, falhando nas entregas e na concretização, permitindo que os angolanos chegassem facilmente aos 8-0.

Esta diferença manteve-se até aos últimos cinco minutos da primeira parte, altura em que Portugal começou a recuperar, após as entradas de Seica e Alberto Vanzeller, que deram outra agressividade à manobra ofensiva.

Os pupilos de Adriano Baganha, sempre apoiados pelo público, conseguiram assim seis pontos de vantagem ao intervalo, margem que viria a revelar-se muito útil na segunda metade do encontro.

No segundo tempo, até cerca dos dez minutos, Portugal atravessou um período de alguma desconcentração, mostrando pouca agressividade defensiva, de tal modo que os angolanos recuperaram a desvantagem.

Mas a cerca de cinco minutos do fim deu-se nova reviravolta no marcador, com Carlos Lisboa, em dois lançamentos de longa distância, a colocar Portugal em vantagem.

A partir daqui, a turma das «quinas» nunca mais abrandou, comandando o marcador até final do encontro.

O resultado final abou por ser o prémio justo para a boa exibição de Portugal na 3.ª e última jornada da frente o Monte Libano, de Israel.

Sob a arbitragem da dupla António Pimentel/José Nina, de Lisboa, as equipas alinharam e marcaram:

PORTUGAL — Henrique Vieira (7), Carlos Lisboa (20), Luís Albuquerque (2), Mike Plowden (6), Steve Rocha (21), João Seica (13), Eugénio Silva (4) e Vanzeller.

ANGOLA — Aníbal Moreira (6), Paulo Macedo (6), David Dias (4), Jean Jacques (14), Manuel Sousa (16), José Guimarães (18), Adriano Pedro (2), Nelson Sardinha e João Campos.

No outro encontro da jornada, o Monte Libano derrotou o Atlético de Itana por 85-83 pelo que hoje o jogo Portugal-Monte Libano decidirá o vencedor do troféu.

Esgrimistas preparam-se em Lamego

Está a decorrer até ao dia 22 nas instalações do Complexo Desportivo de Lamego um estágio de qualidade (florete e espada) para os melhores esgrimistas portugueses que irão estar empenhados nos campeonatos do Mundo dos diferentes escalões do próximo ano.

O estágio é dirigido pelo director técnico nacional prof. João Paulino e terá como mestres de esgrima o técnico Robert Schatz e o cor. Castanheira da Costa que serão coadjuvados pelos monitores José Bandeira, Carlos Rodrigues e Paulo Oliveira. Além do pavilhão gimnodesportivo onde foram montadas 6 pistas, já utilizadas a sala de musculação, o circuito de «cross» e a piscina de Vila Real. Todas as sessões de esgrima serão visionadas e tratadas posteriormente a fim de melhorar a técnica e a tática dos atiradores. Os atletas que estão a frequentar o estágio são os seguintes:

Seniores: José Bandeira (ACL), Paulo Oliveira (CM), José Guimarães (VFC), Rui Lajoso (Juv), Carlos Rodrigues (GCM), Margarida Cos-

ta (Juv), Quitéria Barbosa (VFC).

Juniões: Diogo Ravara (GCP), Nuno Sousa (CFEA), Rui Frazão (AM), Nuno Frazão e Caimoto Duarte (GDBTA), Carmen Bartissol (CFEA), Catarina Ferreira (GCP), Quitéria Barbosa e Sandra Cardoso (VFC).

Cadetes: Filipe Melo e Miguel Machado (VFC), Rui Ruas, Jaime Vinha, Sérgio Filipe, Pedro Melo (CM), Bruno Carvalho (CFEA) e João Gomes (UPVN).

Curso de monitores de espada

A Federação Portuguesa de Esgrima levou a efeito de 8 a 12 de Dezembro de 88, um curso para monitores de espada. A acção decorreu na sala de esgrima da FPE e os 14 candidatos de Lisboa, Lamego, Viseu, Gaia e Caldas da Raimão frequentaram esta 1.ª fase.

Foram prelectores os mestres de armas Robert Schatz, cor. Castanheira, cor. Valarinho, eng. Grave dos Santos, dr. Miguel Magalhães e prof. João Paulino.

CESSÕES DE QUOTA

No dia vinte e três de Agosto de mil novecentos e oitenta e oito, no 10.º Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Henrique Lima Simões, primeiro ajudante do mesmo cartório, no impedimento do respectivo notário, por se encontrar de licença para férias, compareceram como outorgantes:

Primeiro — Carlos Nicolau Gomes Martins, natural da freguesia de Santa Isabel, de Lisboa, casado sob o regime de comunhão de adquiridos, com Eliana Santana Ribeiro, com residência habitual nesta cidade, na Av. Marechal Teixeira Rebelo, lote 55, 3.º andar, esq.º.

Segundo — Eliana Santana Ribeiro, natural do Brasil, de nacionalidade brasileira, casada com o primeiro outorgante e com ele residente.

Terceiro — Virgílio Fortunado de Oliveira, natural da freguesia de Santa Engrácia, de Lisboa, casado sob o regime de comunhão de adquiridos, com Anisabel Correia Romão de Oliveira, com residência habitual na Buraca, concelho da Amadora, na R. Trindade Coelho, n.º 11, 2.º andar esq.º.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela forma que adiante se menciona.

— E pelos primeiro e segunda outorgante foi dito:

— Que são os únicos e actuais sócios da Sociedade Comercial por quotas, sob a denominação de Fitocol — Laboratório de Fitocosmetologia, Lda., com sede nesta cidade, na Rua das Picoas, número 13, cave, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º sessenta mil duzentos e oitenta e nove e com o capital social de um milhão de escudos, sociedade esta constituída por escritura de dezasseis de Maio de mil novecentos e oitenta e quatro, lavrada no Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Cascais.

Que, no dito capital social, integralmente realizado de um milhão de escudos, têm ele o primeiro outorgante duas quotas, uma no valor nominal de cento e cinquenta mil escudos e outra do valor nominal de trezentos e cinquenta mil escudos e ela segunda outorgante uma quota de valor nominal de quinhentos mil escudos.

— Que pela presente escritura, ele primeiro outorgante cede ao terceiro outorgante as suas duas referidas quotas de cento e cinquenta mil escudos e trezentos e cinquenta mil escudos.

— Que, por sua vez, ela segunda outorgante cede ao mesmo terceiro outorgante a sua referida quota de quinhentos mil escudos.

— Que estas cessões são feitas com todos os correspondentes direitos e obrigações e preços iguais aos seus valores nominais, que já receberam do cessionário.

— Que eles primeiro e segunda outorgantes renunciam à gerência da aludida sociedade.

— Que pelo terceiro outorgante foi dito:

— Que aceita estas cessões nos termos exarados, e como único sócio que agora fica sendo da aludida sociedade, decide, desde já, nomear-se gerente da mesma.

— Por todos os outorgantes foi mais dito:

— Que a referida sociedade não tem quaisquer bens imóveis.

— Foi-me exibido um cartão de identificação de pessoa colectiva da dita sociedade com o número 501469206.

— Arquivo:

a) — Uma fotocópia da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, comprovativa da qualidade invocada por eles primeiro e segunda outorgantes, da referida matrícula e mencionado capital social;

b) — E uma certidão do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, comprovativa, da situação contributiva da sociedade com o dito Centro.

A identidade dos outorgantes foi verificada pela exibição dos seus bilhetes, respectivamente, números 1216775, de 20 de Agosto de 1985, 16073407, de 22 de Agosto de 1985, 4708228, de 18 de Julho de 1988, todos emitidos pelo Arquivo de Lisboa.

— Foi feita aos outorgantes, em voz alta e na sua presença simultânea a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo, com a advertência relativa ao registo obrigatório que deverá ser requerido no prazo de noventa dias a contar desta data.

Futebol lá fora

ESPANHA-IRLANDA JOGAM PARA O MUNDIAL

A Irlanda do Norte vai hoje tentar acabar com a invencibilidade da Espanha em Sevilha, quando as seleções dos dois países se defrontam para o grupo 6 de qualificação para o mundial de futebol de 1990.

A Espanha, cuja «estrela andaluza» brilha desde 1923, ano em que bateu Portugal por 3-0, iniciou da melhor forma a qualificação para o «Itália-90» com um triunfo sobre a República da Irlanda, no último mês, mas terá de acatelar-se, se quiser repetir o êxito.

A Irlanda do Norte é um adversário difícil, habituado a ganhar em condições adversas, e uma das suas mais famosas vitórias foi obtida precisamente frente à Espanha, na fase final do Mundial de 1982, em Valência.

Dave McCree, um dos três «sobreviventes» da equipa irlandesa de então, considera que a vitória obtida há seis anos prova que «nada é impossível».

Para o treinador da formação espanhola, Luiz Suarez, o único problema é a lesão do defesa Quique Flores, que se magoou num pé no último fim-de-semana e está submetido a tratamento intensivo desde então.

O lote de jogadores das duas equipas para o encontro é o seguinte:

ESPANHA — Zubizarreta, Abanado, Chendo, Gorritz, Serna, Flores, Jimenez, Andrinua, Beguiristain, Fernandez, Martin Vazquez, Gonzalez, Salinas, Butragueño, Vazquez e Sanchez.

IRLANDA DO NORTE — McKnight, Hughes, Donaghy, Rogan, Worthington, McDonald, McClelland, Fleming, McCree, O'Neill, Campbell, Dennison, Black, Penney, Clark, Quinn e Wilson.

Hungria: crise alastra

Gyorgy Mezey, que regressara como técnico à selecção húngara de futebol há apenas cinco meses, demitiu-se afirmando não ter condições para realizar um verdadeiro trabalho profissional.

O anúncio foi feito durante uma entrevista na Televisão, e constituiu um grave golpe para o futebol húngaro, já abalado nas últimas semanas pelo escândalo dos resultados combinados do campeonato envolvendo 40 jogadores e dirigentes.

Mezey (47 anos) afirmou que juntamente com a sua carta de demissão foram enviadas à Federação dos Treinadores Adjuntos, Sandor Egervari e Josef Both, do médico Janos Mohacsi e do massagista Imre Sandor.

O diário «Magyar Nemzet» afirmou que os cinco admitiram não haver a mais pequena possibilidade de realizar um trabalho profissional.

Mezey defendeu a demissão da direcção da Federação e mais rapidez nos resultados do inquérito policial sobre o escândalo da alegada corrupção nos jogos da primeira divisão no fim da última época e em duas épocas anteriores.

Mas Mezey disse na entrevista de Televisão que o escândalo dos resultados combinados tinha influenciado minimamente a sua decisão e que a principal razão tinha sido o fraco apoio dado pela Federação.

Mezey, que também dirigiu a equipa entre 1983 e 1986, foi acusado pelo diário do Partido Comunista «Nepszabadsag» de abandonar o navio com ele a

afundar-se. Uma coisa é certa, com esta decisão o treinador tornou ainda pior o já miserável estado do futebol húngaro, comentou aquele jornal. Ele poderia ajudar se ficasse, mas é mais fácil abandonar um navio a afundar-se do que permanecer a bordo e tentar sobreviver à tempestade, acrescentou.

O defesa internacional Imre Garabai disse, entretanto, à agência noticiosa MTI que a notícia da saída do técnico foi «catastrófica» e que o futebol húngaro se está a afundar cada vez mais.

Desde o regresso de Mezey, a 15 de Julho, a equipa húngara disputou cinco jogos internacionais. Aparte os jogos particulares com a Áustria (0-0), Islândia (3-0) e Grécia (0-3), a Hungria bateu a Irlanda do Norte por 1-0, e empatou surpreendentemente 2-2 com Malta, em jogos de qualificação para o Campeonato do Mundo de 1990.

Lozano processa quem o lesionou

O capitão do Anderlecht, Juan Lozano, impedido de jogar desde há 20 meses devido a uma dupla fractura numa perna, anunciou que vai processar o futebolista que o lesionou.

Lozano, de origem espanhola, lesionou-se gravemente numa tibia, em choque com Ivan Desloover, do Waregem, em Abril de 1987, tendo já sido submetido a nove operações.

Já sofreu mais do que o necessário, justificou Lozano ao anunciar ter posto o caso em tribunal.

Bicrosse "desafia" Federação de Ciclismo

Dirigentes desportivos, autarcas e representantes da Direcção-Geral de Desportos devem reunir-se na Páscoa, em Tróia, para discutir o futuro do bicrosse e tentar convencer a Federação Portuguesa de Ciclismo da importância que esta modalidade está a atingir em Portugal.

A novidade foi dada por Alves Barbosa, após as finais da prova aberta de bicrosse ali realizada com o apoio da Torralta.

A iniciativa, que reuniu mais de 100 jovens de idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos, vindos de Coimbra, Lisboa, Almada, Setúbal e Faro, constituiu uma espécie de teste à predisposição dos jovens para a prática do bicrosse.

«Também foi mais um 'balão de ensaio' para a oficialização da modalidade, em Portugal, objectivo a que a FPC continua a não prestar grande atenção», afirmou o antigo corredor do Sangelhos e ac-

tual técnico de ciclismo.

Convidado para dirigir as provas de Tróia, Alves Barbosa, que é um entusiasta da variante do ciclismo, não deixou, apesar de tudo, de se mostrar confiante em relação ao futuro do bicrosse.

«Caso a Federação insista na marginalização do bicrosse — adiantou — então os responsáveis pelo fomento da modalidade tentarão organizá-la, tal como o fizeram os franceses, através da criação de uma associação nacional.»

Uma coisa é certa: a FPC, que já foi contactada duas vezes, uma em 1986 e a segunda no princípio deste ano, tem em seu poder um projecto de regulamento para a modalidade, e ainda não tomou uma decisão. «Vamos a ver se será desta.»

Em relação às provas de Tróia, a que concorreram equipas de Coimbra, Lisboa, Almada, Setúbal e Faro, Alves Barbosa não escondeu a sua satisfação: «Valeu a pena,

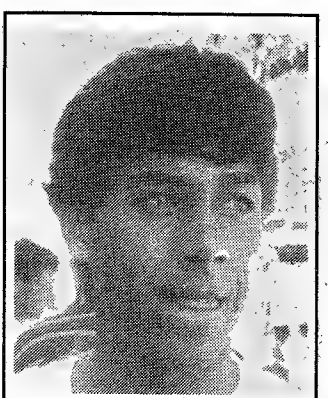


Movidos pelo espírito competitivo, os bicrossistas mostraram o que valiam na pista de Tróia, onde decorreu a 1.ª prova aberta, promovida pelo Departamento de Desporto do Complexo Desportivo da Península do Sado (foto Infoplus-A.S.)

pela participação, pelo convívio e pelo desporto.

As classificações finais foram as seguintes:

Classe 11/12 anos: 1.º Adelinho Roque (Paivas), 2.º Castor Manuel (Setúbal) e 3.º Miguel Ferreira (Linda-a-Velha); 13/14 anos: 1.º Miguel Caetano (Cascais), 2.º Pedro



Joaquim Gomes: superprestígio na pedalada

Numa festa bonita, que se processou no Restaurante S. Jerónimo (ao Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa) o nosso prezado colega «Gazeta dos Desportos» e a Helsinn entregaram ao ciclista Joaquim Gomes (que durante a última temporada defendeu as cores da turma do Louletano / Vale do Lobo), o prémio «Superprestígio Enervit», distinção que veio na linha iniciada por Manuel Cunha (em 1987). Presentes e usando da palavra estiveram o jornalista Joaquim Queirós (director da «Gazeta dos Desportos») e Edmundo Martinho (director da Helsinn), com os circunspectos aplaudindo o novo (excelente) reforço da Sicasal / Torreense que, ao agradecer o troféu (que lhe foi entregue pelo professor Aldo Sassi, elemento da equipa técnica do birrecordista mundial da hora, o famoso Francisco Moser) teve palavras de alto elogio para todos os companheiros que o ajudaram a ser o melhor ciclista da temporada e, no abraço que trocou com Marco Chagas, mais revalidou aquilo que já considera «uma honra que terá de defender na próxima época».



Em Colónia já é assim

Estádio das Antas ganha melhoria

No Hotel Ritz, por iniciativa da Infoplus (De Carlos Pina), foi apresentado aos jornalistas um melhoramento que muito vai enriquecer o parque desportivo dos «dragões»: brevemente, os espectadores do Estádio das Antas terão à sua disposição um ecrã electrónico gigante de alta resolução, um verdadeiro «jornal luminoso» comandado por computador. O sistema é representado pela Montante, uma empresa de Lisboa que, com a colaboração de uma fábrica de Estugarda (RFA), propõe-se «invadir» o País com quadros de visualização capazes de transmitir notícias, fotos e «spots» publicitários animados.

Constituído por uma matriz electrónica de grande luminosidade (500 a 10 mil pontos luminosos por metro quadrado), cada painel pode (com efeito) reproduzir qualquer tipo de imagem gráfica, fixa ou animada, até 32 imagens por segundo. De acordo com as previsões da

«Montante» (apresentadas pelo eng.º Vieira de Sá, perante o eng.º Gert Baukrecht, presidente da germânica «Leurocom»), é provável que cerca de 100 painéis electrónicos venham a ser instalados no país, a maioria dos quais nas zonas de influência do Porto e de Lisboa, e os restantes em Braga, Aveiro, Coimbra e Algarve.

Apesar do preço alto (cada metro quadrado de painel custa à volta de dois mil contos), a «Montante» acredita que as autarquias venham a estar entre os principais interessados na exploração directa dos painéis ou (simplesmente) na sua aquisição, entregando-os (depois) à concessão, como já é intenção da edilidade portuense.

Nota a evidenciar: o maestro António Vitorino de Almeida colaborou (ao piano) ilustrando musicalmente um colectivo artístico produzido em Colónia (RFA) intitulado «Luz e som».

A proposta já avançou para o Sul

Coreia unificada nos "Jogos Asiáticos"

A Coreia do Norte propôs à Coreia do Sul o termo de três décadas de «guerra fria» e a formação de uma equipa conjunta para os Jogos Desportivos da Ásia, a disputar em 1990, na China.

O presidente do Comité Olímpico da Coreia do Norte, Kim Yu-Sun, enviou uma carta ao seu homólogo do Sul, sugerindo que as duas Coreias iniciem conversações em Fevereiro, com vista a iniciar os trabalhos de formação de uma equipa conjunta para os Jogos Asiáticos a realizar em Pequim.

Dirigentes desportivos em Seul reagiram de imediato e favoravelmente ao projecto, que poderá unir pela primeira vez atletas das duas Coreias, desde que a península foi dividida.

«Uma equipa única iria pro-

mover a unidade entre os atletas masculinos e femininos das duas Coreias, e demonstrar ao mundo a vontade dos coreanos na reunificação da península», afirma Kim na sua carta, propondo que as conversações se realizem na cidade fronteiriça de Panmunjon entre os responsáveis olímpicos dos dois países.

O presidente do Comité Olímpico Sul-Coreano, Kim Chong-Ha, afirmou que «vamos analisar positivamente esta proposta, e espero que seja encontrada uma base de intercâmbio desportivo entre o Sul e o Norte».

«Contrariamente às anteriores propostas do Norte, esta carta não contém propaganda política, e parece ser cordial e sincera. Vamos enviar uma resposta em breve», acrescentou Chong-Ha.

Bibliografia desportiva

TEOTÓNIO LIMA: DOIS PASSOS EM FRENTE

Notável, verdadeiramente para distinguir, a associação do professor Teotónio Lima com a «Livros Horizonte» volta a produzir dois magníficos trabalhos que muito vêm melhorando a nossa ainda escassa bibliografia desportiva. Desta feita, em reunião com a Comunicação Social que teve lugar na Casa da Imprensa, e apresentação do nosso camarada Homero Serpa (jornalista de «A Bola») «nasceram» mais dois livros: «A Bola Mágica» e «O Desporto está nas suas Mãos».

Teotónio Lima, licenciado em Educação Física e um dos técnicos desportivos que mais se tem ocupado com o estudo das diversificadas facetas do desporto, escreve, no prefácio de «A Bola Mágica»: Não haverá muitas actividades físicas, lúdicas ou desportivas que proporcionem tanta alegria aos participantes como aquelas que têm na bola a origem e o motor de tudo o que pode acontecer num jogo. A bola incita ao jogo. A bola dita os premiados nas lotarias e nos tira-teimas dos concursos de Televisão. A bola está nas férias, na praia e no campo, está na escola, nos recreios, no desporto, nas ruas e está em casa. O que é que esconde uma bola para nos sentirmos provocados e dar-lhe um pontapé, a mexer-lhe, a querer que seja nossa? Porque é que os homens maduros saem de si quando vão à bola?

A partir daqui, destes conceitos, surgiu «A Bola Mágica»: a esferinha que (como escreveu Ruben A.) é o rei de tudo. Salta, mexe, anda, vai para onde quer e vai para onde não se quer. Bola e olhos, olhos na bola, ali lá vai, onde vai, mesmo ia sendo, bola rebola, vai ao centro ou vai fora. Teotónio Lima ewencaminha-nos (então) por um vasto caminho que atravessa idades e tempos, transportando-nos da antiguidade até aos momentos vividos nos estádios por figuras de executantes ímpares (Stanley Matthews, Garrincha, Pelé, Di Stefano, Vasques, Coluna, Eusébio, Yashine), esses mágicos dos jogos com bola que deliciaram duas décadas da juventude de todo o mundo.

Por seu turno, em «O desporto está nas suas mãos» processa-se uma excelente escatologia de facetas do desporto que oscilam entre o aproveitamento político e a função social, que viajam da profissão à arte. Teotónio Lima cita intelectuais que se interessaram em incluir nas suas obras assuntos de carácter desportivo (Urbano Tavares Rodrigues, Romeu Correia, Manuel da Fonseca, Luís de Sttau Monteiro, Baptista-Bastos, Ruben A., Antunes da Silva, Rui Belo, Almada Negreiros, Alexandre O'Neill, Sílvio Lima) e (inclusive) apresenta versos de António Aleixo, para mais adiante recordar belos trabalhos de pesquisa desportiva rubricados por José Esteves, Noronha Feio, Melo de Carvalho e Jorge Crespo (sem esquecer Manuel Sérgio) e, depois, prestar o seu respeito a artistas do despor-

to (Eusébio, Joaquim Agostinho, Carlos Lopes, Fernando Mamede, Rosa Mota, Chalana e Futre) quase exultando com as façanhas futebolísticas de selecções e clubes (Benfica, Sporting, Vitória de Setúbal, Futebol Clube do Porto), terminando por afirmar que o desporto está nas nossas mãos. Basta saber entender (e bem fixar) os conceitos que um verdadeiro «expert» do desporto coloca na outra margem do cíclico quotidiano desportivo.

Técnico altamente experiente, com uma vivência feita de mil sacrifícios e muitas alegrias, Teotónio Lima também tem o seu pequeno ídolo:

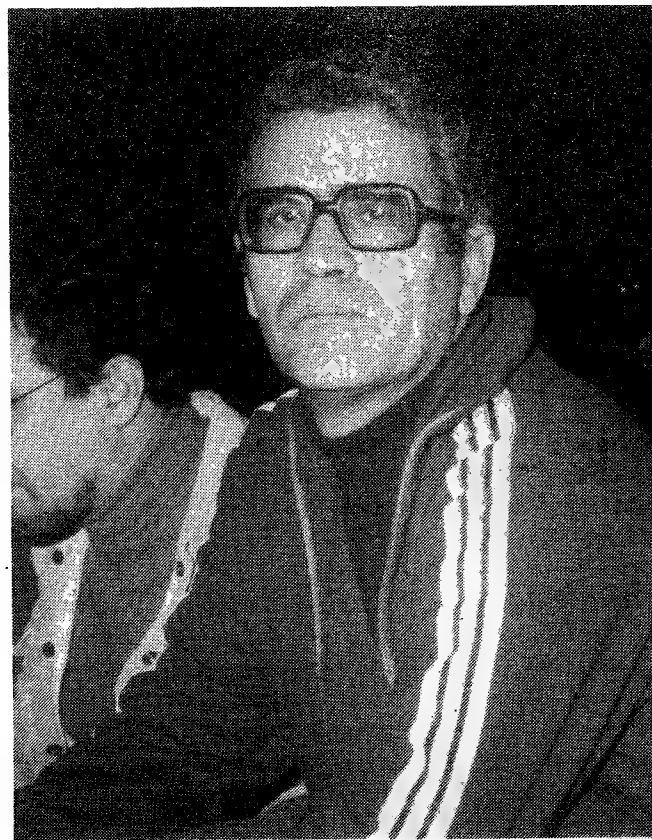
— Era professor numa escola onde tive um aluno que não possuía mão direita e, apesar disso, se tornou um ótimo jogador de andebol: rematava triunfantemente com a esquerda e, com o braço direito, funcionava como travão perfeito aos parceiros de outro emblema...

«O desporto está nas suas mãos»: mesmo que, por vida madrastra, não possa ser igual a muitos mais.

Jogos desportivos da cidade de Lisboa

Não poderá negar-se que, com a chamada do dr. Vítor Gonçalves para o Pelouro de Desporto e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, a edilidade da capital conquistou um valor que, a princípio aceite com a dúvida que resultava do escasso trabalho de produtividade de alguns antecessores, acabou por se firmar (sem jactâncias ou empoleiramentos, sem alguma vez também empolar a sua acção) em todas as vias da Comunicação Social e, muito mais importante, na generalidade da opinião pública que, em bairros ou freguesias, por essas ruas fora, em pavilhões ou escolas, ao ar livre, nas piscinas ou nos estádios, tem visto crescer até altura nunca antes conhecida a cativação da prática desportiva nos quatro cantos da cidade capital e, alongando-se como círculo de luz, a todas as áreas da cintura lisboeta, agora pela 2.ª vez saboreando o estrondoso êxito (o termo tem toda a qualidade e propriedade) dos 2.ºs Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, orgulho justo de uma faceta da municipalidade que conquistou carta de alforria dentro dos demais esquemas de vida da edilidade.

Recordados alguns dos principais passos e momentos desta nova edição dos Jogos Desportivos de Lisboa, aí temos um volume de textos e factos coordenado pelo jornalista Alves Henriques com arranjo gráfico de Óscar Figueiredo (dois companheiros diários no «Diário de Lisboa»), volume que é enriquecido com fotos de Amílcar Teixeira (colega da «Gazeta dos Desportos») e palavras de mais



Teotónio Lima: um mestre.

um punhado de camaradas com cátedra firme no nosso jornalismo desportivo (Guita Júnior, Patrício Alvares, Vítor Martins, Júlio Rodrigues, Carlos Nogueira, Luís Graça, Murilo Lopes, Silva Martins, Valdemar Afonso, Guido de Carvalho), todos enaltecendo uma promoção que colocou em actividade 7605 participantes de 441 colectividades de 46 freguesias. Uma festa que (como salienta António Oliveira Freitas, da Junta de Freguesia da Penha de França) «é uma grande manifestação de desenvolvimento físico-social dos jovens, no direito ao desporto».

Saliente-se que, ao lado do dr. Vítor Gonçalves, com ele colaborando estreitamente, alinhou o professor Mário Silva, que foi um campeão de atletismo e continua vivendo entusiasticamente o desporto. O que não aconteceu em relação aos Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, com o Ministério da Educação, com a Direcção-Geral dos Desportos ou com a RTP: os primeiros não tiveram um só olhar para apoiar uma iniciativa de alto mérito, as câmaras televisivas deviam estar (permanentemente) ao serviço dos excelentes trabalhos de produção nacional que contagiam e juntam ao televisor todo o Portugal.

«Atletismo»

Dedicando o seu «poster» a Florence Griffith-Joyner (a atleta mundial do ano) e também largo espaço de reportagem ao triunfo de Aurora Cunha na Maratona de Tóquio, a mais recente edição da revista «Atletismo» (dirigida por M. Arons de Carvalho) prossegue o seu trilha na divulgação das grandes proezas

vividas nos estádios, nas pistas, nas estradas, em todos os locais onde o atletismo é rei e senhor.

Desde o Cross de Matos Velhos à Meia-Maratona da Nazaré, tocando nos Jogos Olímpicos e na actividade (dentro e fora das fronteiras) dos melhores praticantes de atletismo, a revista completa o 7.º ano de existência sempre transportando artigos e entrevistas, reportagens e temas técnicos, biografias e estatísticas que muito vão enriquecendo o seu historial, já firme e vertical entre os órgãos de Imprensa que mais empunham o estandarte de qualquer disciplina desportiva.

«Eles e Elas»

Continua em marcha ascendente a revista «Eles e Elas» que tem ao leme Maria da Luz de Bragança e o jornalista Hídio Alves, empenhados em prosseguirem uma tarefa que vai concluir o 6.º ano de vida e, entre o naipe de colaboradores, conta com curiosos textos de Helena Roseta. No n.º 70 de «Eles e Elas» assume especial relevância a reportagem do sucesso de Markku Allen (Lândia) no Rali de Inglaterra, a vitória de Bento Amaral e o título nacional para Carlos Bica (após o Rali do Algarve), o desfile de excelentes modelos automobilísticos exibidos no Lisboa Motor-Show, a recordação do Guadiana 500 (triunfo da dupla João Vassalo/Manuel Moraes) e um artigo sobre Ben Johnson em que ele «grita inocência» no escândalo de Seul, que o envolveu nas malhas do «doping». Mas, para além de temas desportivos, «Eles e Elas» também toca outros aspectos jornalísticos que valem (inquestionavelmente) a sua leitura. Neves de Sousa

Três homens
em direcção
à Lua

Os três astronautas americanos entraram a bordo da cápsula «Apolo 8» a fim de se prepararem para partir para a viagem de ida à Lua e regresso à Terra. Trata-se da mais audaz aventura do homem no espaço: a viagem de seis dias de ida e volta à Lua. Pouco depois de acordados, tomaram o pequeno almoço: bife, ovos mexidos, torradas e café ou chá. É a última refeição cozinhada que terão durante uma semana. Pouco antes, os funcionários da NASA declararam que «todos os sistemas estavam a postos» para a histórica partida.

Pedida
a libertação
de Carlos Lacerda

Numa carta dirigida ao presidente Costa e Silva, o dr. António Rebelo Filho, médico de Carlos Lacerda, pede a sua libertação por razões de saúde. O ex-governador, como se sabe, está fazendo uma greve de fome na prisão, só bebendo água, há sete dias. O texto do auto do interrogatório de Carlos Lacerda, de que se conseguiu obter cópia, mostra que o ex-governador está realmente fazendo a greve de fome desde de sábado, 14 de Dezembro, às 14 e 30 locais, data da sua «encarceração arbitrária». Lê-se no

preâmbulo deste texto que Carlos Lacerda foi detido após a promulgação do acto institucional nº. 5, devido, em boa parte, à sua acção na constituição da Frente Ampla, organização que englobava o ex-Presidente Kubitschek de Oliveira, caído em desgraça e detido no campo militar de Niteroy.

Fim
do Ramadão
em Lisboa

O fim do Ramadão foi festejado hoje (dia 1 do mês de Xanal de 1388, segundo o calendário islâmico) por iniciativa da comunidade islâmica de Lisboa.

EFEMÉRIDES

1871 É inaugurado, em Setúbal, o Monumento a Bocage.

1898 O elemento rádio é descoberto pelos cientistas Pierre e Marie Curie.

1921 É formada uma Aliança entre a Rússia e a Turquia.

1940 Morre o escritor norte-americano Scott Fitzgerald.

1945 George Patton, um dos chefes militares norte-americanos na Segunda Guerra Mundial, morre em consequência de um desastre de viação.

1953 O antigo primeiro-ministro iraniano, Mohamed Mosadegh é condenado a três anos de prisão por tentativa de revolta contra o regime do Xá.

1960 O primeiro-ministro da Arábia Saudita, Emir Faisal, demite-se e o rei Saud assume directamente a chefia do Governo.

1961 Moisés Tchombé concorda em pôr termo à guerra separatista do Katanga.

1967 Louis Washkansky, o primeiro homem a ser submetido a uma transplantação cardíaca, morre 18 dias após ter sido operado pelo cirurgião sul-africano Barnard.

1968 Os EUA lançam para o espaço a nave «Apollo-8», tripulada pelos astronautas Borman, Lovell e Anders, que se tornam os primeiros homens a entrar em órbita lunar.

1971 Kurt Waldheim, diplomata austriaco, é nomeado secretário-geral da Organização das Nações Unidas.

1972 A Alemanha Federal e a República Democrática Alemã assinam um acordo que põe termo a duas décadas de inimidade oficial.

1973 A primeira conferência para a paz entre árabes e israelitas inicia-se em Genebra, sob os auspícios dos EUA e da URSS.

1975 Onze delegados à conferência da OPEP, em Viena, são mantidos como reféns por um comando palestiano que se apossou do edifício em que decorria a reunião, matando dois guardas.

1977 É legalizado o divórcio no Brasil, o maior país católico do mundo.

1978 Nova fase de conversações «Salt», em Genebra, entre os EUA e a URSS.

1979 É assinado o Tratado de paz entre os guerrilheiros e o Governo do Zimbábue/Rodésia.

1983 As autoridades judiciais italianas libertam Sergei Antonov, um búlgaro acusado de cumplicidade no atentado perpetrado em 1981, no Vaticano, contra o Papa João Paulo II.

1984 Gorbachev anuncia, em Edimburgo, a morte do ministro soviético da Defesa, marechal Dmitri Ustinov, 76 anos.

1985 A polícia sul-africana prende a líder nacionalista negra Winnie Mandela, depois de esta se ter recusado a deixar a sua casa no Soweto e regressar ao desterro na pequena localidade de Brandfort, no Estado livre de Orange.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	2	1	0,0	P. nub.
V. Castelo	13	9	0,0	Limpo
Vila Real	4	4	0,0	Limpo
Porto	6	5	0,0	Limpo
Coimbra	8	5	0,0	Limpo
C. Carvoeiro ..	13	12	0,0	Limpo
C. Branco	9	8	0,0	Limpo
Portalegre	11	10	0,0	Limpo
Lisboa	9	8	0,0	Neblina
Évora	9	8	0,0	P. nub.
Beja	8	7	0,0	P. nub.
Faro	10	10	0,0	Limpo
Sagres	8	8	0,0	Limpo
P. Delgada	17	16	0,0	M. nub.
Horta	17	17	0,0	M. nub.
Funchal	13	13	0,0	P. nub.

NA EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid	9	9	Limpo
Londres	9	6	Neblina
Paris	2	0	Encoberto
Bruxelas	6	5	Chuva
Amsterdão	9	3	Chuva
Genebra	-1	-1	Pouco nub.
Roma	5	5	Limpo
Oslo	-9	-9	Nevoeiro
Copenhaga	4	-1	Chuva
Estocolmo	0	-2	Chuvisco
Berlim	0	-1	Muito nub.
Viena	-4	-1	Pouco nub.
Varsovia	-5	-6	Pouco nub.
Atenas	12	11	Chuva
Moscovo	-8	-8	Neblina

NOMUNDO

	Min.	Max.	Às 13 h.
Caracas	15	24	Limpo
Joanesburgo	16	24	Limpo
Los Angeles	6	14	Nublado
Montreal	-14	1	Nublado
Nova Deli	12	22	Nublado
Nova Iorque	-6	7	Nublado
R. de Janeiro	24	32	Limpo
S. Francisco	9	17	Chuva
São Paulo	23	30	Nublado
Tóquio	4	15	Limpo



TEMPO

HOJE

No Continente:
Em todo o território: Céu geralmente limpo. Vento fraco do quadrante Leste, soprando por vezes moderado no Algarve. Neblina ou nevoeiro durante a manhã nas regiões do litoral Norte e Centro. Mar encrespado com ondulação noroeste de dois metros na costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a um metro na costa Sul.

Nos Açores: ..
Em todos os grupos: Céu geralmente muito nublado. Vento sueste moderado, enfraquecendo gradualmente. Aguaceiros.

Estado do mar: Mar cavado, tornado-se de pequena vaga. Ondulação de noroeste de três metros.

Na Madeira:
Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste fraco ou moderado.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de sueste de um metro.

Funchal: Céu pouco nublado. Vento nordeste geralmente fraco.

AMANHÃ

Céu pouco nublado, aumentando de nebulosidade durante a tarde nas regiões do Norte e Centro. Vento fraco do quadrante Leste soprando moderado no Algarve. Neblina ou nevoeiro matinal e formação de geada.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal e formação de geada.

MARES

Hoje	Praia-Mar	Baixa-Mar
	01.17 3,9 m	07.08 1,3 m
	13.42 3,9 m	19.24 1,3 m
Amanha		
	02.06 4,0 m	07.55 1,2 m
	14.32 3,9 m	20.06 1,2 m

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 16, Faro 22, Ponta Delgada 19, Funchal 20.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

À MESA DO CAFÉ

Mário Castrim

I

Tivemos na semana mais uma estreia na TV. Semana que vai fechar com **Topaze**, sem que saibamos quando vamos ter mais teatro em português, feito por portugueses, tudo bicharada em vias de telextensão se acaso Carlos Pinto Coelho fechar a porta atrás de si.

A estreia mete conversa. Unicamente conversa. Juntam-se pessoas de todos os quadrantes (quer dizer...) e falam. Falam no estúdio. Debatem problemas. Meu Deus a quantidade de problemas que há neste país!

Não falando noutros a que a RTP não se atreve a debater. Considerando, por exemplo, o sector da informação lá da casa no âmbito da pomada, desculpem!, da tomada do poder. A informação considerada como a negação de si própria, tanto se parece com a propaganda.

II

Por exemplo, no telejornal do dia seguinte ao da publicação do **Café Central** (a rubrica agora estreada) apareceram Teresa Gouveia; Valente de Oliveira; Eurico de Melo; Oliveira Martins e, para a panóplia governamental acabar em esplendor, Cavaco Silva, em transe de inauguração por esse País fora, a discursar. Aí está uma boa discussão, a influência da «informação» nos resultados eleitorais, mais propriamente nas autárquicas que se aproximam.

Antes de mais nada, importa dizer que não estou a enfileirar «Café Central» entre as rubricas de muito paleio e pouco canteiro. Nada disso. Apenas estou, eu também, para aqui a conversar, com aqueles amigos todos, enquanto, para tecer vigorosamente a tarde domingueira, há bilhar às três tabelas no segundo canal. Para lá distraio os olhos da escrita, como se os mandasse ao Parque infantil.

III

O bilhar. Sou um fanático invejoso. Aquele rigor das linhas

inventadas, aquele rigor... poético, digamos, aquele caminhar no escuro com a segurança das estrelas. Essas não sei quantas tabelas que há numa tocada de Blondhal ou no **Bolor** de Augusto Abelaira. Isso que está afinal, nos antípodas de uma conversa de café — despreocupada, convivente, ao sabor das horas.

Conversa em que a RTP constantemente se ajeta. E tão mal lhe fica. Eu imagino à mesa do Montecarlo, José Gomes Ferreira (por um triz não ia ficando esquecido no programa de Alexandre Manuel!), Herberto Helder, Eduardo Lourenço, Augusto Abelaira, Carlos de Oliveira, a falta que tu nos fizeste, depois que partiste quantos intelectuais começaram para aí a ingeniar, e não o fariam em frente dos teus olhos de diamante. Assim aconteceu com a morte de Bento de Jesus Caraça, lembram-se!

IV

Vejo, estes gigantes, à mesa de café. Mas não vejo a Televisão. A televisão é um deus a quem não se consente ser humano. Não lhe admitimos que erre.

Diz a voz off da locutora a referir-se ao Benfica-Sporting: «Os dois mais populares clubes portugueses...» Não o devia dizer. Há quem se melindre, e com razão.

Diz o locutor sobre um desafio de hóquei: «O Benfica marcou o primeiro golo na segunda parte e também já na segunda parte marcaria o segundo...»

Jornal de Sábado publicou uma reportagem excelente (não se pode mostrar tanto em tão pouco tempo) sobre Agustina Bessa-Luís. O pior é que a legenda se referia a uma tal Agustina que eu não sei quem seja.

Pois é. As pessoas podem errar, mas a Televisão, nunca. Tal qual como se dizia do Banco de Inglaterra.

V

Antes que me esqueça: não sou espectador assíduo de

Ideias e Negócios, de Pedro Varanda de Castro: Hoje passei, sente-me, fiquei.

Era o senhor Sérgio Castiel que tivera a ideia de dessalinizar a água do mar, segundo o processo que a própria natureza empregará nos aicebergues. Assim: congela a água salgada de modo que o frio desça sobre ela, o cloreto de sódio desce, desaparece. Vou ficando a ouvir-lhe a história como quem ouve uma aventura. Ou um poema. Suspenso. Aquilo de um homem acordar durante a noite e ter, recordando-se dos aicebergues, uma revelação — no homem que não é estudioso nem tecnocrata — deriva da poesia ou da profecia, se acaso ambas não são a mesma coisa.

Ficou-me igualmente na memória a intervenção do dr. Santos Oliveira que avaliou a descoberta de Sérgio Castiel como rigor, a determinação, até uma certa dureza (a investigação não se compadece com as águas moles) de um cientista. Nem uma palavra a mais, nem uma palavra a menos. Claro. Os eleitos podem, uma vez ou outra, subir ao céu, mas os sacerdotes têm de velar pela segurança do templo.

VI

Voltando à rubrica estreada. Chama-se, como me parece ter já dito, **Café Central**, e assenta numa ideia fabulosa do jornalista Alexandre Manuel: Segundo a velha tradição urbana (e também rural, se substituirmos o café por bodega e o café por tintol) os amigos sentam-se à mesa de um café e conversam, discutem, participam, convivem.

Na primeira emissão compareceram Augusto Abelaira, José Carlos de Vasconcelos, António Valdemar, Melo Lapa, Manuel Pereira, João Lourenço. Tudo conversadores de boa cepa. Victorino pleibecou a **Leitaria Garrett**. Era infalível.

Trata-se, como já disse, de mais uma rubrica de estúdio, com muita charla, construída com os materiais mais rudimentares, sem preocupações de fazer obra para amanhã. Uma rubrica mais, como tantas outras? Nada disso. Não se trata de

mero blá-blá para passar tempo. Estiveram ali as nossas raízes, o melhor da nossa gente. Estivemos ali: Cada qual, à sua maneira, nos falou de Cochofel, Redol, Assis Esperança, Ferreira de Castro, (preciosas, as notícias de António Valdemar sobre o autor de «A Selva») Afonso Duarte, Paulo Quintela, Roberto Nobre — este tão esquecido, meus Deus, como é possível, ele que dinamizou a cultura e o amor da arte? — e tantos, tantos outros. Foi bom, ah, foi bom tornar a ver tanta gente, tê-los de volta nesta imensa tertúlia...

Não se trata, pois, de uma rubrica de qualquer paleio-mata-horas. À RTP compete defendê-la o mais possível. E aos seus responsáveis também, corrigindo (se ainda forem a tempo) alguns pormenores.

Café Central não recia a atmosfera da boa conversa. A tertúlia não se processava ao longo de todo o estabelecimento. Compreendia o território de uma, duas mesas, uma espécie de santuário no meio da balburdia ou da indiferença.

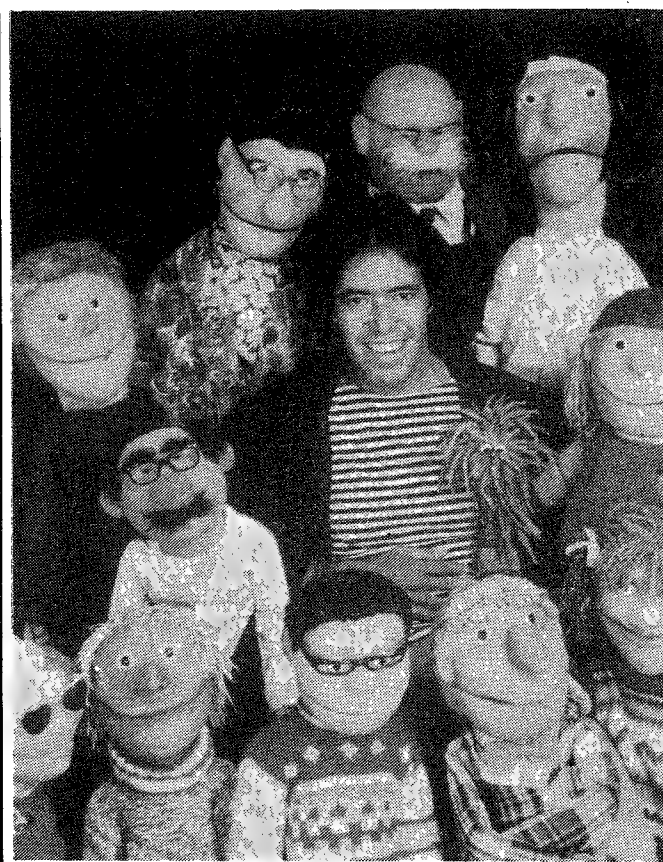
Neste **Café Central** o ambiente é frio, marmorizado, metalizado. As pessoas não falam, proclamam. Há uma ressonância que destrói a naturalidade. Fica tudo tão frio, tão impessoal! Resultado: bons conversadores como António Valdemar, José Carlos de Vasconcelos, Augusto Abelaira, ficam diminuídos no seu poder de comunicação, a audiência desliga.

VII

Repito: Trata-se de uma boa ideia que tem de ser carinhosamente defendida.

Sábado passado, à tarde, acordo o televisor, há um debate desportivo. Não sei quem diz que as estruturas desportivas não se constroem de um dia para o outro. «Mas as que existem destroem-se de um momento para o outro» comenta outro não sei quem, criticamente.

Verdade. A estrutura do **Café Central** não pode ser destruída de um momento para o outro. Pense nisto a RTP.



“Os Amigos do Gaspar”

Sérgio Godinho canta para as crianças

«Os Amigos do Gaspar» é o título do novo álbum de Sérgio Godinho, baseado na série da televisão, que o autor considera um «encontro ao mais alto nível» entre um amigo dos «Amigos do Gaspar» e as personagens da série.

Sérgio Godinho dedica este álbum às crianças deste País... e aos adultos.

«Nas minhas canções — diz Sérgio Godinho — costumo falar de pessoas, dos seus amores e desamores, anseios e teimosias, dúvidas e generosidades. Tudo aquilo que faz das pessoas... pessoas».

«Neste disco — acrescenta — nada é diferente, apesar de «Os Amigos do Gaspar» serem bonecos, porque os amigos do Gaspar têm também os seus problemas e as suas alegrias, tal qual os homens que os conceberam».

Com letras de Sérgio Godinho e músicas de Jorge Constante Pereira, o álbum tem 16 faixas que incluem as vozes dos conhecidos bonecos «Marta», «Felismina», «Gaspar», «Sr. Pires», «Manjerico», «Nita», «Guarda Seródio», «Farturas», «Romão» e «Clarinha».

O lado A inclui «Abertura», «É Tão Bom», «As Dúvidas do Gaspar», «O Farturas quer ser rico», «Na Cidade», «A Paixão do Velho Pires, o Marinheiro»,

«Dona Felismina e a sua Loja» e «Os Pais Natais».

O lado B apresenta «Canção dos Abraços», «Viva o Futebol», «Amores de Marta», «Fanchas e Fracassos do Guarda Seródio», «Pico Pico Manjerico», «Canção dos Palhaços Segito e Romão», «Embalos» e «Fim».

«Os Amigos do Gaspar» é o décimo segundo álbum da carreira de Sérgio Godinho, iniciada em 1971 com «Sobreviventes», censurado na altura em que foi editado.

Considerado um dos mais altos expoentes da música portuguesa contemporânea, Sérgio Godinho, 43 anos, foi galardoado logo no primeiro ano de carreira com o Prémio da Casa da Imprensa para o «melhor autor de textos para canções».

Arnaldo Saraiva descreve deste modo a carreira de Sérgio Godinho: «as canções de Sérgio Godinho, estudando sem curso de direito completo, refractário, homem de 7 instrumentos, viajante de vários países, cidadão duas vezes injustamente preso, pai de dois filhos, português com um percurso comparável ao de tantos portugueses do nosso tempo, cosmopolitas e retornados, ajudam-nos a viver num Portugal moderno e livre — e a fugir cada vez mais da apagada e vil tristeza nacional.»

Música em debate na FIL

Pela primeira vez em Portugal, as instituições musicais estão hoje a debater, na Feira das Indústrias da Cultura, o problema do ensino da música no país. Trata-se de um debate promovido pelo grupo Valentim de Carvalho e moderado por Miguel Graça Moura em representação do Ministério da Educação. O debate, que será gravado para posterior entrega às autoridades, é aberto a todas as instituições musicais portuguesas, públicas e privadas, que operam no sector do ensino e também junto do público de uma maneira geral. O debate terá como ponto de referência um estudo de mercado sobre o conhecimento da música entre nós.

Infolivro em 89: protocolo assinado

O sistema de informação sobre os livros portugueses disponíveis, o Infolivro, acessível através da rede pública de Videotex, foi criado recentemente com a assinatura de um protocolo entre as três entidades que o vão desenvolver e explorar.

Na presença da secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, o protocolo foi assinado durante a primeira Feira das Indústrias da Cultura, na FIL, por responsáveis do Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL), Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) e pela ITT-Portugal.

O Infolivro, que estará operacional no princípio de 1989, é um sistema de videotex que fornece uma base de dados biblio-

gráficos para consulta pública, diariamente actualizada, onde se encontra todo e qualquer livro disponível, lançado no mercado por qualquer editora portuguesa.

A pesquisa pode ser feita por autor, título, assunto, data e edição ou ISBN (International Serial Book Number), número que identifica internacionalmente qualquer livro.

Ao encontrar a edição procurada, será ainda fornecida informação sobre o título, autor, editor e data de edição, número de páginas, preço e assunto.

O Infolivro, de utilização gratuita, deverá possibilitar uma maior eficácia no trabalho de livreiros, bibliotecários e editores, que vão dispor de uma informação actualizada sobre a oferta

existente no mercado.

Segundo os patrocinadores do Infolivro, o público também sairá «especialmente beneficiado, pois deixará de depender da memória do seu livreiro ou bibliotecário, passando a dispor de uma vastíssima informação ordenada no sentido de orientar as suas compras e leituras».

Na cerimónia da assinatura do protocolo, o presidente do IPLL, José Afonso Furtado, recordou que, «ainda em 1984, não se publicava, em Portugal o catálogo dos livros disponíveis, ao contrário do que acontecia na maioria dos países europeus. Adiantou que, apesar de Marshall Mac Lhuan ter passado uma certidão de óbito ao livro, em 1962, perante a concorrência dos novos

meios de Comunicação Social, este tem «uma resistência inesperada» e existe uma «atitude optimista perante o futuro».

O presidente da APEL, Francisco Espadinha, considerou o Infolivro «mais um passo dado na incessante evolução das relações entre indústria e cultura».

«Com o Infolivro — sublinhou — é a difusão do livro que ganha um novo instrumento cujo efeito é tornar esse mesmo livro mais próximo do leitor».

Um responsável da ITT-Portugal sublinhou a cedência pela sua empresa de um computador para armazenamento de informação e consulta «on line», durante 10 horas consecutivas, nos cinco dias por semana, em que passará a funcionar o Infolivro.

A PERFEIÇÃO NÃO EXISTE

Carlos Porto

O PRÍNCIPE PERFEITO, de António Borges Coelho. Dramaturgia: José Martins, José Peixoto e Mário Barradas. Encenação: José Martins/José Peixoto. Cenografia: Acácio de Carvalho. Figurinos: Manuela Bronze. Música: António Victorino de Almeida. Assistente de Encenação: Waldemar de Sousa. Interpretação: Raquel Maria, Rui Mendes, Luís Alberto; Fernando Candeias, Amadeu Neves, João Carlos Vaz, Rui Resende, Carlos Costa, Cremilda Gil, Luísa Cruz, Rosa Alexandre, F. Pedro Oliveira, Mário Barradas, José Gomes, José Eduardo, João Lagarto, Waldemar de Sousa, Canto e Castro, Rui Peixoto, Inês Pestana, Argentina Rocha, Rosa André, Fernando Gentil, Mendes da Silva, Avelino Neto, Maria do Rosário Carichas e José Martins. Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett. Estreia: Recreios da Amadora/15-12-1988.

Se a dramaturgia portuguesa é dominada por uma corrente historicista, essa corrente, de Almeida Garrett a Natália Correia, é marcada por uma visão romântica da história. Ora, o que distingue o olhar de António Borges Coelho sobre um dado período da nossa história é precisamente a recusa do romântico. Por isso não há heróis na sua peça: desse modo D. João II, modelo de dirigente capaz de recorrer a todos os processos para edificar uma política patriótica de carácter progressista (termos que aqui se utilizam tendo em conta a época decorrente), D. João II surge, de certo modo, desmistificado, ou seja, reduzido à sua dimensão humana. António Borges Coelho inventou uma personagem cuja carga simbólica se contrapõe à carga realista da personagem-chave, o que converte a peça, pelo menos parcialmente numa parábola sobre o poder e sobre como o utilizar.

Essa personagem que se desdobra noutras (Feiteira é parteira, taberneira, e alcoviteira) funciona em vários registos, ora como porta-voz do autor, ora como figura popular, ora como guardiã do saber para quem passado, presente e futuro não têm segredos. É dela o manto vermelho que cobre o corpo do Duque de Viseu que D. João II executa por traição, como é dela o manto negro que sinaliza a morte do príncipe Afonso. É ela, personagem simbólico, que liga os dois mundos, o mundo da corte, o mundo da taberna. Neste, além da Feiteira, uma outra personagem adquire grandeza por servir, também ela, de porta-voz popular, é o camponês.

A peça circula entre estes dois mundos, que se opõem mas que também se encontram por ser essa uma época em que as classes sociais por vezes se cruzavam. O rei enfrenta e parece vencer os inimigos que, no en-

tanto, acabam por fazer flectir a história noutra direcção; entre um e outros situa-se, numa posição ambígua, a rainha que se debate entre os laços que a ligam ao rei e aos conspiradores. Ao lado do rei está Ana de Mendonça, sua amante e mãe de um filho que permanecerá ilegítimo.

Personagens da corte, figuras da igreja, o poder intelectual, os vestígios de outros comportamentos humanos, sociais, históricos (os escravos, os mouros, os judeus, por um lado, Bartolomeu Dias, Cristóvão Colombo, Garcia de Resende, por outro), constituem um micromundo cuja conflituência passa pela morte (dos conspiradores, do príncipe), acaba com a morte (do rei). Rei que inaugura uma nova era e parece ter consciência disso. Os anacronismos da escrita de Borges Coelho são demasiado evidentes para não serem intencionais: a época de D. João II é vista a posteriori, isto é, por

um olhar dos nossos dias capaz por isso de captar o sentido de um destino com as contradições, que o dialectizam. Este texto que é difícil no seu carácter anti-romântico não destituído de alguma ambiguidade, exigiria um trabalho de maturação que não pode ter. Seleccionado o texto num concurso de originais no qual obteve uma menção especial, o CDIAAG preparou a sua apresentação o que conseguiu num período excepcionalmente breve. Excessivamente breve, parece-me. Não que os intérpretes não saibam os papéis, é que não dispuseram do tempo necessário para dar às suas personagens a dimensão que as identificasse tanto sob o ponto de vista histórico como dramático. O texto perde-se, por vezes, por razões que têm a ver com isso (não houve o necessário trabalho com a voz), mas também tem a ver com a má acústica do local, por um lado, e com erros de encenação, por outro.

O espectáculo está a ser apre-

sentado na antiga sala do Cine Plaza que recuperou o seu antigo nome. Recreios da Amadora. Trata-se de um espaço provisório que vai ser submetido a obras porque a companhia ainda não dispõe do seu espaço próprio. O Teatro da Mala-Posta, em construção. O espaço cénico ocupa a sala e o antigo palco, com bancadas de cada lado, necessariamente desconfortáveis. O espaço do rei ocupa o palco, portanto num plano mais elevado do que o espaço da taberna situado no extremo oposto, na entrada da sala. Entre estes dois, um terceiro espaço de representação onde decorrem algumas das principais cenas do espectáculo (baile, conspiração, parto, mortes). O cenário utiliza elementos realistas na definição do espaço da taberna, que é também o espaço do povo, e elementos modernos, nas formas e no material, na definição do espaço real. Não tenho a certeza de que esses e outros anacronismos resultem produtivamente na criação do clima que o texto pedia; o mesmo acontece com os figurinos em que não houve a coragem das opções radicais (veja-se o figurino e o capacete da Feiteira que não exprimem os vários níveis em que a personagem se situa). A música de António Victorino de Almeida é que vai no sentido de exprimir as várias passagens do percurso sinuoso da peça embora me tenha parecido que invade demasiado o tempo de representação.

Onde o espectáculo parece não funcionar é na ausência dum teste de realidade (fatos, materiais, maquilhagem, marcações, comportamento em cena) que exprimisse a historicidade, a carga social do material utiliza-

do das personagens e das situações. Não há verdadeiramente uma passagem do intérprete à personagem a não ser nalgumas cenas (em especial de Raquel Maria na Feiteira, embora o seu trabalho possa vir a melhorar). Embora haja um trabalho marcado por uma certa homogeneidade tanto mais assinalável quanto é certo que se trata de um elenco anormalmente grande em relação ao que é habitual no nosso teatro. O trabalho dos encenadores, José Martins e José Peixoto, foi prejudicado, repito, pelo pouco tempo disponível mas revela percalços pouco admissíveis, numa companhia com a responsabilidade desta, já que a CDIAAG é, pelo seu elenco artístico e técnico, pela sua organização, uma das principais estruturas de criação teatral no nosso país. Refiro-me sobretudo a uma cena fundamental, a da conspiração, em que as falas dos conspiradores são abafadas pela marcação de um baile e respectiva música, que ocupa quase todo o palco. Não ignoro que o princípio dos campos de atenção caiu há muito em desuso, mas neste caso, trata-se de uma cena essencial no percurso histórico das personagens, cena de que teria sido indispensável eliminar efeitos paralelos e excessivamente fortes que impedissem a concentração da atenção dos espectadores. A estreia de «O Príncipe Perfeito», de António Borges Coelho, representa a revelação de um texto de grande importância na dramaturgia portuguesa dos nossos dias (atenção às adequadas citações pessoais). Só o tempo dirá se representa igualmente a revelação de um dramaturgo que não se limitou a escrever uma peça tão interessante como esta.



Associação de Municípios
para a Área Sociocultural

Amadora • Loures • Sobral Monte Agraço • V. Franca de Xira

O Príncipe Perfeito

António Borges Coelho

COM

Raquel Maria • Rui Mendes
Canto e Castro • João Lagarto • José Eduardo
José Gomes • Cremilda Gil • Luís Alberto
Argentina Rocha • Waldemar Sousa • Luísa Cruz
Rosa André • Rui Peixoto • José Martins
Mário Barradas • Amadeu Neves • Augusto Portela
Avelino Neto • Carlos Costa • Fernando Candeias
Fernando Gentil • F. Pedro Oliveira • Inês Pestana
João Carlos Vaz • Mendes da Silva • Rosa Alexandra
Rosário Carichas • Rui Resende

MÚSICA COREOGRAFIA
António Victorino de Almeida Wanda Ribeiro da Silva

CENÁRIOS FIGURINOS
Acácio de Carvalho Manuela Bronze

ENCENAÇÃO

José Martins
José Peixoto

um espectáculo nos RECREIOS DA AMADORA

do R. Santos Matos, 2

(Junto à Estação da C.P.)

Telef.: 493 01 19

de 3.ª a Sábado às 21.30

Domingos às 16 Horas

ATÉ 22 DE JANEIRO

CENTRO DRAMÁTICO
INTERMUNICIPAL
ALMEIDA GARRETT



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 112/88

"CONCESSÃO DO DIREITO À EXPLORAÇÃO DOS BARES
DO TEATRO MUNICIPAL MARIA MATOS"

Faz-se saber que no dia dezasseis de Janeiro de 1989, pelas 10.00 horas, terá lugar na 1.ª Repartição - Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais - Avenida 24 de Julho, 171-C 1300 LISBOA, a Hasta Pública para a concessão acima referida, cujo número de processo é o 5/HP/88-DSTE.

O programa de concurso e as condições serão publicadas no "Diário Municipal" e o Processo encontra-se patente todos os dias úteis na Repartição citada no parágrafo anterior, bem como na Direcção dos Serviços de Finanças - Divisão de Cadastro e Administração, sita na Rua Saraiva de Carvalho, n.º 8 - 1200 LISBOA, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Paços do Concelho de Lisboa, 1988/12/09

O Vereador

Pedro José Del-Negro



câmara
municipal

amadora

QUARTAS-FEIRAS MÚSICAIS

Com o Maestro José Atalaya

4.ª feira - 21 Dezembro - 21.30 h

Nella Maissa - piano

FREITAS BRANCO - prelúdios e sonatina

ARMANDO JOSÉ FERNANDES - scherzino

LOPES GRAÇA - fragmentos de sonatas e danças de expressão popular na música de piano

Local: SOCIEDADE FILARMÓNICA
RECREIOS ARTÍSTICOS DA AMADORA

GIRP

CABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS

Gabinete de Imprensa - 494 29 30 - Ext. 321 - Telex 40 104 CRAMAD P

No Palácio Fronteira

OBRAS DE CUTILEIRO NA COZINHA

Susana Pina

Fotos de Rui Pacheco

Ter 24 peças de Cutileiro na cozinha, misturadas com tachos e panelas, não parece ser abonatório para a prestigiada arte deste escultor. Mas se a cozinha pertencer a um palácio do século XVII e as caçarolas forem de latão e de cobre já é diferente e o caso muda de figura. É o que acontece. Numa antiga cozinha do Palácio Fronteira estão, em exposição permanente e aberta ao público, várias obras de João Cutileiro adquiridas ao longo de 23 anos pelo coleccionador dr. Fernando Mascarenhas, proprietário do Palácio e amigo do escultor.

«A Sala João Cutileiro» foi o tema da visita guiada, que se realizou no passado domingo, no Palácio Fronteira. Este encontro, conduzido por João Cutileiro, insere-se numa série de visitas temáticas que a comissão instaladora da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna tem vindo a efectuar naquelas instalações.

Ao contrário do que se esperava, a partir das experiências anteriores, a afluência do público foi muito reduzido. «A proximidade da quadra natalícia» foi uma das explicações evocadas pelos membros da comissão.

Assim, com poucos visitantes e alguns amigos da casa, a visita perdeu o carácter expositivo, habitual nessas situações, e adquiriu o tom duma conversa informal à volta do fogão, situado no centro da sala.

EM) Há muitos anos, esse fogão teria servido, como qualquer outro fogão, para cozinhar. Hoje serve de pedestal a duas magníficas esculturas de João Cutileiro, ambas em mármore rosa e figurativas do nu feminino. A «mulher nua, na posição vertical» tem sido, segundo Cutileiro, um tema recorrente na sua obra, atravessado pelos diversos materiais que tem trabalhado, ao longo da sua carreira escultórica.

Os materiais que utiliza foi, aliás, um dos temas mais abordados neste encontro. Na exposição podem-se observar peças representativas das várias fases. João Cutileiro, indicando uma delas, comenta: «Esta peça foi feita num período em que utilizava cimento preto para encher as formas, feitas em gesso, mas abandonei o material porque começava a dar problemas. O cimento preto, antes de ser misturado, apodrecia facilmente porque não podia ser submetido a temperaturas superiores a 35 graus. Depois, comecei a utilizar o ferro e o bronze, mas esses materiais deixavam-me insatisfeitos porque acabavam por oxidar e enferrujar. Davam-me a sensação de envelhecimento muito rápido. Quando andava a tactear à procura dum novo material, surgiu a hipótese de trabalhar a pedra com o aparecimento de maquinaria apropriada.»

Neste ponto da conversa, alguém graceja: «E eu que pensava que a escolha dos materiais era determinada por motivações transcendentais...»

Dominar a acção do tempo sobre as obras de arte tem sido

te da acção do tempo, mas só daqui a 50 anos é que se vêem os resultados.»

Ao abrigo do tempo, pelo menos dos seus efeitos imediatos, estarão as esculturas de João Cutileiro, naquela cozinha do séc. XVII. Ao abrigo do tempo, mas não do olhar de quem as quiser visitar.

O Palácio

Com problemas de tempo, anda também o Palácio Fronteira, onde tem lugar a exposição. Para resolvê-los, estão já em curso obras de restauro. «Garantir a conservação do monumento, dinamizar acções culturais, manter a vida no Palácio, são os objectivos daqueles que pretendem instituir a Fundação das Casas de Marquesa e Alorna (para a qual aguardam ainda o devido reconhecimento institucional).

E preciso que o tempo não actue no Palácio Fronteira, para que os seus painéis de azulejos, a sua pureza renascentista, a sua simetria perfeita, as suas galeias e os seus jardins continuem a fazer lembrar — como alguém bem disse — um belo filme de Visconti.



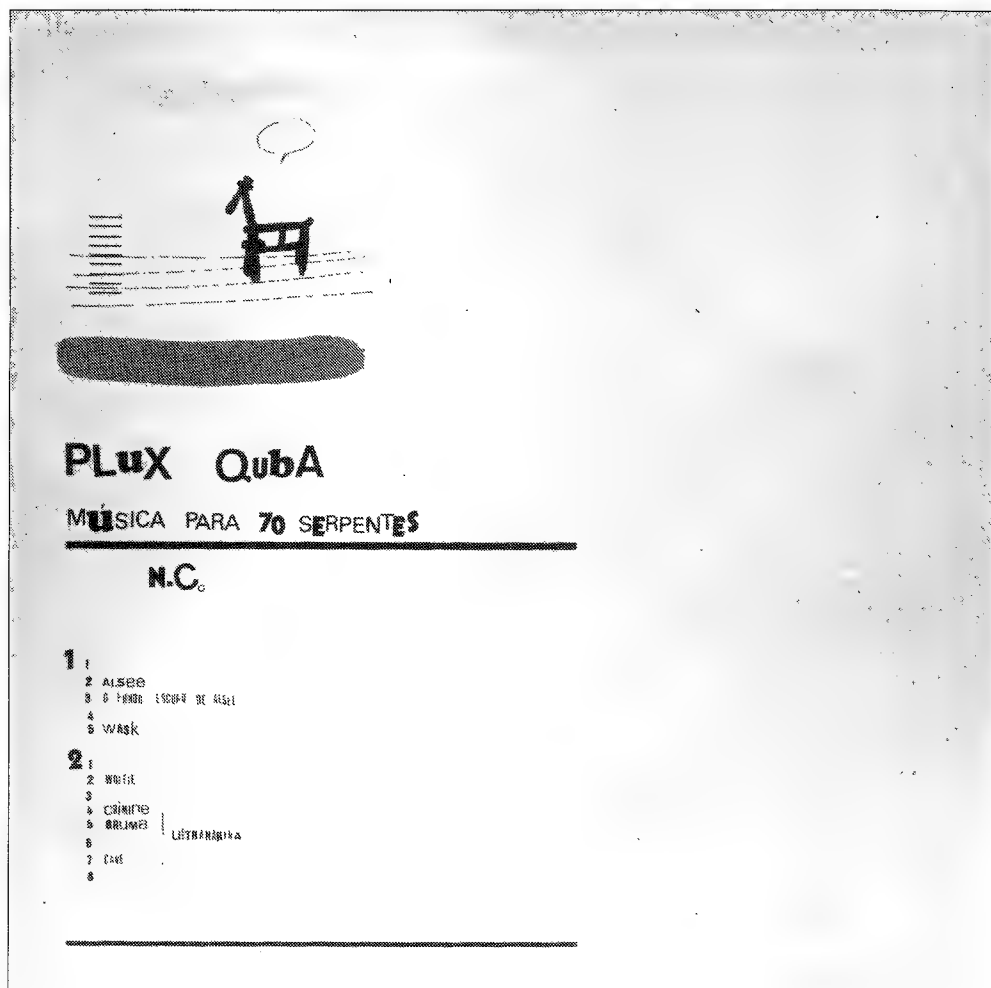
Im aspecto da fachada do Palácio Fronteira, onde decorrem obras de restauro com vista à preservação do importante património. Ao lado e em cima, duas das esculturas de Cutileiro agora em exposição e que pertencem à colecção particular de Fernando Mascarenhas

Novidades

ARTESANATO ELECTRÓNICO, POIS ENTÃO

A música electrónica de criação portuguesa é uma raridade. É o que se sabe: o nosso país não dispõe de estúdios electro-acústicos e os instrumentos e material indispensáveis para esta prática são excessivamente dispendiosos. A coisa tem estado feia, portanto. Se na área da erudição algumas experiências foram feitas com «chips» e programações, tendo um Jorge Peixinho ou um Filipe Pires sido os pioneiros do atrevimento, noutros espaços estilísticos tudo ficaria reduzido a zero, não fossem as contribuições de uns Telectu ou de um Luís Cília. Até que dois jovens recém-chegados do rock acharam por bem apresentar-se a concurso num «desfile» dedicado à música moderna portuguesa e que se propunha encontrar «novos valores». Foi em Novembro do ano passado e encontraram: Tozé Ferreira e Nuno Canavarro ganharam os dois primeiros prémios e tiveram os seus discos de estreia agora publicados pela Ama Romanta. «Plux Quba - Música para 70 Serpentes» é a mais feliz das duas novidades, pelo carácter contemplativo e aéreo que Canavarro emprestou ao trabalho. «Música de Baixa Fidelidade», de Tozé Ferreira, é o oposto: pesado, meticuloso, recorrendo ao ruído e aos sons parasitas, o silêncio é uma sua predominante.

Em termos de concepção o disco de Nuno Canavarro (foi teclista dos Street Ki-



ds, lembram-se?) é bastante mais simples. O referente fundamental da sua música reside em África, e decerto uma África mítica, tomada no seu essencial. Por vezes julgamos ouvir um kora, noutro ponto a sustentação rítmica é dada pela percussão de tambores e mais adiante assistimos ainda à utilização por meios electrónicos de um «sampling» com cânticos africanos. Com uma grande sensibilidade harmónica, Canavarro parece inscrever-se no grupo dos criadores de música que reconcilia a electrónica

com a humaníssima condição da arte que executa, o que já não vai sendo muito comum. De resto, o que encontramos nestes temas? Uma imensa debilidade, que torna «Plux Quba» num objecto introspectivo e quase ambientalista, em que até os sons domésticos (a voz de uma criança, os ruídos do quotidiano) são incluídos na matéria musical.

Sobre o LP de Tozé Ferreira poderemos dizer, como Pessoa a propósito da Coca-Cola, que «primeiro estranha-se, depois entra-na-se». As palavras e as vozes desempenham aqui um papel fundamental, em íntima relação com os préstimos da instrumentação electrónica coordenada por computador e das bandas magnéticas: esta é uma obra de música no sentido em que se pode falar de «organização sonora» (a propósito: o autor dos textos que ouvimos em «More Adult Music» ou «This is Music, as it Was Expected», e quem os lê, é o americano Rodney Waschka II). Trata-se de algo indubitavelmente mais «erudito» que o disco de Canavarro,

mesmo que as alusões ao serialismo e à música concreta em «Música de Baixa Fidelidade» sejam parodiizações, afinal. Carregado de particularismos minimalistas e intervalos silenciosos a sua audição chegaria a ser difícil se não ficassemos tão presos à trama exposta. A intensidade desta música é uma constante, e no entanto toda ela decorre num registo próximo quase da surdez.

Ambos os discos foram gravados «em casa», com aparelhagens pouco sofisticadas, e são prova de que pode haver uma música electrónica «pobre», sem grandes aparatos de produção. Percorre-os uma impressão de nudez, tipo «é assim que queremos isto», e cativante por isso mesmo. São mais dois exemplos das músicas alternativas possíveis em Portugal, desobedecendo nas suas próprias consistências a quaisquer implicações «industriais» na produção de cultura. Isto é artesanato, e ainda bem. A Ama Romanta nunca poderia estar presente na Feira das Indústrias da Cultura...

R.E.P.

Editoras discográficas independentes

AMA ROMANTA TEM FIM À VISTA, MAS...

Rui Eduardo Paes

A notícia é fresca: a editora discográfica independente mais rebelde e politizada em solo português, a Ama Romanta, está prestes a fechar as suas portas. «Não conseguimos liberdade de manobra, os impostos pesam demasiado e amontoam-se as complicações, as dívidas, os problemas. Temos sido o mais corajosos possível mas o sistema é mais forte: seria inevitável que isto acabasse» - é João Peste, o principal animador da pequena companhia, quem o afirma, e sem tristeza porque nunca alimentou ilusões. De qualquer modo, Peste, vocalista do grupo Pop Dell'Arte, teve o empenho suficiente para andar com caixotes às costas, fazer publicidade, desempenhar o papel de Relações Públicas, gerir e endividar-se a ele mesmo: «Já deu para tudo. Tenho sido um bocado como os personagens do Monty Phytton, estou em todas», desabafa. E no entanto, nunca a Ama Romanta teve tanta projecção como agora: acabaram de sair dois novos títulos com o seu carimbo, e quatro estão prometidos para muito breve. Pela primeira vez ainda, a editora lançará um livro. Tudo indicaria que se prepara um novo impulso, mas o futuro fica envolto em mistério...

Há meio ano foi «Breaker» do trompetista Sei Miguel, há um par de meses «Mimesis» do duo Telectu, agora surgiu o «Música de Baixa Fidelidade» de Tozé Ferreira e «Plux Quba - Música para 70 Serpentes» de Nuno Canavarro, ambos na área da electrónica: 1988 foi um ano de mudanças para a Ama Romanta, que depois de se dedicar em exclusivo às áreas do rock abriu o leque dos seus cri-térios e interessou-se por outras

matérias, mais elaboradas certamente, mas não menos «malditas» face aos modelos instituídos pelas multinacionais - o jazz de ponta, a improvisação livre, a música para computadores e sintetizadores, as explorações instrumentais. Proximamente será a vez da guitarra portuguesa de Joaquim Ferreira em «Transparências» e de um renovado Sei Miguel já com os seus Santos da Casa FM. Muita água correu debaixo





Os independentes são os «novos antifascistas». Na foto, o grupo Membranes...

da ponte Ama Romanta, desde que em Maio de 86, quando os jovens franceses lutavam nas ruas contra os destacamentos da Polícia, João Peste avançou com um projecto que teve peso e do qual ainda hoje se fala: a publicação do duplo álbum «Divergências», reunindo o que sob o rótulo de «música moderna portuguesa» acontecia então entre nós. Só alguns destes grupos e nomes perduraram até aos dias de hoje: Bastardos do Cardeal, Mier Ife Dada, Jovem Guarda, Pop Dell'Arte, Os Cães, A Morte e O Desejo, Magudesi, Anamar, SPQR, Croix Sainte, Extrema-Unção, Grito Final, Bye Bye Lolita Girl, Essa Entente, Linha Geral, Nuno Rebelo.

Depois foram o maxi «Querelle» e o «long-playing» «Free Pop» dos Pop Dell'Arte, seguindo uma fórmula de satirização das ambiências «kitsch» e «populares» e assim minando a própria caracteriologia pop: a Ama Romanta, confessa agora João Peste Guerreiro, também foi criada para editar o grupo musical de que é a voz e a imagem (segue-se outro maxi-single, «Illogik Plastik»).

Gravaram para a etiqueta os

Mão Morta de Adolfo Luxúria Canibal, banda que começou com o punk para hoje se localizar no espaço da «no-wave», os Linha Geral, habitualmente classificados como os «neo-realistas» do pop/rock, a Anamar e os Mier Ife Dada dos primeiros tempos e ainda os entusiastas do «punkabilly» que são os Cães Vadios. Cada um à sua maneira, estes músicos «alternativos» contribuíram para dar corpo a esse «outro tipo de antifascismo» que para João Peste é motivação e propósito: «A Ama Romanta partiu da noção de que por baixo desta aparência de democracia política existe um totalitarismo cultural caracterizado pela massificação de tendências unilaterais, dada a acção dos 'mass media' e dos organismos multinacionais de difusão da cultura», defende o número um da editora.

«Achámos que a nossa própria condição de independentes podia ser uma militância contra esta ditadura intelectual fascista criada exactamente pelos mesmos que derrubaram o fascismo, como Pasolini lembrou», continua João Peste a justificar-se. A finalidade procurada foi «suscitar a reflexão das pes-

soas», não pela redundância das mensagens, o que seria já um «modo» de massificação cultural, mas pela atitude em si.

Peste acredita que os fenómenos empresariais independentes poderão fomentar mudanças interessantes, sempre que possam subsistir: é esse o espírito que emprestou à colectânea «Divergências» com a entrevista ao sociólogo Paquete de Oliveira, sobre, precisamente, as possibilidades existentes de se «furar» o totalitarismo reinante. Não se sente, pois, pessimista: «Não estou com uma perspectiva negra das coisas, repara. Este fascismo 'subtil' tem algumas saídas. Como a repressão já não é directa, os opositores podem utilizar certos meios. A Ama Romanta acabará 'oficialmente'. Depois disso veremos.»

A Ama Romanta valeu sobretudo (e vale, por enquanto) por ter sabido assentar arraiais numa realidade totalmente nova a nível das jovens músicas portuguesas. Esteve lá, onde as coisas se passavam, desde os primeiros minutos, e foi fundamental para dar força ao «fazer» português. O que não era nosso escolheu a dedo: «Bel

Canto» do francês de Montpellier Pascal Comelade foi reconvertido para o mercado «underground» nacional devido à abordagem muito específica que faz da matéria musical, interpretando-a como algo de elementar e absurdamente simples, quase infantil. Em vias de publicação está «Kiss Ass... God Head» dos britânicos Membranes, um grupo «noise» do pop/rock que significa com as simbologias hipermasculinas a que recorre uma posição provocativa e desafiadora que os distingue entre os alternativos.

João Peste está optimista, portanto. Mas está pessimista quanto à actual cena da música moderna portuguesa: «Não tem aparecido nada. O que há por aí foi o que se revelou em 1986. Os últimos concursos do Rock Rendez-Vous não resultaram em nada, temos crise séria no circuito 'underground'». É tempo, assim, para outras músicas, e para a escrita: em Janeiro a Ama Romanta publica um livro, «escrito a várias cores», de Jorge Ferraz Martins (ex-Ezra Pound e A Loucura, ex-Bye Bye Lolita Girl), uma espécie de «western filosófico». Até lá a gente vê-se...

Depoimento de João Peste

A máxima é: "Act local, think global"

Crepuscle... Children of the Revolution... Madrigal... Materiali Sonori... Electro-Institut... Bruits Essentiels... Discorde... Ama Romanta... 3-AP... Grand Mal... Subway... 4 AD... Koka... Illusion... Some Bizarre... Red Rhino... Mute Records... Fundadores... Double Vision... Disques du Soleil et de L'Acier... Baratos e Afins... Shirak Records... Staal Plat... Permis de Construire..., etc, etc.

Uma lista de nomes que não é mais do que uma pequena amostra da infinidade de editoras discográficas independentes que actuam hoje em países como a França, Espanha, RFA, Brasil, Portugal, Bélgica, Itália e outros. As editoras independentes — cujo início podemos associar ao advento do movimento punk na Grã-Bretanha em 1976 — são uma realidade crescente de dia para dia e não é possível continuar a ignorá-las.

Em Portugal, no entanto, o fenómeno independente é desconhecido pela maioria dos que ouvem música, enquanto que os críticos continuam a pensar que o jornalismo musical é escrever uma dúzia de artigos sobre os discos lançados pelas multinacionais nos últimos três meses.

O som dos grupos e dos músicos independentes está personificado e é importante conhecê-los, mas deles não se fala: Sonic Youth, Pascal Comelade, Error Genetico, Laibach, Sprung Aus Den Wolken, DDAA, Fura Dels Baus, Vivenza, N.O.N., Mauricio Bianchi, CCCP, Burbanize Qualk, Mão Morta, Pacific 231, Cólera, Stabat Stable, Swans, Foetus, Le Syndicat, Camisa de Vénus, Lydia Lunch, Diseño Corbusier, Aus Weis, Non Toxique Lost, Avant Dernière Pensées, Spirocheta Pergoli, etc., etc.

A história da cultura ocidental do pós-guerra tem sido a história da repressão camuflada das minorias, a história da contenção subtil das ideias novas e de uma falsa permissividade que tem servido cinicamente para reproduzir e perpetuar a realidade actual. Pasolini chegou mesmo a afirmar, certa vez: «O que Hitler fez brutalmente, matando, destruindo os corpos, a sociedade de consumo fê-lo no plano cultural; na realidade é a mesma coisa».

A democracia consegue criar a ilusão de que a repressão é inexistente, e sendo assim, no plano cultural foi fácil acreditar-se que todos produzem e consomem os objectos culturais que bem lhes apetece. Não há com certeza forma mais eficaz de imposição do que esta: a cultura de massas não tem sido mais do que uma arma do poder para subjugar as populações tornando-as acríticas e obrigando-as a «pensar livremente» de acordo com as regras, a ideologia e os valores dominantes.

Assim, se as últimas décadas da civilização ocidental têm sido marcadas por um reforço cada vez mais acentuado das ditaduras culturais, esperemos que os próximos anos se distingam pela resistência a esta situação. Como diz Paquete de Oliveira: «Se as ditaduras culturais são uma ameaça é sempre possível realizar a sua derrota.»

É neste plano que devemos enquadrar e procurar entender o advento das produções culturais independentes, que procuram a libertação em nome da diversidade crescendo pelas fendas abertas no sistema musical instituído. É na «terra de ninguém» surgida entre a liberdade e a repressão reais que se têm vindo a instalar as editoras independentes de discos e de livros, os grupos de teatro autónomos, as rádios livres, as auto-produções de vídeo e de cinema, os fanzines feitos em casa ou as anónimas pinturas de rua.

Convém não obstante ter em conta que se a produção cultural independente não significa para já o advento de uma nova cultura, implica já, pelo menos, o surgimento de uma nova atitude dos produtores culturais que poderá apontar os caminhos possíveis para uma outra consciência.

Será necessário que a cultura independente se intensifique — até porque a indústria de satélites favorecerá um reforço do poder e dará às ditaduras culturais uma dimensão e eficácia outrora impensáveis. Neste momento, devemos ter a noção de que a nossa actuação não é só colectiva e o «inimigo» não é apenas o sistema no seu todo. Cada um de nós pode fazer muito e é de facto necessário que o façamos. Como dizia uma famosa estilista britânica, é preciso pensar em termos globais, mas há que actuar localmente («act local, think global»).

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

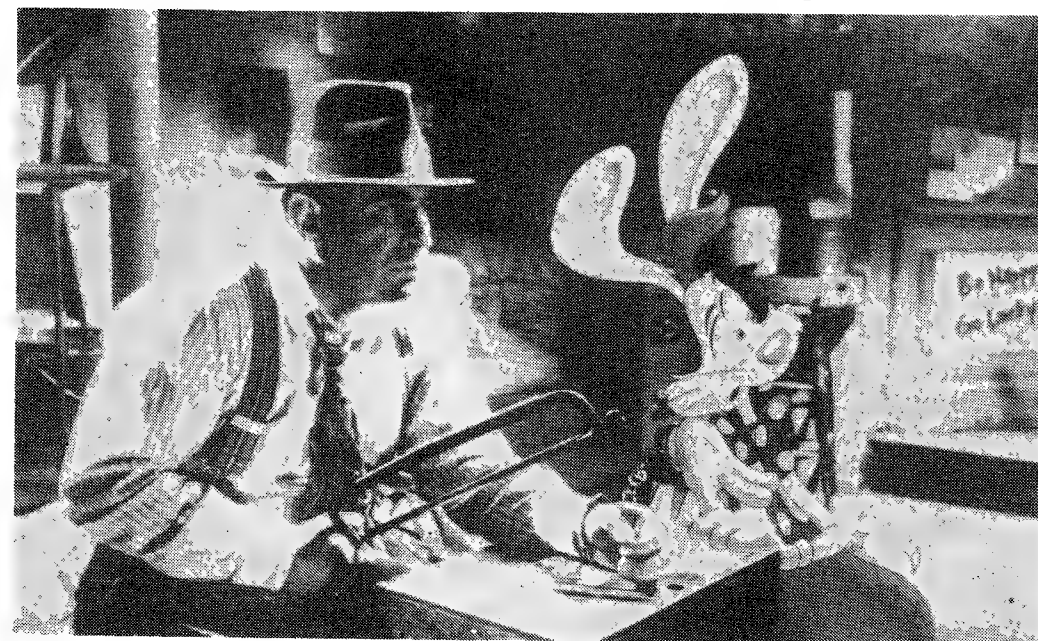
Alfa Club

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Pub.

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?

É a história de um homem, uma mulher, e um coelho num triângulo de sarilhos.



TERMINAL — TIVOLI — AMOREIRAS — NIMAS — 7.ª ARTE — ALFAS

Amoreiras

Amoreiras 1

WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 2

O PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

FUGA À MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 8

FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 9

ENTRE O INFERNO E O CÉU
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 10

JANELA DE QUARTO DE CAMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Apolo 70

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776060

WILLOW, NA TERRA DA MANIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitório

— T. 372358

INVESTIGAÇÕES SEXUAIS
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Cinebolso

MODELOS INSACIAVEIS
Estreia (maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

ORGIA DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

A CIDADE DO CRIME
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

SALSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

FOGO CONTRA FOGO
24.00 h

Cinematheca Portuguesa

YOKIHI
18.30 h
SANMA DO AJII
21.30 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

TEMPO DE AMAR, TEMPO DE MATAR
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.30 h

Estúdio Sheza

BOM DIA VIETNAM
(maiores 16 anos)
15.00, 17.15 e 21.15 h

City Cine

— T. 549999

UM GENTLEMAN EM NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A ÚLTIMA TENTATIVA DE CRISTO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

INFERNO VERMELHO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

TEMPO DE AMAR, TEMPO DE MATAR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 1

TEMPO DE AMAR, TEMPO DE MATAR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

A ARTE DO CRIME
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)

Gemini

— T. 734009

O PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

CORPOS ESCALDANTES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

JANELA DE QUARTO DE CAMA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex

SALSA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30, e 21.45 h

Sala 2

ARMADILHA FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

BARFLY - AMOR MARGINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas

— T. 631162

A MULHER DO PRÓXIMO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A MULHER DO PRÓXIMO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 h

Odeon

— T. 326283

A PRAIA DAS MALUCAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

AS NINFOMANIACAS
Pornográfico
A partir das 14 horas
sessões contínuas
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Pathe

— T. 821933

NAS TELAS DA MAFIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

JANELA DE QUARTO DE CAMA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

A MULHER DO CHEFE DA ESTAÇÃO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O CLANDESTINO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

MILHO VERMELHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

A FRONTEIRA DO PERIGO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h

BIRD - O FIM DO SONHO
(maiores 18 anos)
21.30 h

LUA DE MEL COM FANTASMAS
00.45 h

Sala 4

A LEI DO DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

DEBAIXO DE OLHO
(maiores 12 anos)
23.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

FUGA À MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star

— T. 804210

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

OS MASTERS DO UNIVERSO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

ARMADILHA FATAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia - «Quem Tramou Roger Rabbit», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

ALGUEIRÃO - Cine Teatro Chaby - «Tucker, o Homem e o seu Sonho», às 21.30 h (maiores 16 anos).

CACÉM - Cinestúdio Flores - Encerrado para descanso do pessoal

MEM MARTINS - Estúdio Dois Eme «Tucker, o Homem e o seu Sonho», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino Estoril - Encerrado para obras.

ALGÉS - Cinema 2000 - «Los Angeles a Ferro e Fogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS - Alto da Barra - Sala 1 - «Vertigem Azul», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Sala 2 - «Frenético», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

NOVA OEIRAS - Cine Palmeiras - Sala 1 - «Ruas da Glória», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CARCAVELOS - Atlântida Cine - «Big», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

CASCAIS - Miramar - Sala 1 - «Assalto ao Arranha-Céus», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).

JOÃO PAULO NA GALERIA DE SANTA JUSTA

Até ao próximo dia 19 de Janeiro, a Galeria de Santa Justa (no nº 93-2º da rua com mesmo nome), encontra-se patente uma exposição de pintura de João Paulo, que pode ser vista de segunda a sábado entre as 15 e as 20 horas.

Este pintor nasceu em Arganil e possui os cursos da Escola António Arroio e de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Em 1961 funda, com João Ayres, Maluda, Garizo do Carmo, entre outros, o Grupo de

Independentes, em Moçambique.

Bolseiro da Gulbenkian em 1965 - Pintura - em em 1971 - Cerâmica, com estágio na Fábrica Viuva Lamego, com Querubim Lapa. Colaborou na criação do Centro de Estudos Culturais e no Museu Nacional de Arte Popular de Moçambique. Participou na organização da 1ª e 2ª exposições de Arte Popular, integradas nos festejos da independência de Moçambique. Em 1979 colabora na parte plástica e cenários da peça "Leonor Rainha Maravilhosa-

mente", da Companhia Nacional 1.

Diversas vezes premiado em Lourenço Marques, Luanda e Estoril, João Paulo participou, desde 1957, em inúmeras exposições individuais e colectivas. Está representado na colecção da Fundação Calouste Gulbenkian, Museu de Durban, Museu de Castelo Branco, Banco de Fomento Nacional e BNU, Caixa Geral de Depósitos, Museu Municipal de Mirandela e em diversas colecções em Portugal, Brasil, Estados Unidos, Moçambique, etc.



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 28 de Fevereiro de 89, Tapeçarias de Vieira da Silva.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 30 de Dezembro, uma exposição de Maria José Oliveira de "Ourivesaria Têxtil" intitulada "Pano para Mangas". E ainda as exposições: "Tapeçarias de Vieira da Silva" até 28 de fevereiro de 89; exposição evocativa do marçhês de Angeja, "Tapeçaria de Cidália de Brito, "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", traje de 1888 a 1935, até 31 de Dezembro de 1989; "Traje de Ópera - Guarda Roupas de Tomás Alcaide" até 30 de Dezembro de 1988.

BIBLIOTECA NACIONAL: até meados de Fevereiro, a exposição "Fernando Pessoa no seu Tempo", com o lançamento das obras "Fotobibliografia de Fernando Pessoa" e o número especial da "Revista da Biblioteca Nacional" dedicado a Pessoa.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: exposição evocativa de Fernando Pessoa "O Ganges passa também pela Rua dos Douradores".

FUNDAÇÃO GULBENKIAN: a exposição do pintor e diplomata brasileiro Sérgio Telles: óleos, desenhos e litografias.

GALERIA ATELIER E.C. (Várzea de Colares): até 1 de Janeiro, às quartas das 16 às 19 e às sextas, sábados e domingos das 12 às 20, pintura de Zélia Roque.

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 12 às 23, "Made In - Objectos 88", de Cristina Ataíde.

RATTON Cerâmicas (R. Academia das Ciências, 2-C): em homenagem à pintora Sarah

Affonso, em exposição um conjunto das suas obras, pertencentes a colecções particulares e os primeiros exemplares do livro "Sara Affonso de Maria José Almada Negreiros" editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

"Signos do Zodíaco", azulejos de Sarah Affonso, colecção limitada a 1000 exemplares.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pº do Príncipe Real, 32): até 14 de Janeiro, de segunda a sábado das 14 às 20 horas, pintura de Telles da Silva.

AAPACO (Associação de Artistas Plásticos e Artesãos de Campo de Ourique - R. Freitas Gazu, 24-D): o ex-Atelier 15 apresenta uma exposição de 30 serigrafias produzidas nos últimos três anos nas suas oficinas, da autoria de Américo Silva, Maria Irene, Vasco Folha, Maria Soares, Luís Cruz e Teresa Folha. De segunda a sexta às 18 às 21, sábados das 15 às 19.

GALERIA ÍCARO (R. Presidente Arriaga, 70): a exposição "Ícaro", de Artur Bual. De segunda a sábado das 14 às 19,30.

OCTÓGONO (Av. Visconde Valmor, 2): até 29 de Dezembro, de segunda a sexta das 15 às 19,30, a exposição de pintura "Geração de 70" de Miguel Telles da gama.

GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): "10 Aspectos do Desenho Contemporâneo Canadiano"

GALERIA DE ARTE DOS CIT (Forum Picoas): até 2 de Janeiro, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 14,30 às 19, Desenhos de Sara Portela e brinquedos da primeira metade do séc. XX.

GALERIA ARCADA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, todos os dias das 11 às 13 e das 14 às 19, a exposição "Colectivo Ilustre" - Ilustração/Desenho/BD.

ESPAÇO FAUL DO PS (R.

S. Pedro de Alcântara, 81): uma exposição de "artesanato de qualidade" que inclui uma individual do ceramista Américo Rodrigues.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 19 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de João Paulo.

GULBENKIAN (Jardim dos Congressos): Escultura em pedra e madeira de Maria Manuela Madureira intitulada "Comunicações Espaciais".

GULBENKIAN (Galeria das Exposições Temporárias): "Imagens Tácteis" de Fernando Curado Matos.

GALERIA PALMA (Cº Palma de Baixo, 6): até 31 de Dezembro, pintura de Armando Anjos, patente de segunda a sábado das 14 às 20.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Janeiro, patente a exposição "Fácies", de Ricardo Paula.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril, a exposição de tapeçarias e cerâmica de Cândida do Rosário.

GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15): até dia 30 de Dezembro, a colectiva de pintura e escultura com trabalhos de Bual, Espiga Pinto, Francisco Simões, Rui de Azevedo e Rui Matos.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 2 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, guaches de Fernando Ançã.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23 a): até 10 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, exposição colectiva - Ludo, pintura e escultura.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 31 de Dezembro, pintura de António Galvão sobre o tema "Modas e Cantes Alentejanos de Amore e Animo". Patente das 17 às 23.

GALERIA DE S. MA-MEDE (R. da Escola Politécnica, 167): Pintura de Justino Alves.

GALERIA DO GILDE (S.

Torcatto-Guimarães): guaches e tinta da China de Sónia Delaunay.

CLUBE DE CAMPISMO E CARAVANISMO DE ALCOBACA: a exposição "Actos em Cenários" de Paulo Afonso, patente até 23 de Dezembro.

GALERIA ARTDOMUS (Escadinhas dos Aliados, 4-S. Pedro de Sintra): até 28 de Dezembro, uma colectiva de pintura e cerâmica.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL (Av. Luisa Todi, 162-Setúbal): até 31 de Dezembro, a exposição "Tempo Esquecido", fotografia e lápis de Eduardo Carqueijeiro.

GALERIA PEDRO GUIMARÃES (R. Guerra Junqueiro, 495-Porto): até 23 de dezembro, pintura de Regina Chulam

GALERIA ROCA (Marinha Grande): até 30 de Dezembro, colectiva de pintura e cerâmica do 3º aniversário.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/cª Feira da Ladra): até 9 de Janeiro, pintura de Lança Semedo, de segunda a sábado das 15 às 20.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2B): até 7 de Janeiro, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição "Figuras" com trabalhos de Ana Jota, Areal, Arpar Szenes, Gaetan, Miguel Branco e Xana.

LIBRIS (Largo Trindade Coelho, 4): até 29 de Dezembro, pintura de Pedro Freitas.

FIL: até 22 de Dezembro, integrada na Feira das Indústrias da Cultura, uma colectiva de fotografia promovida pela Associação Portuguesa de Arte Fotográfica.

SNBA (R. Barata salgueiro, 36): a exposição "Revelações em Papel: Desenhos da América", que inclui 35 desenhos da autoria de 20 artistas norte-americanos vivos.

FIL: até 19 de Novembro, a II Exposição/Venda integrada no

programa de incentivos ao emprego/conservação do Património Cultural

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 30 de Dezembro, "O Carro Eléctrico - Personagem de Lisboa", fotografias de Jean-Claude Remy.

GALERIA ARCADA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, exposição de Nova Joalharia.

COOPERATIVA ALVES REDOL (Vila Franca de Xira): até 18 de Dezembro, uma colectiva de escultura, gravura e pintura.

GALERIA DE CON-STANÇA: Exposição Outono 88-Inverno 89, com obras de Bual, Isabelino, M. Adelaide Lima Cruz, Mário Cesariny, Paulo Ossião, Relógio e Rico Sequeira.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 31 de Dezembro, pintura e azulejo de José Arôcha.

BOHEMIA (Cº Marçhês de Abrantes, 38-A): até 31 de Dezembro, pintura de Fernando Silva.

QUADRADO AZUL (R. de Costa Cabral, 777): pintura de Matilde Marçal.

GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): até 30 de Dezembro, colectiva de desenho, pintura, escultura e gravura de Luís Ralha, João Vaz de Carvalho, Alípio Pinto e Ilda Reis.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): exposição do 4º aniversário da galeria, "Pintura Anos 60/70/80", de Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Sena, Joaquim Bravo e Jorge Martins.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição iconográfica "Fernando Pessoa - O Impossível - Possível Retrato" com trabalhos de Almada Negreiros, Júlio Pomar, Costa Pinheiro, Mário Botas, Artur Bual, Pedro Chorão, José João Brito, Rico Sequeira, Miguel Yeco, Laura Cesana e Alfredo Margarido.

GALERIA DE ARTE DO

CASINO ESTORIL: até 2 de Janeiro, o IX Salão de Outono.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 8 de Janeiro, desenhos de Pedro Proença. de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

GALERIA 12 A (Costa do castelo, 12-A): até 23 de Dezembro, a exposição de Sofia Pinto Coelho "Bastidores de um Filme em Lisboa de Samuel Fuller".

GALERIA ROMA E PAVIA

(R. D. Manuel II, 346-B-Porto): até 3 de Janeiro, de segunda a sábado das 14,30 às 20, a exposição "Uma Geometria do Desejo" de Fernando Marques de Oliveira.

GALERIA ALGARVE (Pátio da Aldeia, Areias de S. João-Albufeira): pintura de José Paulo Ferro.

GALERIA S. BENTO (R. do Machadinho, 1-a-o Quêlas): até 3 de Janeiro, pintura de Manuel Gantes., de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20.

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA (R. de S. José, 41): até 31 de Dezembro, "Três Mulheres" apresentam trabalhos de artesanato: M. Jesus, Jô e Ana.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 30 de Dezembro, a exposição de moderna joalharia, da autoria de Alberto Gordilho.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): "A Arte do Sagrado", colecção de João Marino.

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): Acontecimentos III, a exposição de fotografia "A Obscuridade e as luzes da noite em Lisboa" de Bernard Plossu e Keiichi Tahara.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria 13-Sintra): até 13 de Janeiro, uma colectiva de pintura.



Farmácias

MÉDICO

DE **URGÊNCIA**

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa —
PERMANENTE — AJUDA: Lúcia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALA-DE:** Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS:** Valle, Av. Marques de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA — IGREJA:** Marques, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE:** Pátia, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **CHILE — ALTO DE SÃO JOÃO:** Vitalis, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ — DESTERRO:** Silmar, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **INFANTE SANTO — PAMPULHA:** Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); **LUMIAR:** Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **PALÁCIO DE SÃO BENTO:** Micael, R. de São Bento, 280-382 (T. 662162); **PENHA DE FRANÇA:** Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO — POÇO DO BISPO:** Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO L — BRANDÃO — AMAJORA:** Vidal Reis, Urbanização Alformelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS:** Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFERÇO — BAIRRO AMARCO: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BAIXA:** Durão, R. Garrett, 90 (T. 324166); **CAMPUS DE OURIQUE:** Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **ESTEFÂNIA:** Morgado Lourenço, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA:** Martins, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI:** Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARQUES DE POMBAL — PICOAS:** Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (T. 547385); **OLIVAIS NORTE:** Central dos Olivais, R. Alferes Barrilero Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVA:** Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO:** Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **BURACA — AMADORA:** Gaspar Pote, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); **OLIVAS BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, 1, das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda —
ALMADA: Central, R. de Oliveira, 11-B (T. 2750504); **PERMANENTE:** COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182); **PERMANENTE:** MONTE DE CAPARICA: Guerreiro, lote 31-I-J, Moimão (T. 2950727); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** COSTA DE CAPARICA: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403268); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** LARANJEIRO: Moderna, R. de António Elvas, 8-A (T. 2403268); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** SEIXAL: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233471); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** BARREIRO: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443); **PERMANENTE:** BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** CORREIOIS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** AMORA: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 314 (T. 2212923); **PERMANENTE:** SEIXAL: Soro-

menho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** MONTIJO: Borges Cruz, R. de Angola, 19, Afonsoeiro (T. 2301835); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** SETÚBAL: Bocageana, R. do Romeu (T. 23435); **PERMANENTE:** Oliveira Rodrigues, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567); **PERMANENTE:** Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491); **ATÉ ÀS 22 HORAS:**

Linha de Cascais —
ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953); **PERMANENTE:** LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235); **PERMANENTE:** TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** ALCABIDECHÊ: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** PORTO SALVO: Ferrela Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** PAÇO DE ARCOS: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** OIRAS: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058); **PERMANENTE:** CARCAVELOS: Villar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); **PERMANENTE:** SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** PAREDE: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785); **PERMANENTE:** SASSOIEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** BIRRE: Imanil, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** AMOREIRA: Abrantes, Vienda Maria Carlos Anjos (T. 2682313); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** ESTORIL: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** CASCAIS: Misi-ricórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141); **PERMANENTE:**

Linha de Sintra —
AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518); **PERMANENTE:** Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** QUELUZ: Vasconcelos, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649); **PERMANENTE:** Alber-garia, Queluz de Baixo, Até às 22 horas; **CAMARATE:** Ba-talha, R. Avefino S. Oliveira, 5 (T. 2571069); **ATÉ ÀS 19 HORAS:** CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693); **PERMANENTE:** MEM MARTINS: Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820); **PERMANENTE:** MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** SINTRA: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832); **PERMANENTE:** COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias —
MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520); **PERMANENTE:** SA-CAVEM: Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369); **ATÉ ÀS 22 HORAS:** LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240); **ATÉ ÀS 22 HORAS:**

TEATROS

Maria Matos
Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07
De 3.ª a sexta, às 21.30; sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados às 16.00 e 21.30

«ENFIM SÓS!», de Carlos Cruz, Mário Zambujal e José Duarte. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Luísa Barbosa, Natalina José, Henrique Santos, Maria Vieira, Dulce, Fernando Luís, Vítor de Sousa e Amélia Videira.

Variedades
Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matiné às 16.00

A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

Casa da Comédia
R. São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes
Tel. 69 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 18.00

«PEQUENO REBANHO NÃO DESESPERE», de Christian Giudicelli. Encenação: António Feio. Intérpretes: Fernanda Borsatti e Susana Prado.
5.ª, sábado e domingo, às 16.00

«PIERROT E ARLEQUIM», de Almada Negreiros. Pelo Grupo de Teatro da Casa da Comédia. Encenação: Filipe la Féria.

1.º Acto
R. Eduardo A. Pedrosa, 16-A, Algés — Tel. 211 50 33
De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00
«ANFÍTRIOES», de Augusto Abelaira. Pelo Grupo Persona — Teatro de Comédia. Encenação: Guilherme Filipe. Cenários: Rui Marcelino. Intérpretes: Custódia Gallego, Isabel Leitão, Maria Almeida, Miguel Meneses, Carlos Borges, Guilherme Filipe e Jorge Alonso.

Teatro Aberto
P. de Espanha — Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00
Estreia, dia 21 de Dezembro

«ROMÉU E JULIETA», de William Shakespeare. Versão portuguesa: João Lourenço e Vera de San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Dramaturgia: Vera de San Payo Lemos. Música: Eduardo Paes Mamede. Apoio corporal: J. Stobaerts. Movimento de baile: Olga Roriz. Figurinos: Renée Hendrix. Cenário: Jocken Finke. Execução musical: Simon Wadsworth e Francisco Sales.

ABC
Parque Mayer — Tel. 36 67 45
Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30. De 3.ª a sábado às 21.30
«PIJAMA PARA 6», de Marc Camoletti.

M. Estoril — T.M.M. Casimiro
Av. Fausto Figueiredo — Tel. 267 03 20
De 3.ª a 6.ª, às 15.00 e 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30. Até 18 de Dezembro.
«D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS», de Norberto de Ávila. Encenação: Carlos Avilez.

Ritz Clube
R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30
«O BAILE». Pelo grupo A Barraca. Guião e encenação: Helder Costa.

Villaret
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.

«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31 — Tel. 54 62 50
Todos os dias, às 18.00
Entrada livre. Até 16 de Dezembro.

«OLÁ FERNANDO», de J. Salazar Sampaio. Pelo Teatro do Semeador de Portalegre. Encenação: Augusto Telo. Cenários e figurinos: Vladimir Franklin.

Teatro Vasco Santana
Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
Estreia, dia 20 de Dezembro

«HABEAS CORPUS», de Alan Bennett. Pelo Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação: Luzia Maria Martins. Intérpretes: Helena Félix, Lia Sena, Maria José Baião, Fernanda Garção, Célia David, Carlos Santos, Manuel Mendonça, António Machado, José Brás, Vítor Hugo e Rui Anjos.

Coliseu
De 3.ª a domingo às 16 e 21.30.

Circo do Natal
Companhia Internacional. Leões, tigres, trígones, revista canina. Trapezista, quadrante aéreo, ciclistas, perchistas, táxi louco, equilibristas e palhaços.

Circo Chen
P. de Touros Campo Pequeno
Às 21.30. A maior e mais espectacular Companhia Circense. Atracção: O rinoceronte gigante.

Amadora — C.D.I. Almeida Garrett
R. Santos Matos, 2 — Tel. 493 01 19

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O PRÍNCIPE PERFEITO», de António Borges Coelho. Encenação: José Martins e José Peixoto. Música: António Victorino d'Almeida. Cenários: Acácio de Carvalho. Figurinos: Manuela Bronze. Coreografia: Wanda Ribeiro da Silva.

TIL — Teatro Infantil
R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados
«A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER»

Teatro Iberico
R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

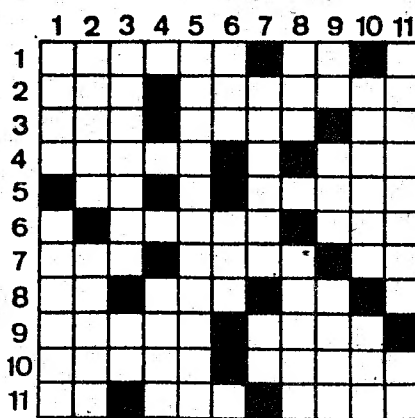
«ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA», de Carlos Fuentes. Encenação: Blanco Xil. Com: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 17 522

HORIZONTAIS:

- 1 Gatuno. Preposição.
- 2 Nome de mulher. Cidade de Itália.
- 3 Preposição. Prende. Prefixo de negação.
- 4 Escavação. Genro de Maomé.
- 5 Carta de jogar. Manha.
- 6 O mesmo que Cândia. Medida de líquidos da Alemanha, Holanda e Suíça.
- 7 Vão. Ninhos. O sono das crianças.
- 8 Apelido. Fruto da aiteira. Prefixo que designa afastamento.
- 9 Gorjeia. Doutorias.
- 10 Tratar por tu. Enganos.
- 11 Preposição e artigo (inv.). Pêlos de certos animais. Espécie de gato-bravo.



VERTICAIS:

- 1 Armadilha. Antiga moeda portuguesa equivalente a dez centavos.
- 2 Torna doce. Missiva.
- 3 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Interjeição de dor (inv.).
- 4 Relativo ao ânus.
- 5 Pastoreira.
- 6 Tanto (inv.). Irmã da mãe.
- 7 Larápio. Preposição.
- 8 Ofereci. Rio da França e da Alemanha.
- 9 Erbio (s.q.). Nome de mulher. Cidade de Itália.
- 10 Mil vezes mil. Ribeira de Portugal.
- 11 Gastávamos. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

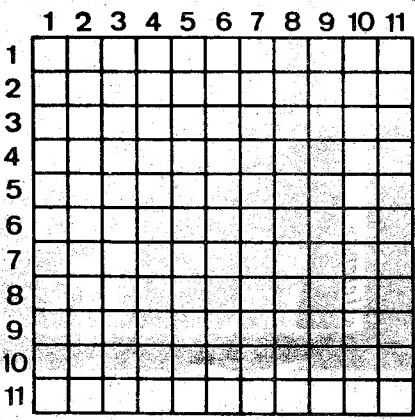
RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 336

HORIZONTAIS:

- 1 Manto oriental de seda bordado a ouro. Ídolo principal dos japoneses.
- 2 Entre os filipinos, a divindade. Empregais.
- 3 Dais urros. Mestiço chinês, em Timor.
- 4 Na Argélia e em Marrocos, escola pública para crianças. Guarnecer de asas.
- 5 Nome de mulher. Espádua. Duas consoantes desiguais.
- 6 Senhora ou princesa muçulmana, no Oriente. Cruel.
- 7 Nome de letra. Induzir.
- 8 Erbio (s.q.). A esmo. Negra.
- 9 Cume. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Idem.
- 10 Autores. Devorara.
- 11 Soluções. Solitário.



VERTICAIS:

- 1 Província do Peru. Errai.
- 2 Alcançariam.
- 3 Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas.
- 4 Autores. Burla (fig.).
- 5 Cidade de Espanha. Metal precioso de cor amarela. Zombaria.
- 6 Aterradas.
- 7 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Prata (s.q.).
- 8 Antiga dança peninsular. Caramus.
- 9 Membros de aves. Correios. Telégrafos e telefones (abrev.). Letra grega.
- 10 Untaria.
- 11 Angustiadados.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 521

HORIZONTAIS:

- 1 Beata. Bacal.
- 2 Óleo. Casado.
- 3 Marca. Bava.
- 4 Ba. Lusa.
- 5 Areal. Dom.
- 6 Usa. Bolo.
- 7 Cr. Soco. Rer.
- 8 Arc. Erro.
- 9 Coarei. Sisa.
- 10 Sacristão.
- 11 Ama. Aoro. SS.

VERTICAIS:

- 1 Bomba. Cacia.
- 2 Ela. Urró.
- 3 Aéreas. Casa.
- 4 Tocaras. Rã.
- 5 Eça.
- 6 Lanceiro.
- 7 Babul. Nô. Jr.
- 8 Asa. Osso.
- 9 Cavador. It.
- 10 Ada. Oleosas.
- 11 Lo. Amor. Aos.

PROVÉRBO: Duro com duro não faz bom muro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 335

HORIZONTAIS:

- 1 DURO. COM. Be.
- 2 Uva. Carochos.
- 3 Ras. Apelam.
- 4 Olá. Re. Em.
- 5 Realeza.
- 6 Na. Imanaras.
- 7 Aplauso. At.
- 8 Olá. Sam.
- 9 Sofia. Ru.
- 10 Baio. Ao. Ser.
- 11 Arm. Az. Gamo.

VERTICAIS:

- 1 DURO. NÃO. Ba.
- 2 Uval. Apitar.
- 3 Rasar. Lá. Im.
- 4 Eia! Só.
- 5 Caramujo.
- 6 Capelas. FAZ.
- 7 Ore. Enódio.
- 8 Moleza.
- 9 Câmara. Sá.
- 10 BOM. Atarem.
- 11 És. OMS. MU

Antena Um

17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Musical; 21.30: A voz de Roma e musical; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: As cores e as formas; 17.30: O violoncelo, obras e intérpretes; 18.40: Música vocal e instrumental, de Marc Antoine Charpentier; 19.00: Integrais; 19.20: Concerto de câmara; 20.40: Concerto, para dois cravos e cordas, em dó maior, BWV 1061, de Johann Sebastian Bach; 21.00: Gravações históricas; 23.00: Eurorádio; 00.35: Concerto nocturno; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: 24.ª hora; 01.00: As noites da Comercial; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Infor-gal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Hora Akai; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

de FM Estéreo

16.00: Fórmula três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia; 19.20: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fontes termais.

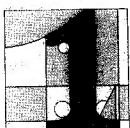
Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; 18.00: Bola branca; 18.30: Voz de Lisboa; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Voz de Lisboa.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; 18.00: Bola branca; 19.00: Jornal da região; 19.30: Largo do Coreto.

RTP



14.20 - Natal dos Hospitais

Espectáculo realizado no Hospital de Stª Maria, com intervenção dos Açores, Madeira e Porto. Alice Cruz, Eládio Clímaco e Artur Agostinho serão os primeiros apresentadores do espectáculo, que terá o seu início com um presépio composto por figuras humanas e a participação de um coro infantil. Participam ainda os «Ministars», «Onda Choc», Nuno e Henrique, Coro de Stº Amaro de Oeiras, Ricardo Manuel, «Bell Dominique, Ilda de Castro, Manuela Bravo, «Trio Odemira», «Trio Nevada», José Malhã, «Io Apolloni», António Calvário, Helena Coelho, Tony de Matos, Theresa Maiúko, Nuno da Câmara Pereira, José da Câmara, António Pinto Bastos e Eduardo Falcão entre outros.

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.07 - O Tempo

20.09 - Direito de Antena

«Sindicato da Industria de Comércio Petrolífero» e «Centro Nacional de Embalagem».

20.10 - Boletim Agrário do

Ministério da Agricultura

20.20 - Vamos Jogar no Totobola

20.35 - Passerelle

57ª Episódio

21.20 - Lotação Esgotada

«Gente Vulgar»: Arredores de Chicago. Calvin Jarret, a sua mulher Beth e o filho mais novo Conrad, tentam superar os dramas que, recentemente, marcaram a família: primeiro, a morte por afogamento do filho mais velho, Buck; depois, a tentativa de suicídio de Conrad. Com alguma relutância, Conrad aceita iniciar uma série de consultas regulares com um psiquiatra, o Dr. Berger. Mas, em casa, as coisas vão de mal a pior.

Interpretação: Donald Sutherland, Mary Tyler Moore, Judd Hirsch, Timothy Hutton, Elizabeth McGovern.

Realização: Robert Redford.

23.50 - 24 Horas

00.25 - Remate



O 7º episódio da série «O Primo Basílio», no 2º canal às 22.00



16.55 - Helena

121ª Episódio

17.30 - Trinta Minutos Com...

18.00 - Torneio Internacional de Basquetebol

«Troféu RTP»

20.00 - No Limiar da Realidade

8ª Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Maude

41ª Episódio

22.00 - O Primo Basílio

7ª Episódio

22.45 - Magazine Musical



No 1º canal às 20.35, o 57º episódio da série «Passerelle»

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Bom Dia

10.00 - Às Dez

12.20 - Brega e Chique

13.00 - Jornal da Tarde

13.27 - Bolsa Dia a Dia

13.30 - Ilha da Fantasia

14.15 - O Regresso do Antílope

15.00 - O Ano das Bestinhas

15.50 - A Última Fronteira

16.30 - Ponto por Ponto

17.30 - Brinca Brincando

18.20 - Tempos Modernos

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.07 - O Tempo

20.10 - Boletim Agrário do Ministério da

Agricultura

20.20 - Passerelle

21.10 - Cântico de Natal

23.05 - 24 Horas

23.40 - Remate

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas

15.25 - Casa de Irene

15.45 - Magazine Cinema

16.10 - Quem Sai aos Seus...

16.55 - Helena

17.30 - Trinta Minutos Com...

18.00 - A Malta de Bronx

19.00 - Music Box

19.55 - No Limiar da Realidade

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Maude

21.55 - Hora da Verdade

22.55 - Hitchcock Apresenta...

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

«Helena»

LOEWE seleccionou para si...



Representante Continente e Ilhas

PORTO
Telef. 9515003



LISBOA
Telef. 777824



Um homem, Manuel Pereira, 39 anos, e os seus sete cães, morreram hoje, carbonizados, quando ardeu a barraca onde viviam. Foi na Venda Nova, Amadora, nas traseiras do hipermercado «Pingo Doce». Quando os bombeiros chegaram ao local as chamas envolviam a barraca e apenas lhes foi possível salvar da morte um cão. A PSP da Amadora tomou conta da ocorrência e o corpo de Manuel Pereira seguiu para o Instituto de Medicina Legal.

Portugal, o país menos desenvolvido (ou quase) da OCDE

De acordo com as estatísticas agora divulgadas pela Agência de Planificação Económica (EPA), o Produto Interno Bruto da Turquia em 1987 (1 1 268 dólares) foi o mais baixo entre os 24 países membros da OCDE, logo seguido do PIB de Portugal (3 685 dólares).

Os países escandinavos ocupam quatro dos seis primeiros lugares: a Islândia com 21 714, a Noruega com 19 861, a Dinamarca com 19 766 e a Suécia com 18 937. Os outros dois são os campeões da tabela, a Suíça com 25 765 e o Japão com 19 547. O PIB espanhol de 7 414 é o dobro do português, e a França encontra-se exactamente a meio da tabela com 15 818 dólares.

De resto, os números agora divulgados pela EUROS-TAT, o office de estatísticas da OCDE indicam que na CEE o preço de um «Cabaz de Compras» de referência é mais barato em Portugal (1 300 escudos) do que na Dinamarca (3 130 escudos), que são os países extremos da tabela. Em Espanha, o preço desse «Cabaz de Compras» é de 1 750 escudos e em França é de 2 400 escudos, quase o dobro daquilo que se verifica no nosso país.

D/E/C/A/R/A/S/



KINITO, palhaço, já falecido, na hora de uma homenagem nacional. Porquê não, se estamos em tempo de «palhaçadas» sucessivas e em que os protagonistas têm direito a retratos e mais retratos, sendo que nem sequer nos fazem rir? Homenageie-se, pois, este palhaço português, um daqueles que ainda hoje vivem na memória de muitos meninos e adultos que tiveram oportunidade de passar momentos agradáveis na sua companhia. A iniciativa desta homenagem nacional partiu da Câmara Municipal de Setúbal, em colaboração com a Escola Superior de Educação e o Círculo Cultural locais. Data marcada: entre 21 e 28 de Janeiro, com um programa em que avulta um encontro sobre a vida dos palhaços em Portugal. Durante uma semana serão realizados espectáculos de palhaços nas escolas preparatórias do concelho, a par de uma exposição do espólio de Kinito e da exibição do filme «Palhaços», de Federico Fellini. A fechar, um espectáculo com os melhores palhaços portugueses.

Suspensa administração da Caixa Açoreana

O «Diário da República» publica hoje a resolução do Conselho de Ministros que suspende das suas funções os administradores da Caixa Económica Açoriana (CEA).

A resolução, aprovada a semana passada em Conselho de Ministros, sob proposta do ministro das Finanças, indica que vai ser nomeada uma comissão administrativa para a instituição, com composição a determinar por despacho de Miguel Cadilhe.

Um incêndio dominado

Um incêndio que se declarou cerca das 10.20 h de hoje no número 33 da Praça do Príncipe Real em Lisboa foi declarado dominado meia hora depois — disse uma fonte do Regimento de Sapadores Bombeiros.

"Record" propostas

Não havia dado entrada na administração do «Diário Popular», até ao fim da manhã de hoje, qualquer proposta para a compra da participação pública no trisemanário desportivo «Record». A sua base de licitação foi fixada em cem mil contos.

O prazo para entrega termina às 17 horas de hoje, tendo o «DL» apurado que na sua aquisição está interessado um grupo de jornalistas daquele trisemanário, cuja publicação tem sido rentabilizada, nos últimos anos, por todos eles.

Admitia-se esta manhã que uma das propostas a entregar na administração do «DP» fosse a dessa anunciada cooperativa. A participação pública em aberto é de 73 por cento do capital.

As propostas serão abertas às 15 horas de amanhã, quinta-feira.

A.M.A. *Auto Monumental do Arco*

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

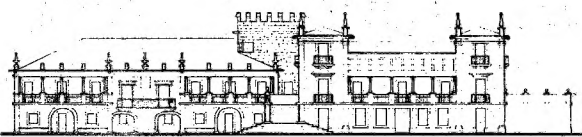
NOVIDADE - HORIZONTE

CARLOS DE AZEVEDO SOLARES PORTUGUESES

Reedição de uma obra fundamental para a compreensão da história da arquitectura civil em Portugal.

Profusamente ilustrada com fotos do autor e desenhos de Salgado Dias.

Edição com encadernação de luxo



Pedidos a:
LIVROS HORIZONTE
Rua das Chagas, n.º 17, 1.º Dto, 1200 LISBOA
Tel.: 36 69 17 - 36 05 05

Distribuição:
DIGLIVRO - Lisboa Tel. 99 22 00/01/02
MOVLIVRO - Porto Tel. 57 89 37/57 89 94